H.G WELLS

A NOVA ORDEM MUNDIAL

LiteraMundo

O FIM DE UMA ERA

NESTE PEQUENO LIVRO, quero definir o mais compacta, clara e proveitosamente possível a essência do que tenho aprendido sobre guerra e paz durante minha vida. Não vou escrever propaganda pacifista aqui. Eu vou despir certas ideias gerais e realidades de importância primordial para sua estrutura, e assim, preparar um núcleo de conhecimentos úteis para os que devem continuar com esse negócio de criar um mundo pacífico. Não vou persuadir as pessoas a dizer "Sim" para a paz mundial; já estivemos longe demais da abolição da guerra, fazendo declarações e assinando resoluções; todo mundo quer paz ou finge que quer a paz, e não há necessidade de adicionar sempre mais uma sentença a todo esse volume de coisas tão ineficazes. Estou apenas tentando dizer o que devemos fazer e o preço que temos que pagar pela paz mundial se, realmente, pretendermos alcançá-la.

Até a Grande Guerra, a I Guerra Mundial, eu não me incomodei muito com guerra e paz. Desde então, eu tenho quase me especializado neste problema. Não é muito fácil recordar antigos estados de espírito que, dia a dia e ano a ano, têm crescido, mas acho que nas décadas anteriores a 1914, não só eu, mas a maioria da minha geração - no Império Britânico, França, América e na maior parte do mundo civilizado - pensou que a guerra estava deixando de existir.

Foi o que aparentou para nós. Foi uma ideia agradável e, portanto, facilmente aceita. Imaginamos que a Guerra FrancoGermânica de 1870-71 e a Guerra Russo-Turca de 1877- 78 foram os últimos conflitos entre grandes potências, e que agora havia um Equilíbrio de Poder, suficientemente estável, para tornar uma grande guerra impraticável. Uma Tríplice Aliança enfrentou uma Aliança Dupla, e nenhuma teve motivo para atacar a outra. Acreditamos que a guerra estava encolhendo para meros assuntos expedicionários na periferia de nossa civilização, só para questões de polícia de fronteira. Ao que parecia, hábitos de relações tolerantes foram sendo reforçados a cada ano em que a paz das Potências permaneceu intacta.

Estava acontecendo uma leve corrida armamentista; leve para os nossos padrões atuais de equipamento; a indústria de armamento estava num

empreendedorismo rápido; porém nós não vimos a implicação total disso; preferimos acreditar que o aumento

geral do bom senso seria forte o suficiente para evitar que esta atual proliferação de armas fosse colocada em uso prático. E nós sorrimos satisfeitos aos uniformes, desfiles e manobras das forças armadas. Eram os brinquedos de reis e imperadores. Eles faziam parte do lado exibicionista da vida, contudo nunca se transformariam em matança e destruição real. Eu não acho que exagero sobre a complacência permissiva de 1895, quarenta e cinco anos atrás. Era uma complacência que durou com a maioria de nós até 1914. Em 1914, quase ninguém abaixo de cinquenta anos na Europa ou América tinha visto nenhuma guerra em seu próprio país.

O mundo antes de 1900 parecia se dirigir firmemente a uma unificação silenciosa, mas efetiva. Alguém poderia viajar sem passaporte pela maior parte da Europa; a União Postal entregava cartas sem censura e com segurança do Chile para a China; dinheiro, baseado essencialmente em ouro, oscilava apenas muito levemente; e o imenso Império britânico ainda mantinha uma tradição de livre comércio, igualdade de tratamento e abertura para todas as pessoas vindas das redondezas do planeta. Nos Estados Unidos você poderia andar por dias e nunca ver um uniforme militar. Em comparação com hoje, a Terra vivia, de qualquer modo, uma época de segurança, livre-trânsito e bom humor, principalmente para os norte- americanos e os europeus.

Entretanto, à parte daquele crescimento estável e sinistro da indústria armamentista, havia o trabalho de outras forças mais

profundas que antecipavam problemas. As Embaixadas dos vários Estados soberanos não tinham esquecido as tradições competitivas do século XVIII. Os almirantes e generais estavam contemplando, com oscilação entre a hostilidade e o deslumbramento, a fome de armas com que a indústria siderúrgica ia, suavemente, pressionando suas mãos. A Alemanha não compartilhou a auto-complacência do

mundo de língua inglesa, ela queria um lugar ao sol. Foi aumentando a fricção pela partilha de regiões de matéria-prima na África; os britânicos sofriam de russo-fobia crônica sobre as suas vastas divisões no Leste e

sobre se decidir a transformar o Japão em uma potência imperialista modernizada; e também "lembraram Majuba"; os EUA estavam irritados com a desordem de Cuba e acharam que a fraqueza das extensas posses espanholas seriam melhores para uma mudança de gestão. Então o jogo de poder político continuou, mas passou às margens da paz que prevalecia. Houve várias guerras e mudanças de limites, mas elas não envolveram nenhuma perturbação fundamental da vida civilizada geral; elas não pareciam ameaçar seriamente o crescimento da tolerância e dos entendimentos. As tensões econômicas e os problemas sociais se agitaram e murmuraram sob as superfícies organizadas da vida política, mas não ameaçaram nenhuma convulsão. A ideia de eliminar completamente a guerra, de limpar o que havia restado dela, estava no ar, porém sem qualquer senso de urgência. O Tribunal de Haia estava estabelecido e havia uma disseminação constante das concepções do Direito Internacional e da arbitragem. Realmente parecia a muitos que os povos da Terra tinham se estabelecido em seus vários territórios para disputas jurídicas ao invés de uma disputa de guerras. Se havia muita injustiça social ela estava começando a ser cada vez mais resolvida por um acelerado senso de decência social. As próprias aquisições conduzidas com decoro e espírito público estavam na moda.

Um pouco disso era muita honestidade que havia no espírito- público.

Naqueles dias, que já eram quase mais de metade das nossas vidas, ninguém pensou em qualquer tipo de administração mundial. Aquela colcha de retalhos de grandes e pequenas potências parecia o método mais razoável e possível de execução do negócio da Humanidade. As comunicações eram muito difíceis

para um controle centralizado do mundo. A Volta ao Mundo em Oitenta Dias, quando foi publicada há setenta anos atrás, parecia uma fantasia extravagante. Era um mundo sem telefone ou rádio, sem nada mais veloz que um trem na estrada de ferro ou mais destrutivo do que a bomba H.E. Shell (High Explosive Shell). Eram maravilhas. Era muito mais conveniente administrar o equilíbrio do poder no mundo em áreas nacionais separadas e, já que havia tais limitações para que os povos tivessem acesso uns aos outros ou para causar prejuízos, então não parecia haver nada de errado no patriotismo ardente e na completa

independência dos Estados soberanos separados. A vida econômica em grande parte foi dirigida por empresas privadas irresponsáveis em suas finanças que, por causa de sua propriedade privada, foram capazes de espalhar as suas transações unificadoras em uma rede que prestava pouca atenção a fronteiras e sentimentalismo nacional, racial ou religioso. Os "Negócios" eram muito mais uma comunidade mundial do que as organizações políticas. Havia muitas pessoas, especialmente na América, que imaginavam que os "Negócios" poderiam, finalmente, unificar o mundo e afundar os governos em subordinação à sua rede.

Hoje em dia, após os acontecimentos, podemos ser sábios e ver que, sob a superfície simplista das coisas, poderes com risco de criar conflitos constantemente, estavam se fortalecendo. Mas essas forças disruptivas desempenhavam um papel, relativamente, pequeno no cenário mundial de meio

século atrás, quando as ideias daquela velha geração, que ainda domina nossa vida política e a educação política dos seus sucessores, foram formadas. É do conflito daquelas ideias com meio século de antiguidade, sobre equilíbrio de poder e iniciativa privada, que surge um dos principais esforços do nosso tempo. Essas ideias funcionaram

razoavelmente bem em seu tempo e é ainda, com extrema relutância, que nossos governantes, professores e políticos, se posicionam diante da necessidade de uma profunda adaptação mental de seus pontos de vista, métodos e interpretações para a cessação das forças disruptivas que antes pareciam tão insignificantes mas que, agora, estão quebrando sua velha ordem completamente.

Foi por causa dessa crença numa crescente boa-vontade entre as nações, por causa da satisfação geral com as coisas como elas estavam, que as declarações de guerra alemãs em 1914 despertaram uma tempestade de indignação em todos os países que permaneciam confortáveis. Considerou-se que o Kaiser alemão tinha quebrado a tranquilidade do clube do mundo, desenfreadamente e desnecessariamente. A guerra foi travada "contra os Hohenzollerns.

[1] " Eles deveriam ser expulsos do clube, algumas multas pagas e tudo estaria bem. Essa era a ideia britânica de 1914. Esse negócio ultrapassado

de guerra, então, estava substituído, de uma vez por todas, pela garantia de respeito mútuo pelos mais respeitáveis membros do clube por meio de uma Liga das Nações. Não havia nenhuma apreensão de natureza mais profunda na operação daquela grande convulsão por parte dos dignos anciões estadistas que construíram a paz. E então se esperava sempre resolver as coisas no Palácio de Versalhes com seus tratados.

Por vinte anos as forças disruptivas têm aumentado sob a superfície daquela nação pouco povoada, e nesses vinte anos não houve nenhum ataque eficaz contra os enigmas com os quais seu crescimento nos confronta. Por tudo isso, o período da Liga das Nações tem sido o ópio do pensamento liberal no mundo.

Hoje tem guerra para se livrar de Adolf Hitler, que assumiu a parte dos Hohenzollerns no drama. Ele também ofendeu

as Regras do Clube e está para ser expulso. A guerra, a Guerra de Hitler-Chamberlain (Alemanha contra Reino Unido), está sendo travada, até agora, pelo Império Britânico com mentalidade bastante ultrapassada. Não aprendeu nada e nada esqueceu. Há a mesma determinação de desprezo para um problema mais elementar.

As mentes da nossa confortável e influente classe dominante ainda se recusam a aceitar a simples insinuação de que seu tempo acabou, que o Equilíbrio de Poder e os métodos de negócio descontrolados não podem continuar, e que Hitler, assim como os Hohenzollerns, é o ataque de uma pequena ferida diante de um mundo profundamente doente. Livrar-se dele e de seus nazistas não será mais uma cura para os problemas do mundo assim como raspar feridas não cura sarampo. A doença se manifestará em uma nova erupção. É o sistema de individualismo nacionalista e de empresas não coordenadas que é a doença do mundo, e é todo o sistema que tem que ir embora. Tem que ser recondicionado nas suas fundações ou substituído. Não se pode esperar para "sair dessa" amistosamente, desperdiçando a oportunidade, para esperar sair perigosamente uma segunda vez que acontecer. Paz mundial significa uma grande revolução. Cada vez mais de nós começamos a perceber que não pode significar menos do que isso.

Portanto, a primeira coisa que deve ser feita para se pensar nos problemas primários da paz mundial é perceber isto: que

estamos vivendo no fim de um período da história, o período dos Estados soberanos. Como costumávamos dizer na década de 1880 com absoluta verdade: "Estamos em uma época de transição" . Agora nós temos uma medida da gravidade da mudança. É uma fase da vida humana que pode levar, como estou tentando mostrar, a um novo modo de viver para a nossa espécie ou, mais ou menos,

a uma rápida degradação da violência, da miséria, da destruição, da morte e da extinção da Humanidade. Estas não são frases retóricas que estou usando aqui; quero dizer literalmente o que eu disse: a desastrosa extinção da humanidade.

Essa é a questão diante de nós. Não é nenhum caso da pequena política de gabinetes que temos que considerar. Enquanto escrevo, no momento, milhares de pessoas estão sendo mortas, feridas, perseguidas, atormentadas, maltratadas, entregues à mais intolerável e desesperada agonia e destruídas moralmente e mentalmente, e não há nada em vista, atualmente, para frear a propagação desse processo e impedi-lo de atingir você e os seus. Ele está vindo para você e os seus agora em grande velocidade. Claramente, na medida em que somos criaturas racionais, percebemos que não há nada a fazer por qualquer um de nós agora, a não ser tornar essa questão da paz mundial uma decisão de interesse das autoridades na direção de nossas vidas. Se fugirmos dela vai nos alcançar e nos pegar. Temos que enfrentá-la. Temos que resolvê-la ou ser destruídos por ela. É tão urgente e compreensível exatamente como tudo isto.

CONFERÊNCIA ABERTA

ANTES, VAMOS EXAMINAR O QUE eu chamei até agora de "forças disruptivas" na ordem social atual; deixem-me sublinhar uma necessidade primária para uma discussão mais franca e livre sobre as organizações de luta e as instituições em ruínas, no meio das quais conduzimos nossas vidas atuais, desconfortáveis e precárias. Não deve haver proteção para os líderes e organizações da crítica mais profunda, sob o fundamento

daquele país estar ou poder estar em guerra. Ou sob qualquer pretexto. Temos de falar abertamente, amplamente e claramente. A guerra é apenas incidental; mas a necessidade de reconstrução revolucionária é fundamental. Nenhum de nós ainda está esclarecido sobre algumas das questões mais importantes que temos adiante, não somos suficientemente lúcidos em nossas próprias compreensões, para ser ambíguos; e um sussurro só pelo tato, ou declarações indiretas feitas de olho em algum censurador, irão confundir nossos pensamentos e os das pessoas com quem desejamos entendimento, causando a esterilização completa e a derrota de todos os esforços de reconstrução.

Nós queremos falar e dizer exatamente o que as nossas ideias e sentimentos são, não só aos nossos concidadãos, mas para os nossos aliados, para os neutros e, acima de tudo, às pessoas que marcham em exércitos contra nós. Queremos ter a mesma sinceridade deles. Porque, até aqui, temos trabalhado fora de uma base comum de ideias com eles, e a paz será apenas um

equilíbrio incerto enquanto antagonismos novos se desenvolverem.

Precisamos de um grande debate simultâneo com esta guerra. Queremos que cada pessoa no mundo participe desse debate. Ele é muito mais importante do que a guerra atual. É intolerável pensar nesta tempestade de angústia universal, levando a nada mais que uma "conferência" de diplomatas sem contato com o mundo real, em reuniões secretas, a ambíguos "entendimentos" ....

Esta tragédia não pode acontecer duas vezes. Mas o que vai impedir que se repita?

É muito fácil definir os limites razoáveis de censura num país em guerra. É evidente que a publicação de qualquer informação suscetível de ter a menor utilidade para um inimigo deve ser drasticamente antecipada e proibida; não só informações diretas, por exemplo, mas insinuações e traições por descuido sobre a posição e os movimentos dos navios, tropas, acampamentos, depósitos de munições, suprimentos alimentares e relatórios falsos de derrotas, vitórias e escassez iminente, tudo o que possa levar ao pânico cego e à histeria, e segue-se assim por diante. Mas a matéria toma um aspecto completamente diferente quando se trata de

afirmações e sugestões que podem afetar a opinião pública no seu próprio país ou no estrangeiro, e que podem nos ajudar a chegar a uma ação política saudável e corretiva.

Um dos aspectos mais desagradáveis de um estado de guerra em condições modernas é o aparecimento de um enxame de indivíduos, muito inteligentes pela metade, em posições de autoridade. Empolgado, vaidoso, preparado para mentir, distorcer e, geralmente, iludir pessoas em estados de condescendência por motivos de resistência, indignação, vingança, dúvida ou confusão mental, estados de espírito que, supostamente, ajudariam a levar a uma vitória militar final. Essas pessoas adoram distorcer e censurar fatos. Isso lhes dá uma sensação de poder; se elas não conseguem criar, pelo

menos podem atrapalhar e esconder. Particularmente, se intrometem entre nós e as pessoas com quem estamos em guerra para atrapalhar qualquer possibilidade de reconciliação. Sentam-se, cheios do vinho de sua autoridade transitória, longe das fadigas e dos perigos do conflito, manipulando as cordas imaginárias na mente das pessoas.

Na Alemanha, o pensamento popular parecia estar sob o controle do Sr. Dr. Goebbels; na Grã-Bretanha, nós, escritores, fomos convidados a nos colocar à disposição de algum ministério da informação, ou seja, à disposição de indivíduos até então sem clareza e nem representatividade, e a escrever sob seu conselho. Funcionários do Conselho Britânico e do Diretório do Partido Conservador ganham posições-chave nesse Ministério. Essa organização curiosa e pouco divulgada de que acabei de falar, a criação de Lord Lloyd segundo me disseram, o Conselho Britânico, envia emissários para o exterior, entre escritores, mulheres bem vestidas e outras personagens culturais, para dar palestras, cativar e conquistar a apreciação estrangeira pelas características britânicas, pelo cenário britânico, as virtudes políticas britânicas e assim por diante. De alguma maneira isto é, supostamente, para ajudar em alguma coisa ou outra. Silenciosamente, discretamente, isso foi adiante. Quiçá essa amostra britânica forneça garantias não autorizadas, contudo provavelmente causa pouco dano. Mesmo assim, não é conveniente que elas sejam aplicadas em tudo. Qualquer propaganda de Governo é contrária ao espírito essencial da democracia. A expressão da opinião e

do pensamento coletivo deveria estar completamente fora do alcance das atividades do governo. Deveria ser o trabalho de indivíduos livres, cujo destaque é dependente da resposta e apoio do senso comum.

Mas aqui eu tenho que fazer as pazes com o senhor Lloyd. Fui levado a acreditar que o Conselho Britânico era responsável pelo Sr. Teeling, autor de Crise para a Cristandade, que eu falei tanto no livro O Destino do Homo Sapiens.

Eu agora retiro o que disse. O Sr. Teeling, presumo, foi enviado em suas viagens por um jornal católico. O Conselho Britânico era inteiramente inocente dele.

Os Ministérios da Informação e da Propaganda fazem o seu melhor para desviar os dons limitados e as energias dos tais escritores, palestrantes e locutores que nós possuímos, e canalizálas para a produção de estrume hipócrita que vai bagunçar a mente do público, e enganar o estrangeiro curioso, porém, além disso, eles mostram uma disposição cerrada para abafar quaisquer expressões livres e independentes que, a meu ver, contradigam seus próprios planos secretos e profundos para a salvação da Humanidade.

Em todo canto agora é difícil arranjar uma publicação adequada e de grande alcance, para discussão sincera sobre a maneira como o mundo está indo, e sobre as forças políticas, econômicas e sociais que nos conduzem. Isto não se dá tanto devido à censura, entretanto é mais pela desorganização generalizada em que os assuntos humanos estão se dissolvendo. De fato, no mundo do lado Atlântico, dificilmente ainda tem algum sinal como o daquela espionagem direta sobre opinião, que sufoca quase completamente hoje em dia, a vida mental das pessoas inteligentes italianas, alemãs e russas. Alguém ainda pode pensar o que gosta, dizer o que gosta e escrever o que gosta, mas mesmo assim, já existe uma dificuldade crescente em obter opiniões atrevidas e heterodoxas ouvidas e lidas. Os jornais estão com medo de todos os tipos dos menores crimes, os editores, com exceções tão valentes quanto os editores deste livro, são exageradamente discretos; eles ficam de sobreaviso para evitar

este ou aquele tópico em particular; há boicotes obscuros e dificuldades comerciais, dificultando a ampla difusão de ideias em geral, de inúmeras

maneiras. Eu não traduzo que haja algum tipo de conspiração organizada para suprimir a discussão, mas digo que a Imprensa, as organizações editoriais e de venda de livros em nossos países livres, proporcionam uma maquinaria muito mal organizada e inadequada, para a ventilação e a distribuição do pensamento.

Os editores publicam sem nenhuma finalidade, mas por lucros seguros; espantaria um livreiro dizer a ele que ele fazia parte da organização educacional do mundo, ou a um representante comercial de uma editora que ele existia para um outro propósito além de tirar pedidos ao máximo para os livros mais vendidos (best sellers) e para ganhar uma comissão-recorde – deixando ir embora a outra coisa, a coisa intelectual e tudo aquilo. Eles não entendem que deviam priorizar utilidade pública antes do ganho. Eles não têm nenhum estímulo para agir assim e nenhum orgulho na sua função. Sua moral é a de um mundo de lucros. Os jornais gostam de inserir artigos corajosos olhando o liberalismo convencional, falando alto de paz e exibindo uma nobre indefinição sobre seu resultado; agora que estamos em guerra irão publicar os ferozes ataques contra o inimigo - porque tais ataques são, supostamente, para manter o espírito de luta do país; porém quaisquer ideias que são, realmente, alta e claramente revolucionárias eles não ousam pôr em circulação ao todo. Sob estas condições desorientadoras não há nenhuma discussão aprofundada das perspectivas do mundo, qualquer que seja, em qualquer lugar. A esse respeito, as democracias são apenas uma sombra melhor do que as ditaduras. É ridículo representá-las como reinos de luz em luta contra as trevas. Este grande debate sobre a reconstrução do mundo é uma coisa

mais importante e urgente do que a guerra, e não existe mídia adequada para a publicação, a crítica e a correção de quaisquer convicções amplas e gerais. Há uma certa precipitação, infrutífera e improdutiva, de ideias construtivas, mas tem pouco senso de questionamento sustentado, poucos intercâmbios reais, progresso insuficiente, nada é descartado, nada é resolvido e nada é aproveitado permanentemente. Ninguém parece ouvir o que outra pessoa está dizendo. Isso acontece porque não tem senso de espectador para esses ideólogos. Não há público efetivo dizendo

rudemente e obstinadamente: "o que A tem dito parece importante. B e C, em vez de bombardear no vazio, nos dirão, com exatidão, onde e porque

eles discordam de A? E agora nós chegamos à verdade comum de A, B, C e D. Aqui está F , dizendo alguma coisa. Ele será tão bom que se possa correlacionar o que ele tem a dizer com A, B, C e D?"

Contudo, não há tal fundo de retorno em evidência de modo inteligente, por parte de um observador crítico dentre o público mundial. Há algumas pessoas aqui e ali lendo e pensando em fragmentos desconectados. Este é todo o pensamento que nosso mundo está produzindo diante do desastre planetário. Que as universidades, os abençoem! ou estão em um uniforme ou em silêncio.

Precisamos arejar nossas próprias mentes; precisamos de intercâmbios sinceros se quisermos alcançar qualquer entendimento em comum. Nós precisamos elaborar outra concepção, externa e clara, da ordem mundial que preferiríamos em lugar deste caos presente, que precisamos dissolver nossas diferenças ou precisamos de um compromisso sobre elas, de modo que possamos firmar nossos rostos com segurança em direção à possibilidade de paz mundial. O ar está cheio das panaceias de débeis mentais, nenhum ouvindo os outros e a maioria deles tentando silenciar os demais em sua impaciência. Milhares de tolos estão prontos para nos escrever uma receita completa para resolvermos os nossos problemas mundiais. Será que as pessoas nunca

perceberão a sua própria ignorância e incompletude (da qual surge esta absoluta necessidade para um estatuto planeado das realidades do problema), para o exame mais exaustivo e abundante das diferenças de opinião e para a mais cruel averiguação de todas as possibilidades (entretanto, por mais desagradável que pareça) da situação?

Antes de mais nada, então, nesta pesquisa sobre um caminho para a paz mundial, empreguei vigor na publicação e liberdade de expressão. É a coisa melhor pela qual se lutar. É a essência de sua honra pessoal. É seu dever, como um cidadão do mundo, fazer o que puder por ela. Não apenas deve resistir a supressões, mas também tem que lutar da sua maneira, fora do nevoeiro. Se você encontrar seu livreiro ou vendedor de jornais falhando em distribuir qualquer tipo de publicação - mesmo que você esteja em total desacordo com a visão daquela publicação você deve apontar a arma do boicote contra o infrator e encontrar outro livreiro ou

vendedor de jornais para tudo o que lê. O aspirante a cidadão do mundo deve inscrever- se também em tais organizações como o Conselho Nacional para Liberdades Civis; ele deveria usar qualquer vantagem que sua posição pudesse lhe dar para fiscalizar a supressão da liberdade de expressão; e deveria se acostumar a desafiar o absurdo, educadamente mas com firmeza, e dizer, sem medo, e tão claramente quanto possível, o que está em sua mente e escutar também destemidamente tudo o que lhe é dito. Isto, para que possa saber melhor através de confirmação ou correção. Para se reunir com outras pessoas, a fim de argumentar e discutir, pois o primeiro dever de todo homem razoável é pensar, organizar e implementar o pensamento. Este mundo da gente está caindo aos pedaços. Ele tem que ser reconstruído e só pode ser, efetivamente reconstruído, na luz. Só a mente livre, clara e aberta pode nos salvar, e essas

dificuldades e obstruções em nossa linha de pensamento são tão ruins quanto crianças botando obstáculos numa linha de trem, ou espalhando pregos numa rodovia de alta velocidade. Este grande debate mundial deve continuar, e tem que ser agora. Agora, enquanto as armas ainda estão atirando, é a vez do pensamento. É incrivelmente tolo falar, como tantas pessoas fazem,

de terminar a guerra e então ter uma Conferência Mundial para inaugurar uma nova era. Tão logo a luta cesse a conferência do mundo real, a discussão ao vivo vai parar também. Os diplomatas e políticos se reunirão com um ar de profunda competência e fecharão as portas do mundo exterior e retomarão - Versalhes. Enquanto o mundo silenciado boceja e espera sobre os seus mistérios.

FORÇAS DISRUPTIVAS

E AGORA PERMITIMOS que chegassem as forças disruptivas, que têm reduzido o sonho do final do século XIX, de um poderoso mosaico mundial do pluralismo de Estados cada vez mais civilizados, ligados por uma interdependência financeira e econômica cada vez maior, (então permitimos que chegassem as forças disruptivas) para completar a incredulidade e forçar cada mente inteligente a precisar elaborar uma

nova concepção do mundo que deveríamos ter. É extremamente importante que a natureza dessas forças disruptivas seja claramente compreendida, e mantida em mente. Compreendê- las é segurar as pistas para os problemas atuais do mundo. Esquecer-se delas, mesmo por um momento, é perder contato com a realidade essencial e afastar-se por questões menores.

O primeiro grupo dessas forças é o que as pessoas costumam chamar de "abolição da distância" e "mudança de escala" nas operações humanas. Esta "abolição da distância" começou há bem mais de um século atrás, e seus efeitos anteriores não eram disruptivos ao todo. Ela uniu e entrançou os Estados Unidos da América espalhando-se por distâncias que, de outra forma, poderiam ter esticado sua solidariedade até o ponto de ruptura, e ela permitiu que o Império Britânico se alastrasse, mantendo contatos em todo o planeta.

A influência disruptiva da abolição da distância apareceu somente mais tarde. Sejamos claros sobre seu significado essencial. Ao que parece, por intermináveis séculos, o meio de locomoção mais rápido tinha sido o cavalo na estrada, o homem correndo, a galé e o barco a vela dependente das condições do tempo. (Havia o holandês fazendo um show sobre patins em seus canais [2] , mas que foi uma exceção de alta velocidade e não uma regra geral). A vida política, social e imaginativa do homem por todos esses séculos, foi adaptada a essas condições limitantes. Elas determinavam as distâncias a que os bens comercializáveis tinham viabilidade de ser enviados, os limites aos quais o governante podia enviar suas ordens e seus soldados, os limites de onde receber notícias e, de fato, toda a escala de vida. Poderia haver bem pouco sentimento verdadeiro de comunidade além do perímetro de relações mais frequentes.

Portanto, a vida humana caiu, naturalmente, em áreas determinadas pela interação entre essas limitações e tais obstáculos naturais como mares e montanhas. Certos países como França, Inglaterra, Egito e Japão apareceram e reapareceram na história como coisas naturais e necessárias, e, embora tenha havido esforços políticos tão grandes como os do Império Romano, nunca obtiveram uma unidade duradoura. O Império Romano manteve-se

unido como papel molhado; estava sempre caindo aos pedaços. Os impérios mais antigos, além de seus núcleos nacionais, eram meros poderes precários de tributo. O que eu já chamei de miscelânea mundial das grandes e pequenas potências foi, portanto, sob as antigas condições de cavalo-e- pé e de navio-vela, uma questão de necessidade natural quase tanto quanto o tamanho das árvores e animais. Dentro de um século tudo isso mudou e ainda temos que encarar o que essa mudança significa para nós. Primeiro veio o vapor, o trem-a-vapor, o navio-a-vapor e, então, num acelerado crescimento, vieram o motor de combustão interna, a tração elétrica, o automóvel, o barco a motor, o avião, a transmissão de energia das usinas elétricas, o telefone, o rádio. Sinto-me orgulhoso em citar esta história bem conhecida. Cito, então, em ordem, para reforçar a afirmação de que todas as áreas que foram as mais convenientes e eficientes para os velhos tempostradicionais de vida, tornaram-se cada vez mais inconvenientes, fechadas e estreitas para as novas necessidades. Isto se aplicou a todo tipo de área administrativa, desde os municípios e distritos urbanos, desde o âmbito de empresas distribuidoras e até os Estados soberanos. Estes eram - e na maior parte ainda são - muito pequenos e muito próximos uns dos outros para as novas exigências. Em todo o traçado social, este apertar-se e espremer-se juntos é uma inconveniência, mas quando se trata de áreas de Estados soberanos, torna-se impossivelmente

perigoso. Torna-se uma coisa intolerável; a vida humana não pode continuar com as capitais da maioria dos países civilizados do mundo ao alcance de uma hora de bombardeio das suas fronteiras, atrás das quais, ataques podem ser preparados e artefatos secretos feitos sem qualquer forma de controle. Apesar disto, ainda estamos tolerantes

e leais às programações que procuram manter este estado de coisas e tratá-lo como se nada mais fosse possível. A presente guerra, a favor e contra Hitler, Stalin e o Sr. Chamberlain e assim por diante, nem sequer toca no problema essencial da abolição da distância. Pode, realmente, destruir tudo e ainda não resolver nada. Se alguém pudesse eliminar todas as questões do presente conflito, deveríamos ainda, ser confrontados com o enigma essencial, que é a abolição das fronteiras da maioria dos Estados soberanos existentes, e sua fusão em alguma Paz maior. Temos que fazer isso se alguma vida humana suportável for prosseguir. Tratados

e garantias mútuas não são suficientes. Certamente aprendemos o suficiente sobre o valor dos tratados durante o último meio século para perceber isto. Temos que, só por causa da abolição da distância, reunir os litígios humanos, juntos sob um controle comum de prevenção da guerra.

Entretanto, esta abolição da distância é apenas um aspecto mais vívido da mudança nas condições da vida humana, entrelaçada com o que é uma mudança geral de escala nas operações humanas. Os últimos cem anos tem sido uma época de invenção e descoberta para além das conquistas dos três milênios anteriores. Em um livro que publiquei há oito anos, O Trabalho, Riqueza e Felicidade da Humanidade

, tentei resumir a conquista do poder e das substâncias que ainda está acontecendo. Há mais energia gasta em uma cidade moderna como Birmingham por um dia, do que precisamos para manter toda a Inglaterra elisabetana funcionando por um ano; há mais energia destrutiva em um único tanque do que a que bastou para o exército de William I na conquista da Inglaterra. O homem agora é capaz de produzir ou destruir numa escala além da maior comparação com o que ele pôde antes que esta tempestade de invenções começasse. E a consequência é o constante e mais distante afastamento da vida

social ordenada dos nossos tataravós. Nenhum comércio, nenhuma profissão, está isenta. As velhas rotinas e classificações sociais têm sido, como dizem as pessoas, um "bobo nocauteado" . Não há nenhum tipo de ocupação, seja pesca, agricultura, trabalho têxtil, trabalhos em metal, mineração, que não sofra de reajuste constante aos novos métodos e recursos. Nossas tradições de comércio e distribuição cambaleiam após essas mudanças. Qualificadas profissões desaparecem na liquefação geral. As novas organizações de poder estão destruindo as florestas do mundo em velocidade desenfreada, arando grandes áreas de pastagem em desertos, exaurindo os recursos minerais, matando baleias, focas e uma infinidade de espécies raras e bonitas, destruindo a moralidade de todos os tipos sociais e devastando o planeta [3] . As instituições de apropriação privada de terras e recursos naturais em geral, e empresas privadas visando lucro, que produziam uma vida social razoavelmente tolerável, estável e "civilizada" para todos na Europa, na América e no Oriente, exceto os mais empobrecidos, há alguns séculos, têm sido expandidas

para uma monstruosidade destrutiva pelas novas oportunidades. O resignado e bem-sucedido empreendedor do passado, mordiscando, ampliado e equipado agora com as enormes garras e dentes que a mudança de escala lhe proporcionou, despedaçou a velha ordem econômica aos

farrapos. Independentemente da guerra, nosso planeta está sendo desperdiçado e desorganizado. O processo ainda continua, sem qualquer controle geral, monstruosamente mais destrutivo mesmo do que os terrores constantemente aprimorados da guerra moderna.

Agora é preciso deixar claro que essas duas coisas, a manifesta necessidade de algum controle coletivo do mundo para eliminar a guerra e a necessidade, geralmente menos admitida, de um controle coletivo da vida econômica e biológica da

Humanidade[4] , são aspectos de um mesmo processo. Das duas, a desorganização da vida cotidiana que está acontecendo, com guerra ou sem guerra, é a mais grave e menos reversível. Ambas surgem da abolição da distância e da mudança de escala, afetam e modificam umas às outras e, a menos que seu paralelismo e interdependência sejam reconhecidas, quaisquer projetos para federação mundial ou alguma coisa do tipo, está inevitavelmente condenado à frustração.

Foi onde a Liga das Nações se dissolveu completamente. Foi dentro da lei; foi político. Isto foi elaborado por um exprofessor de história-antiga assistido por alguns políticos. Isto ignorou a vasta desorganização da vida humana que estava ocorrendo por meio das revoluções tecnológicas, dos grandes negócios e das finanças modernas, da qual, a própria Grande Guerra, foi pouco mais do que um subproduto. Foi feito como se nada desse tipo estivesse ocorrendo.

Esta tempestade de guerra que está desabando sobre nós agora, devido à contínua fragmentação do governo humano num mosaico de Estados soberanos, é apenas um aspecto da necessidade geral de uma consolidação racional dos assuntos humanos. O Estado soberano independente, com sua perpétua ameaça de guerra, armado com os recursos da espantosa mecânica moderna, é apenas o aspecto mais flagrante e aterrador dessa falta de um controle geral coerente que faz das

organizações empresariais privadas, combinações socialmente

destrutivas. Nós ainda deveríamos estar à mercê dos "Napoleões" do comércio e dos "Átilas" das finanças, se não houvesse uma arma ou um navio de guerra, um tanque ou um uniforme militar no mundo. Ainda seríamos vendidos e desapossados.

Federação política, temos que perceber, sem uma coletivização da economia de concorrência, está obrigada a falhar.

A tarefa do pacificador que realmente deseja a paz num mundo novo, envolve não somente uma revolução política, mas uma profunda revolução social, mais profunda ainda que a revolução tentada pelos Comunistas na Rússia. A Revolução Russa não fracassou por seu extremismo, mas pela impaciência, violência e intolerância de seu início, através da falta de previsão e da insuficiência intelectual. A revolução cosmopolita para um coletivismo mundial, que é a única alternativa ao caos e à degeneração anteriores da humanidade, tem que ir muito além da Revolução Russa; tem que ser mais completa e melhor concebida, e sua realização exige um impulso muito mais heróico e firme.

Não tem nenhum propósito útil fechar nossos olhos para a magnitude e complexidade da tarefa de construir a paz no mundo. Estes são os fatores básicos do caso.

LUTA DE CLASSES

AGORA AQUI É necessário fazer uma distinção que é muito frequentemente ignorada. A coletivização significa o manuseio dos assuntos comuns da Humanidade por um controle comum responsável por toda a comunidade. Significa a supressão do em assuntos sociais e econômicos tanto quanto em casos internacionais. Significa a abolição franca da busca por lucros e por cada dispositivo pelo qual os seres humanos se esforçam para ser parasitas do seu próximo. É a realização prática da fraternidade do homem através de um controle comum. Significa tudo isso e nada mais que isso.

vá-como-quiser A necessária natureza desse controle, a maneira de alcançá-lo e mantê-lo ainda precisam ser discutidas. As primeiras formas de socialismo foram tentativas de pensar diferente e testar sistemas coletivistas. Mas, com o advento do marxismo, a ideia maior de coletivismo tornou-se enredada com uma menor: o conflito perpétuo de pessoas em qualquer sistema social não regulamentado para obter o melhor um do outro. Ao longo dos tempos, isso tem continuado. Os ricos, os poderosos em geral, os mais inteligentes e gananciosos, saíram com as coisas e fizeram suar, oprimiram, escravizaram, compraram e frustraram os menos inteligentes, os menos

acossados e os negligentes. Os que têm as coisas, em cada geração, sempre obtiveram o melhor dos

que não têm, e estes sempre se ressentiram das privações de sua desvantagem.

Assim é, e tem sido sempre, no mundo sem coletivização. O grito amargo do homem expropriado[5] ecoa ao longo dos séculos do antigo Egito e dos profetas hebreus, denunciando aqueles que moem os rostos dos pobres. Às vezes, os desprovidos de recursos têm sido tão incultos, tão impotentemente distribuídos entre seus companheiros mais bem-sucedidos que eles têm sido incapazes de perturbação social, mas sempre que tais desenvolvimentos como de plantação, trabalho de fábrica, a acumulação de homens em cidades portuárias, o desmantelamento dos exércitos, a fome, e assim por diante, sempre que se reuniram massas de homens da mesma situação de desvantagem, seus ressentimentos individuais fluíram juntos e se tornaram um ressentimento comum. As misérias subjacentes à sociedade humana foram reveladas. Os que têm as coisas se viram atacados por revolta vingativa e ressentida.

Notemos que essas revoltas dos desprovidos ao longo dos séculos, às vezes, têm sido muito destrutivas, mas que, invariavelmente, tem falhado em construir qualquer mudança fundamental nessa velha, velha história de conseguir e não conseguir levar vantagem. Às vezes, os desprovidos têm assustado ou, de outra forma, induzido os abastados a um comportamento mais decente. Amiúde, os desprovidos têm

encontrado um Campeão que monta no poder sobre suas desgraças. Em seguida, os empilhamentos ou os castelos foram queimados. Os aristocratas foram guilhotinados e suas cabeças levaram cortes exemplares. Tais tempestades passaram, e quando passaram, lá para todos os propósitos práticos, foi a ordem velha retornando outra vez; novas pessoas, mas as velhas desigualdades. Retornando inevitavelmente, com apenas ligeiras variações na aparência e palavreado, sob a condição de uma ordem social não-coletiva. [6]

O ponto a se notar é que, na competição não planejada da vida humana através dos séculos da época de cavalo-e-pé, esses surtos incessantemente recorrentes dos perdedores contra os vencedores nunca tinham produzido uma só vez qualquer melhoria permanente do destino comum, nem alterado muito as características da comunidade humana. Nem uma vez. Os desprovidos nunca produziram a inteligência e a habilidade, e os abastados nunca produziram a consciência, para fazer uma alteração permanente das regras do jogo. Revoltas de escravos, revoltas camponesas, revoltas do proletariado sempre foram ataques de raiva, febres sociais agudas que passaram. O fato que resta é que a história não produz razão para supor que os desprovidos, considerados como um todo, disponham de quaisquer reservas acessíveis de gerenciamento e capacidade administrativa ou vocação desinteressada, superiores às das classes mais bemsucedidas. Moralmente, intelectualmente, não há razão para os avaliar melhor. Muitas pessoas potencialmente capazes podem perder educação e oportunidade; elas podem não ser congenitamente inferiores, no entanto, são mantidas aleijadas, incapacitadas e subjugadas. Elas são deterioradas. Assaz pessoas especialmente talentosas podem falhar em "fazer o bem" num mundo aos empurrões, competitivo e aquisitivo, e assim, cair na pobreza e nos modos de viver confusos e limitados da comunidade, mas também são exceções. A ideia de um

proletariado sensato, pronto para assumir o controle das coisas é um sonho [7].

À medida que a ideia coletivista foi desenvolvida fora das proposições originais do socialismo, os pensadores mais lúcidos têm posto esta antiga amargura dos abastados e dos desprovidos, à parte, no seu devido lugar, como a parte mais angustiante, porém ainda apenas como parte do vasto

desperdício de recursos humanos

em que sua exploração desordenada implicava. À luz dos acontecimentos atuais, eles perceberam, cada vez mais claramente, que a necessidade e a possibilidade de deter esse desperdício por meio de uma ampla coletivização mundial, está se tornando cada vez mais possível e, ao mesmo tempo, imperativa. Eles não tiveram ilusões sobre a educação e libertação que são necessárias para conquistar esse objetivo. Eles foram movidos menos por impulsos morais e piedade sentimental e assim por diante, motivos admiráveis mas fúteis, foram movidos mais pela intensa irritação intelectual de viver num sistema tolo e destrutivo. Eles são revolucionários, não porque o modo de vida atual seja um modo de vida duro e tirânico, mas porque ele é exasperadamente estúpido. Porém, empurrando o movimento socialista para a coletivização e sua pesquisa para alguma organização diretiva competente dos assuntos do mundo, vem a desajeitada iniciativa do marxismo com seu dogma de luta de classes, o qual tem feito mais para desviar e esterilizar a boa vontade humana do que qualquer outra concepção errada da realidade que já tenha prejudicado o esforço humano [8].

Marx viu o mundo a partir de um estudo e através dos nevoeiros de uma vasta ambição. Ele nadou na corrente das ideologias de seu tempo e, assim, compartilhou a direção socialista prevalecente em direção à coletivização. Porém, enquanto seus contemporâneos de espírito sério estavam estudando meios e

fins, ele saltou de uma compreensão muito imperfeita do movimento sindical britânico, para as generalizações mais selvagens sobre o processo social. Ele inventou e antagonizou dois fantasmas. Um era o Sistema Capitalista; o outro o Trabalhador.

Nunca houve nada na Terra que pudesse ser propriamente chamado de Sistema Capitalista. O que estava acontecendo com seu mundo era, manifestamente, sua total falta de sistema. O que os

socialistas estavam sentindo para o seu caminho era a descoberta e estabelecimento de um sistema mundial. Os abastados de nosso período foram e são um fantástico mosaico de pessoas, herdando ou conquistando seu poder e influência pelos mais diversos dos cruzamentos de

solidariedade social, mesmo os de uma aristocracia feudal ou uma casta indiana. Contudo, Marx, olhando mais para sua consciência interior do que para qualquer realidade concreta, desenvolveu esse "Sistema" monstro sobre sua Direita. Depois, mais do que contra ele, ainda olhando fixamente para o vazio, ele descobriu, á sua Esquerda, os proletários sendo, constantemente, expropriados e se tornando conscientes de ser uma classe. Eles eram tão infinitamente variados, na realidade, quanto as pessoas no topo da corrida; na realidade, mas não na mente do Vidente Comunista. Lá se consolidaram rapidamente.

Assim, enquanto outros homens trabalhavam neste gigantesco problema de coletivização, Marx encontrou sua receita quase infantilmente simples. Tudo que você tinha a fazer era dizer aos trabalhadores que eles estavam sendo roubados e escravizados por este perverso "sistema capitalista" inventado pela "burguesia" . Eles precisam apenas "unir-se"; eles não tinham "nada a perder, a não ser suas correntes" . O perverso Sistema Capitalista estava para ser derrubado, com um certo extermínio vingativo de "capitalistas" em geral e da "burguesia" em particular, e um milênio se sucederia sob um controle

puramente de trabalhadores, que Lenin, mais tarde, cristalizaria em uma frase do mistério supra-teológico: "a ditadura do proletariado" . Os proletários não precisam aprender nada, nem planejar nada; eles estavam certos e eram bons por natureza; precisavam apenas "assumir o controle" . As infinitamente diversas invejas, ódios e ressentimentos dos desprovidos estavam para se fundir em um poderoso impulso criativo. Toda virtude

residia neles; e todo o mal naqueles que os tinham ultrapassado. Uma coisa boa que havia nessa nova doutrina da luta de classes, é que ela inculcou uma fraternidade muito necessária entre os trabalhadores, mas que foi balanceada pela organização do ódio de classe. Assim, a grande propaganda da luta de classes, com essas monstruosas falsificações, de fato manifestas, saiu adiante. A coletivização não seria tão organizada quanto, magicamente, ela parece se o pesadelo do Capitalismo e todas aquelas pessoas, irritantemente bem-afortunadas, fossem levadas para longe da grande alma proletária.

Marx foi um homem incompetente em matéria de dinheiro e muito incomodado por dívidas a comerciantes. Além do mais, ele adorava pretensões absurdas para a aristocracia. A consequência foi que ele fantasiou sobre a vida encantadora da Idade Média como se ele fosse um outro Belloc, e concentrou sua animosidade sobre a "burguesia" , a qual ele responsabilizou por todas essas grandes forças disruptivas na sociedade humana que temos considerado. Lord Bacon, o Marquês de Worcester, Charles II e a Royal Society, pessoas como Cavendish, Joule e Watt, por exemplo, todos se tornaram "burgueses" em sua imaginação inflamada. “Durante seu reinado de apenas um século" , escreveu no Manifesto Comunista: "a burguesia criou forças de produção mais poderosas e mais estupendas do que todas as gerações precedentes juntas... Que gerações anteriores tiveram a mais

remota ideia de que tais forças produtivas dormiam nas entranhas do trabalho associado?"

"As entranhas do trabalho associado!" (Brincadeira, que frase!) A revolução industrial, que foi consequência da revolução mecânica, é tratada como a causa dela. Os fatos poderiam ser confundidos mais completamente?[9] E de novo: " ... o sistema burguês não é mais capaz de consumir a abundância de riqueza que cria. Como a burguesia

supera essas crises? Por um lado, pela aniquilação compulsória de uma quantidade das forças produtivas; por outro, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais completa dos antigos. Com que resultados? Os resultados são que o caminho é pavimentado para crises mais abrangentes e mais desastrosas e que a capacidade de evitar tais crises é diminuída.

"As armas" (Armas! Como aquele cavalheiro sedentário em sua vasta barba adorava imagens militares!) "Com as quais a burguesia derrubou o feudalismo, estão agora sendo apontadas contra a própria burguesia.

"Mas a burguesia não só forjou as armas que irão matá-la; também engendrou os homens que usarão essas armas - os trabalhadores modernos, os proletários" .

E aqui estão eles, martelo e foice na mão, o peito estufado para fora, orgulhosos, esplendorosos, comandando no Manifesto. Mas vá e procure por eles você mesmo nas ruas. Vá e olhe para eles na Rússia.

Mesmo para 1848, isso não é uma análise social inteligente. É o derramamento de um homem com um B em seu chapéu contra a odiada burguesia, um homem com uma certa visão sem crítica de seu próprio preconceito subconsciente, mas astuto o suficiente para perceber quão grande força direcionada é o ódio e o complexo de inferioridade. Astuto o suficiente para usar o ódio, e amargo o suficiente para odiar. Que alguém leia sobre o Manifesto Comunista e considere quem poderia ter

compartilhado o ódio ou até ter conseguido todo ele, se Marx não tivesse sido filho de um rabino. Leia Judeus para a Burguesia e o Manifesto é puro ensino nazista da safra de 1933-8.

Desmistificado seu núcleo desta maneira, a falsidade primária da teoria marxista é evidente. Entretanto, é uma das

estranhas fraquezas comuns da mente humana ser acrítica de suposições primárias, e sufocar qualquer investigação sobre a sua solidez na elaboração secundária, nos tecnicismos e fórmulas convencionais. A maioria de nossos sistemas de crença repousa em fundações podres e, geralmente, essas fundações são tornadas sagradas para preservá-los do ataque. Eles se tornam dogmas em uma espécie de santo dos santos. É chocantemente grosseiro dizer "Mas isso é absurdo" . Os defensores de todas as religiões dogmáticas voam de raiva e indignação quando alguém fala sobre o absurdo de seus fundamentos. Especialmente se alguém ridiculariza. Isso é blasfêmia.

Essa esquiva de crítica fundamental é um dos grandiosos perigos para qualquer entendimento humano geral. O marxismo não é exceção à tendência universal. O Sistema Capitalista tem que ser um sistema real, a Burguesia uma conspiração organizada contra os trabalhadores, e todo conflito humano em todo lugar tem que ser um aspecto da Luta de Classes, ou então eles não podem falar com você. Eles não vão ouvir você. Nenhuma vez houve uma tentativa de responder às coisas simples que eu venho dizendo sobre eles por um terço de século. Alguma coisa que não está em sua linguagem, escorre fora de suas mentes como a água

para fora das costas de um pato. Até Lenin - de longe, a mente mais perspicaz da história comunista

- não escapou dessa armadilha e, quando conversei com ele em Moscou em 1920, ele parecia bastante incapaz de perceber que o conflito violento acontecendo na Irlanda, entre os nacionalistas católicos e a guarnição protestante, não era sua insurreição sagrada do Proletariado em plena explosão. Hoje em dia há um extenso número de escritores, e entre eles há homens de ciência que deveriam pensar melhor, mas estão elaborando solenemente uma pseudo-filosofia da ciência e da

sociedade sobre as fundações profundamente enterradas, no entanto inteiramente absurdas, colocadas por Marx. Mês a mês, o industrioso Clube do Livro de Esquerda derrama um novo volume sobre as mentes de seus devotos para sustentar seus hábitos mentais e os conservar contra a influência séptica da literatura heterodoxa. Um sarau de de Livros Proibidos, sem dúvida, seguirá. Professores ilustres com deleite solene em suas próprias engenhosidades notáveis, lecionam e discursam e até mesmo produzem volumes de visão séria sobre a superioridade da Física marxista, e da pesquisa marxista para as atividades da mente humana que deixaram de ser estigmatizadas. Alguém tenta não ser rude com eles, mas é difícil acreditar que eles não estão, deliberadamente, se fazendo de bestas com seus cérebros. Ou eles têm uma sensação de que o comunismo revolucionário está à frente, e eles estão fazendo o seu melhor para racionalizá-lo com um olho naqueles dias vermelhos por vir? (Veja Index Pensamentos Perigosos de Hogben.) Aqui eu não posso procurar em algum detalhe a história da Ascensão e Corrupção do Marxismo na Rússia . Ela confirma em todos os aspectos a minha argumentação que a ideia de luta de classes é uma confusão, e uma perversão

da condução do mundo em direção a um coletivismo mundial, uma doença devastadora do socialismo cosmopolita. Ela tem seguido, em seu esboço geral, a história comum de cada revolta dos desprovidos desde que a história começou. A Rússia nas sombras, exibia uma imensa ineficiência e mergulhava, lentamente, na Rússia das trevas. Sua galáxia de capatazes incompetentes, gerentes, organizadores e assim por diante, desenvolveu o mais complicado sistema de autoproteção contra a crítica, eles sabotaram-se uns aos outros e intrigaram-se uns contra os outros.

Você pode ler a quintessência da coisa nas Pequenas Páginas da Corrida do Ouro Soviética. E como

em todas as outras revoltas dos desprovidos, desde o início da história, o culto do herói tomou posse das massas insurgentes. O inevitável Campeão apareceu. Eles escapam do czar e, em vinte anos, eles estão adorando Stalin, originalmente um revolucionário bastante honesto, ambicioso e não-original, levado à crueldade auto-defensiva e inflado pela lisonja à sua atual autocracia quasedivina. O ciclo se completa e vemos que, como qualquer outra revolução meramente insurrecional, nada foi mudado; um grande número pessoas foi liquidado e muitas outras as substituíram e a Rússia parece voltar ao ponto em que começou, a um absolutismo patriótico de eficiência duvidosa e objetivos vagos e incalculáveis. Creio que Stalin é honesto e benevolente na intenção, ele acredita em coletivismo de forma simples e clara, ele ainda está sob a impressão de que está fazendo uma coisa boa da Rússia e dos países dentro de sua esfera de influência, e está, autojustificadamente, impaciente com a crítica ou a oposição. Seu sucessor pode não ter o mesmo desinteresse.

Porém, tenho escrito o suficiente para deixar claro o porque temos de dissociar totalmente em nossas mentes, a coletivização e a luta de classes. Não desperdicemos mais tempo no espetáculo do Marxista colocando a carroça na frente do cavalo, e amarrando a si próprio com os arreios. Temos que pôr toda esta distorção proletária do caso fora de nossas mentes, e recomeçar sobre o problema de como realizar as novas e inéditas possibilidades de coletivização mundial, que

se têm aberto sobre o mundo nos últimos cem anos. Essa é uma nova história. Uma história totalmente diferente. Nós, seres humanos, estamos diante de forças gigantescas que destruirão nossa espécie completamente ou a elevarão a um nível sem precedentes de poder e bem-estar. Essas forças têm que ser controladas ou seremos aniquilados. Porém, completamente

controladas, elas podem abolir a escravidão - pelo único meio seguro de ir tornando essas coisas desnecessárias. O comunismo de luta de classes tem sua oportunidade de realizar tudo isso, e tem falhado em fazer o bem.

Até aqui ele tem apenas substituído uma Rússia autocrática por outra. A Rússia, como todo o resto do mundo, ainda está diante do problema do governo competente de um sistema coletivo. Ela não o tem resolvido.

A ditadura do proletariado tem falhado conosco. Temos que buscar possibilidades de controle em outras direções. Será que elas serão encontradas?

NOTA

Um amigável conselheiro, lendo a passagem da pág. 47 protesta contra "os úteros do trabalho associado" como uma tradução errada do alemão original do Manifesto. Eu o tirei da tradução do Professor Hirendranath Mukherjee, em um jornal de estudantes indianos, o Sriharsha, que aconteceu de estar na minha mesa. Entretanto, meu conselheiro sugere Lily G. Aitken e Frank C. Budgen em uma publicação da Glasgow Socialist Labour Press , que o traduz como "o colo do trabalho social" , que é mais refinado, porém puro absurdo. A palavra alemã é "schoss" e, em seu sentido mais amplo, significa todo o aparelho reprodutivo materno, do peito aos joelhos, e aqui, definitivamente, todo o

útero. A tradução francesa dá "sein" , que à primeira vista parece levar gentileza a um nível ainda mais elevado. Mas como você pode dizer em francês

que uma futura mamãe carrega seu filho em seu "sein" , acho que o professor Mukherjee tem razão. Milhares de reverentes jovens comunistas devem ter lido aquele "colo" sem observar seu absurdo. Marx está tentando estabelecer que o aumento da eficiência produtiva se deveu à "associação" nas fábricas. Uma frase melhor para expressar sua intenção (birrenta) teria sido "as operações coordenadas de trabalhadores reunidos em fábricas" .

JOVENS NÃO-SELVAGENS

AGORA, DEVEMOS examinar essas forças disruptivas um pouco mais de perto, essas forças disruptivas que estão manifestamente

sobrecarregando e destruindo o sistema social e político no qual a maioria de nós foi educada. Em que pontos particulares de nossa vida política e social essas forças disruptivas estão descobrindo pontos de ruptura? As pessoas estão começando a perceber, cada vez mais claramente, que é comum que o chefe dentre estes pontos de ruptura, seja o homem jovem semi-educado.

Uma consequência particular do avanço do poder e da invenção em nosso tempo, é a liberação de um grande fluxo de energia humana na forma de jovens desempregados. Este é um fator primário da instabilidade política geral. Temos que reconhecer que a Humanidade não está sofrendo, como a maioria das espécies animais, de fome ou escassez de alguma forma material. Está ameaçada não por deficiência, mas por excesso. É extenuante. Ela não está caindo para morrer por exaustão física; está se partindo em pedaços. Medido por quaisquer critérios, exceto o contentamento humano e a segurança definitiva, a Humanidade parece ser muito mais rica agora do que em 1918. As qualidades de poder e de materiais imediatamente disponíveis são muito maiores. O que é chamado de produtividade, em geral, é maior. Mas há uma boa razão para supor que uma grande parte desse

aumento da produtividade seja realmente uma exploração mais rápida e mais completa do capital insubstituível. É um processo que não pode continuar indefinidamente. Ele sobe ao máximo e, em seguida, é o

fim da festa. Os recursos naturais estão sendo esgotados a um ritmo elevado, e o aumento da produção é dividido para munições de guerra cujo objetivo é a destruição, e para indulgências estéreis não melhores do que os resíduos. O homem, "herdeiro dos séculos" , é um esbanjador desmoralizado em um estado de consumo galopante, vivendo de estimulantes.

Quando olhamos para as estatísticas da população há uma prova irrefutável de que, em todos os lugares, estamos passando por um extremo (Para isto, veja: Enid Charles " O crepúsculo da paternidade” , ou R. R. Kuczynski “Medição do crescimento da população ”), e que um rápido declínio é certo, não só na Europa Ocidental mas em todo o mundo. Há razões sólidas para duvidar do suposto aumento da população

russa (veja o livro do biógrafo Boris Souvarine). No entanto, devido à crescente eficiência dos métodos produtivos, aumenta a relativa pressão desta nova classe desempregada. A "plebe" do Século XX é bastante diferente da "plebe" quase animal do século XVIII. É um mar agitado de pessoas jovens insatisfeitas, de homens jovens que não conseguem encontrar saída para suas urgências e ambições naturais, jovens completamente prontos a "causar problemas" assim que forem ensinados a fazê-lo. Stalin

[10] No passado tecnicamente grosseiro, os desprovidos analfabetos foram sobrecarregados em trabalhos suados. Era fácil encontrar trabalho para mantê-los todos ocupados.Tais multidões excedentes não são mais desejadas. Trabalho pesado não é mais comercializável. As máquinas podem trabalhar melhor e com menos oposição.

Essas multidões frustradas têm sido bastante conscientizadas de sua própria frustração. A lacuna de sua desvantagem, até certo ponto sempre artificial, tem sido muito diminuída porque agora todos lêem. Mesmo para a ocupação casual

(bicos) tem sido necessário ensiná-los algo, e o novo público alfabetizado que foi criado evocou uma imprensa e uma literatura de excitação e propostas. O cinema e o rádio os deslumbram com espetáculos de luxo e de vida irrestrita. Eles não são os carvoeiros e trabalhadores de forragem de fábrica desamparados de cem anos atrás. Eles são educados até o que deve ter sido o nível da classe média em 1889. Eles são, de fato, em grande parte, uma classe média espremida, inquietos, impacientes e, como veremos, extremamente perigosos. Eles têm assimilado quase todas as camadas inferiores que antes eram burros-de-carga analfabetos.

E esse excesso de população modernizada, não tem mais nenhuma humildade social. Não tem crença na sabedoria infalível de seus governantes. Ele os vê muito claramente; sabe sobre eles, seus desperdícios, vícios e fraquezas, com uma vivacidade ainda exagerada. Não vê razão para sua exclusão das coisas boas da vida por tais pessoas. Ele tem perdido bastante de sua inferioridade para perceber que a maior parte dessa inferioridade é arbitrária e artificial. Você pode dizer que este é um estado de coisas temporário, que a diminuição da população

atualmente vai aliviar a situação ao se livrar desse excesso do "indesejado" . [11] Mas ele não funcionará para isto. Como a população cai, o consumo vai cair. As indústrias ainda estarão produzindo cada vez mais eficientemente para um mercado em queda e elas

estarão empregando cada vez menos mão-de-obra. Um Estado de cinco milhões de pessoas com meio milhão de mãos inúteis, será duas vezes mais instável do que quarenta milhões com dois milhões de pessoas parando. Enquanto o atual estado de coisas continua, este estrato de jovens perplexos "fora dele" irá aumentar relativamente ao total da comunidade. Ainda não se percebeu tão claramente como se deveria, o quanto os problemas atuais são devidos a este novo aspecto do

quebra-cabeça social. Mas se você examinar os acontecimentos do último meio século à luz dessa ideia, verá, cada vez mais convincentemente, que é principalmente através dessa crescente massa de desejos não-satisfeitos que as forças disruptivas se manifestam.

Os jovens desempregados, ávidos e aventureiros, são de fato as tropas de choque na destruição da velha ordem social em toda parte. Eles encontram orientação em algum partido político ousado ou em algum campeão inspirado, que os organiza para fins revolucionários ou contra-revolucionários. Não importa qual. Eles se tornam comunistas ou se tornam fascistas, nazistas, os irlandeses vão para o Exército Republicano, outros membros da Ku Klux Klan e assim por diante. A essência é a combinação de energia, frustração e descontentamento. O que todos esses movimentos têm em comum é uma genuína indignação contra as instituições sociais que têm dado motivo ao seu surgimento; e, em seguida, com indiferença, uma organização quase militar e a determinação de tomar o poder para si mesmos, incorporadas em seus líderes. Um governo sábio e poderoso anteciparia e evitaria, a qualquer custo, essas atividades destrutivas, proporcionando novos e interessantes empregos e a condição necessária para uma vida bem- sucedida e satisfatória para todos. Esses jovens são a vida. A ascensão do líder de sucesso apenas expõe o problema por um tempo. Ele toma o poder em nome do movimento. E depois? Quando a tomada do poder é efetuada, ele se vê obrigado a

manter as coisas funcionando, para criar uma justificativa para sua liderança: empreendimentos empolgantes, urgências. Um líder de visão, com assistência técnica adequada, conseguiria, realmente, direcionar grande parte da energia humana para canais criativos. Por exemplo, ele poderia reconstruir as cidades sujas e inadequadas de nossa era, transformar o país ainda

desleixado em um jardim e campo de jogos, revitalizar, liberar e estimular a imaginação, até que as ideias de progresso criativo se tornassem um hábito mental. Mas, ao fazer isso, ele se encontrará confrontado por aqueles que são sustentados pelos pré-direitos e apropriações da velha ordem. Essas pessoas relativamente abastadas vão negociar com ele até o último momento para defender seu dinheiro, e impedir sua apreensão e utilização de terras e recursos materiais. E serão ainda mais prejudicadas pelo fato de que, ao organizar seus jovens, ele teve que manipular suas mentes e capacidade de trabalho criativo e canalizar para a violência sistemática e militância. É fácil transformar um homem jovem desempregado num fascista ou num gangster, mas é difícil devolvê-lo a qualquer tarefa social decente. Além disso, a própria liderança do campeão surgiu, em grande parte, devido à sua qualidade conspiratória e aventureira. Ele é inadequado para um trabalho criativo. Ele tem em si próprio um lutador na frente de batalha. E além disso, a menos que seu país esteja na escala da Rússia e dos Estados Unidos, o que ele tentar para cumprir promessas de prosperidade, tem que ser feito diante da pressão mútua dos Estados soberanos, devido à abolição das distâncias e à mudança de escala que já consideramos. Ele não tem margem- demanobra para operar. O resultado dessas dificuldades convergentes é transformar a ele e à sua equipe-de-frente, liberando o fluxo da guerra predatória.

Em todos os lugares do mundo, sob circunstâncias locais variadas, vemos os governos preocupados, principalmente, com esse problema gravíssimo de saber o que fazer com esses jovens adultos que estão ociosos sob as condições atuais. Temos que perceber e ter isso sempre em mente. Ocorre em todos os países. A

visão mais perigosa e errada da situação mundial é tratar os países totalitários como fundamentalmente diferentes do resto do mundo. O

problema de reabsorver o adulto desempregado é o problema essencial em todos os Estados. É o padrão ao qual todos os dramas políticos atuais se reduzem. Como vamos aproveitar ou saciar esse excedente de energia humana? Os jovens são o núcleo vivo da nossa espécie. A geração abaixo de dezesseis ou dezessete anos ainda não começou a causar problemas e, depois dos quarenta, o declínio de vitalidade faz com que os homens aceitem o destino que lhes coube. Franklin Roosevelt e Stalin se encontram no controle de vastos países subdesenvolvidos ou, tão desorganizados que suas principais energias se concentram em organização interna ou reorganização. Eles não pressionam suas fronteiras e não ameaçam a guerra. As recentes anexações russas têm sido de precaução defensiva. Mas, do mesmo modo, tanto a Rússia quanto a América têm de atender a estratos sociais tão problemáticos como a Europa. O é, claramente, uma tentativa de alcançar um socialismo em funcionamento e evitar um colapso social na América; é, extraordinariamente, paralelo às sucessivas "políticas" e "planos" do experimento russo. Os americanos evitam a palavra "socialismo" , porém o que mais se pode chamar de "socialismo"? A oligarquia britânica, desmoralizada e frouxa com a riqueza acumulada de um século de vantagens, subornou, por algum tempo, a agitação popular, conseguindo o

apaziguamento deliberado e vergonhoso para com a dívida social. Ela não fez nenhum esforço adequado para empregar ou educar essa mão-deobra excedente; e acabou de empurrar o desemprego para ela. Aquela oligarquia até tenta comprar o líder do Partido Trabalhista com um salário de £ 2000 por ano. Seja o que for que pensemos sobre a qualidade e os atos dos nazistas ou fascistas ou as tolices de New Deal

seus líderes, devemos admitir, de qualquer modo, que eles tentam, por mais desajeitadamente que seja, reconstruir a vida em uma direção coletivista.

[12] São esforços para ajustar e construir e, até agora, estão avançados sobre a classe dominante britânica. O Império Britânico mostrou-se o menos construtivo de todas as redes governamentais. Não produz , nem os Planos Quinquenais soviéticos; ele continua tentando evitar sua inevitável dissolução e continuar com as velhas linhas – e,

aparentemente, fará isso até não ter mais nada a oferecer.

New Deals "Paz em nosso tempo" , essa estúpida auto-bajulação prematura do Sr. Chamberlain, é, manifestamente, o princípio orientador do mais importante estadista britânico. É esse desejo natural de nos sentar confortavelmente em algum lugar, que todos nós começamos a sentir depois dos sessenta anos. A tranquilidade incontrolável que eles querem a qualquer preço, mesmo ao preço de uma guerra preventiva. Esse bando de governantes surpreendentes nunca revelou qualquer concepção de um futuro comum antes da expansão de seu império. Houve um tempo em que aquele Império parecia tornar-se o nexo de um sistema mundial, mas agora, claramente, não tem um futuro, mas sim uma desintegração. Aparentemente, seus governantes esperavam que ele

continuasse como era para sempre. Pouco a pouco, suas partes componentes se soltaram e se tornaram poderes quase independentes, geralmente depois de uma contenda inútil; a Irlanda do Sul, por exemplo, é neutra na atual guerra, e a África do Sul hesitou.

Agora, e é por isso que este livro está sendo escrito, essas pessoas, por uma sequência de erros quase incríveis, entrelaçaram o que restou de seu Império em uma grande guerra para "acabar com Hitler" , sem ter absolutamente nenhuma proposta para oferecer a seus antagonistas e ao mundo em geral, sobre o que está por vir

depois de Hitler. Aparentemente, eles esperam paralisar a Alemanha de alguma forma ainda não especificada e, em seguida, voltar aos seus campos de golfe ou riachos de pesca e cochilar juntinho ao fogo depois do jantar. Essa é, certamente, uma das coisas mais surpreendentes da história: a possibilidade de morte e destruição além de todos os cálculos, e os países aliados não têm ideia do que seguir quando a derrubada de Hitler for realizada. Eles parecem ser tão vazios de qualquer senso de futuro, como completamente cabeças- ocas sobre as consequências de suas campanhas, como um desses conservadores americanos que dizem apenas: “Fora o Presidente Franklin Delano Roosvelt! Maldito seja ele!" Assim, são os restos do Império Britânico, pagando por sua decadência até a falência final, comprando para si uma trégua dos perplexos problemas do futuro, com a riqueza acumulada e o poder do seu passado.

Está rapidamente se tornando a organização política mais atrasada do mundo. Mas, cedo ou tarde, não terá mais dinheiro para repartir e nem mais aliados para abandonar ou domínios para ceder aos seus patrões locais e, então, talvez sua desintegração seja completa (Descanse Em Paz), deixando os ingleses inteligentes alinhados, enfim, com a América e o resto do mundo inteligente para enfrentar o problema universal. Que é: como devemos nos adaptar a essas poderosas forças disruptivas, que estão abalando a sociedade humana como ela é constituída atualmente?

Nos países espremidos, que têm pouco espaço interno e carecem dos vastos recursos naturais das comunidades russa e atlântica, a tensão interna dirige-se mais diretamente para a campanha de guerra agressiva, mas a força motriz fundamental por trás de sua agressividade ainda é o problema universal, esse excedente de homens jovens.

[13]

Visto nessa visão panorâmica, a guerra atual cai em suas devidas proporções como um conflito estúpido por questões secundárias, que está atrasando e impedindo um devido ajuste no mundo. Isso pode matar centenas de milhares de pessoas e não resolve as questões. Um idiota com um revólver pode matar uma família, mas continua sendo um idiota. De 1914 a 1939 tem sido um quarto de século de tolices, baixeza, subterfúgios e ressentimentos, e apenas um historiador muito tedioso e vasto tentaria distribuir a culpa entre aqueles que desempenharam um papel na história. E quando ele tivesse findado, seu trabalho não teria importância nenhuma. Um problema quase esmagadoramente difícil nos desafiou e, em certa medida, temos perdido a cabeça diante dele, perdido nossa dignidade, sido inteligentes demais pela metade, nos fixado a soluções baratas e brigado estupidamente entre nós mesmos. "Erramos e nos desviamos ... Abandonamos as coisas que deveríamos ter feito e fizemos as coisas que não devíamos, e não há saúde em nós" [14].

Não enxergo nenhum caminho para uma solução do problema da Paz Mundial, a menos que comecemos com uma confissão universal de maus pensamentos e más ações. Então podemos nos sentar para o debate de uma solução com alguma perspectiva razoável de achar resposta.

Agora vamos supor que "nós" sejamos um número de homens inteligentes, alemães, franceses, ingleses, americanos,

italianos, chineses e assim por diante; que decida em conseqüência da guerra e apesar da guerra, enquanto a guerra ainda prossegue, (decida) limpar todas essas rixas velhas das nossas mentes e discutir com clareza e simplicidade só a situação atual da Humanidade. O que deve ser feito com o mundo? Vamos recapitular as considerações que foram trazidas até aqui, e ver que perspectivas elas abrem, se houver, de alguma esperança de ação de

comum acordo, ação que poderia tanto revolucionar a perspectiva humana quanto acabar com a guerra e com aquele desperdício de vidas humanas e de felicidade, agitado e periódico.

Primeiramente, parece que a Humanidade está no fim de uma era, uma era de fragmentação na administração de seus negócios, fragmentação política entre Estados soberanos separados e, (fragmentação) econômica entre negócios irrestritos de organizações competindo por lucro. [15] A abolição das distâncias, o enorme aumento da energia produtiva disponível[16] , que são as causas de todos os nossos problemas, de repente, fizeram o que antes era um sistema de trabalho tolerável - um sistema que talvez tivesse todas as desigualdades e injustiças como único modelo de trabalho viável em seu tempo – (fizeram- no tornar-se) extremamente perigoso e esbanjador, de modo que ele ameaça exaurir e destruir completamente nosso mundo. O homem é como um herdeiro pródigo que, subitamente, foi capaz de pegar sua herança e desperdiçá-la como se fosse apenas seu salário. Estamos vivendo uma fase de gastos violentos e irreparáveis. Há uma disputa intensificada entre nações e entre indivíduos para adquirir, monopolizar e gastar. Os jovens desalojados se encontram sem esperança, a menos que recorram à violência. Eles dão seguimento a uma instabilidade cada vez maior. Somente uma coletivização compreensiva dos assuntos humanos, pode deter essa

autodestruição desordenada da Humanidade. Tudo isso tem sido evidenciado no que aconteceu antes.

Esse problema essencial, o problema de coletivização,[17] pode ser visto de dois pontos de vista recíprocos e apresentado de duas maneiras

diferentes. Podemos perguntar: "O que deve ser feito para acabar com o caos mundial?" e também "Como podemos oferecer ao homem jovem comum uma perspectiva razoável e estimulante de uma vida plena?"

Essas duas perguntas são o verso e o reverso de uma questão. O que responde a uma responde à outra. A resposta para ambas é que temos que coletivizar o mundo como um sistema com, praticamente, todos usufruindo de uma parte razoavelmente satisfatória nele. Por boas razões práticas, além de quaisquer considerações éticas ou sentimentais, temos que idealizar uma coletivização que não degrade nem escravize. [18] Nossa conferência mundial imaginária, então, tem que se voltar para a questão de como coletivizar o mundo, para que ele permaneça coletivizado e, mesmo assim, empreendedor, interessante e feliz o suficiente para contentar aquele jovem homem comum que, senão, reaparecerá desorientado e mal- humorado nas esquinas, metido em confusão novamente. Sobre esse problema, o restante deste livro tratará. De fato, é muito óbvio que no momento atual uma espécie de coletivização está sendo imposta ao mundo muito rapidamente. Todos estão sendo recrutados, convocados, colocados sob controle em algum lugar - mesmo que seja apenas em um campo de concentração, de evacuação, etc. Esse processo de coletivização, coletivização de algum tipo, agora parece ser o rumo natural das coisas e não há motivo para achar que seja reversível. Algumas pessoas imaginam a paz mundial como o fim desse processo. A coletivização será derrotada e um reino de leis, negligentemente projetado, restaurará e sustentará a propriedade, o cristianismo, o

individualismo e tudo a que os respeitáveis e ricos estão acostumados. Isso está implícito até mesmo no título de um livro como o , de Edward Mousley. É muito mais razoável pensar que a paz mundial tem que ser o desfecho necessário desse processo, e que a outra alternativa é uma anarquia decadente. Se for assim, a frase para os objetivos do pensamento Homem ou Leviatã?

liberal deve ser não, Homem ou Leviatã, mas sim Homem domina Leviatã.

Neste ponto da inevitabilidade da coletivização como única alternativa à depredação universal e ao colapso social, nossa conferência mundial deve se tornar perfeitamente clara. Então, tem que se voltar para a questão muito mais difícil e complicada de responder “como?” .

SOCIALISMO INEVITÁVEL

MESMO SENDO REPETITIVOS, olhemos um pouco mais de perto a frequência com que as forças disruptivas se manifestam no Ocidente e no Oriente.

No Velho Mundo a hipertrofia de exércitos é mais visível e, na América, a hipertrofia dos grandes negócios. Mas, em ambos,

a necessidade de ampliar uma restrição coletiva a empresas superpotentes e sem controle, e também a empreendimentos políticos, é cada vez mais claramente reconhecida. Nos Estados Unidos existe, por parte dos grandes interesses, uma oposição muito forte contra o Presidente, que se tornou o líder da campanha de coletivização; agora eles querem colocar o cabresto na sua progressiva socialização da nação e, possivelmente, ao custo de aumentar a discórdia social, eles podem retardar muito consideravelmente a tendência ao socialismo. Mas é inacreditável que eles se atrevam a provocar a convulsão social que viria em consequência de uma reversão planejada das máquinas ou de qualquer tentativa de retornar aos dias gloriosos dos grandes negócios, da especulação selvagem e dos níveis de desemprego anteriores a 1927. Eles apenas adiarão o inevitável, pois no mundo agora todos os caminhos levam ou ao socialismo ou à dissolução social. O ritmo do processo é diferente nos dois continentes. Não é uma oposição, essa é a principal diferença entre eles: viajam a velocidades diferentes, mas numa mesma direção. No Velho Mundo, atualmente, a socialização da comunidade está ocorrendo de forma muito mais rápida e completa do que na América, por causa da ameaça perpétua de guerra. Na Europa Ocidental, a dissolução e o avanço em direção à socialização progridem entre os saltos e os obstáculos. A classe governante britânica e os políticos em geral, surpreendidos por uma guerra que eles não tinham inteligência

para evitar, tentaram reparar sua desleixada falta de imaginação nos últimos vinte anos, numa euforia de improvisações imbecil. Sabe Deus em que consistem seus atuais preparativos de guerra, mas a sua política interna parece basear-se num estudo mal-feito vindo de Barcelona, Guernica, Madrid e Varsóvia. Eles imaginam catástrofes

semelhantes em uma escala maior - embora elas sejam completamente impossíveis, como todos os indivíduos inteligentes, que podem estimar os suprimentos disponíveis de petróleo, [19] sabem - e têm um pavor terrível de ser responsabilizados. Eles temem um dia ter que prestar contas com as classes mais baixas, cheias de revoltados. No seu pânico, eles estão rapidamente subvertendo toda a ordem existente. As mudanças que ocorreram na Grã-Bretanha em menos de um ano são surpreendentes. Elas lembram, em muitos aspectos, o deslocamento social da Rússia nos últimos meses de 1917. Houve um instável vai-e-vem de pessoas que pareceria impossível para qualquer um em 1937. A evacuação de centros populacionais só por causa de mero exagero da ameaça de ataques aéreos foi de uma imprudência histérica. Centenas de milhares de famílias foram desmembradas, crianças separadas de seus pais e alojadas em casas de terceiros mais ou menos insatisfeitos. Parasitas e doenças de pele, vícios e práticas sem higiene foram espalhadas nas favelas de centros como Glasgow, Londres e Liverpool, semelhante a uma euforia de propaganda igualitária por todo o mundo. Ferrovias, estradas e todas as comunicações normais foram deslocadas para um corredor universal. Por dois meses, a Grã-Bretanha tem sido mais um formigueiro perturbado do que um país civilizado e organizado.

O contágio do pânico afetou a todos. Instituições públicas e grandes empresas preocupadas têm fugido para locais remotos e inconvenientes; a organização da BBC, por exemplo, brigou em Londres, precipitada, desnecessária e ridiculamente, sem que ninguém a apoiasse. Houve uma epidemia selvagem de demissões de empregados que trabalhavam em Londres, por exemplo, e uma instabilidade ainda mais brutal de homens não- adaptados para empregos novos e supérfluos. Todos foram exortados a servir o

país: crianças de doze anos, para o grande deleite dos fazendeiros conservadores, têm sido retiradas da escola e colocadas para trabalhar na

terra e, mesmo assim, o número dos que perderam seus empregos e não encontraram mais nada para fazer, subiu para mais de 100.000. Tem havido tentativas amadoras de racionar alimentos, produzindo desperdício aqui e escassez artificial ali. Uma espécie de massacre de pequenas empresas independentes está em andamento principalmente para favorecer as grandes companhias da campanha-de-abastecimento, cujos sócios, numa noite, mudaram de especuladores para se tornar os consultores "especialistas" em suprimento-alimentar. Todo o conhecimento que eles já demonstraram foi a extração de lucros do suprimentoalimentar. Mas, enquanto os lucros aumentam, a taxação com um ar de grande solução, corta suas asas.

O público britânico sempre foi frio diante do perigo, é de coração-valente até demais, e muito estúpido para dar lugar a crises de pânico, mas as autoridades acharam necessário encher as paredes com cartazes caríssimos com uma coroa real escritos: "Sua coragem, sua determinação e sua alegria nos trarão a vitória. " . "Com certeza vencerá. Confie em si mesmo. E na minha coragem, determinação e na minha alegria; você vai usar 'Tommy Atkins' O Cockney[20] de Londres disse “Oh yus”[21]

[22], com certeza. Sorria[23] de mim de uma forma gentil e use-o. E então, você pensa que o jogará de volta novamente no monte de pó. E de novo? Outra vez?

[24] É tudo tão evidente. Mas desta vez nossos governantes emergirão do conflito desacreditados e frustrados para enfrentar uma população desorganizada, em um estado de inquirição e amotinada. Eles fizeram promessas absurdas para restaurar a

Polônia e certamente terão que engolir suas palavras sobre isso. Ou, o que é mais provável: o governo terá que dar lugar a outro governo que consiga engolir essas palavras para ele com uma graça um pouco melhor. Há pouca perspectiva de Reconhecimento de Boa-Vontade ou qualquer orgia noturna de Armistício desta vez. As pessoas em casa estão provando as dificuldades da guerra de forma ainda mais tediosa e irritante do que os homens em serviço ativo. Os cinemas e teatros foram fechados prematuramente; os black- outs diminuíram a segurança das ruas e duplicaram a história de vítimas da estrada. A multidão britânica já é uma

multidão malhumorada. Não se vê o mundo com tanto mau humor há um século e meio, e, não se engane, ela é muito menos temperamental com os alemães do que com seus próprios governantes.

[25] Através de todo esse turbilhão de propaganda intimidadora da desordem civil, e de uma sistemática supressão de notícias e críticas do tipo mais exasperante, a preparação da guerra prosseguiu. O cidadão, perplexo e confuso, só pode esperar que no lado militar tenha havido um pouco mais de previsão e menos histeria.

A perda de confiança e, particularmente, a confiança no governo e na ordem social já é enorme. Ninguém se sente seguro em seu trabalho, em seus serviços, em suas poupanças, ao longo do tempo. As pessoas perdem a confiança até mesmo no dinheiro em seus bolsos. E a sociedade humana é alicerçada sobre confiança: não pode prosseguir sem isso. As coisas já estão assim e é apenas a fase de abertura dessa guerra estranha. A posição da classe dominante e das pessoas de finanças que, até agora, dominaram os negócios britânicos é uma coisa peculiar. A proporção da guerra já é enorme e não há sinal de que irá diminuir. O imposto de renda, o super imposto, os impostos sobre a morte e os impostos sobre os lucros da guerra

foram elevados a um nível que deveria, praticamente, extinguir completamente a, outrora próspera, classe média da sociedade. Os muito ricos sobreviverão em uma situação de tosquia e diminuição. Eles se suspenderão sobre os últimos, mas as classes intermediárias, que até então intervieram entre aqueles e as massas empobrecidas da população, que estarão irritadas pelos sacrifícios de guerra, crescentemente desempregadas e perguntando questões cada vez mais profundas, (as classes intermediárias) terão diminuído bastante. Somente pela mais engenhosa manipulação financeira, por perigosas sonegações de impostos e expedientes à beira de um escândalo completo, é que um jovem inteligente terá a aparição de uma chance para subir acima de seus colegas pela velha e tradicional escada do dinheiro. Por outro lado, a carreira de um funcionário público se tornará continuamente mais atraente. Há mais interesse nela e mais respeito próprio. Quanto mais a guerra continuar, mais completa e nitidamente irreparável será a dissolução da antiga ordem.

Agora, para muitos leitores que não acreditaram na afirmação da primeira seção deste livro, de que estamos vivendo no Fim de uma Era, para aqueles que têm sido insensíveis à explicação das forças disruptivas que estão quebrando a ordem social e, para o argumento que resumi deles, de quem pode ter passado despercebido no geral, por assim dizer, afirmando-se que são "científicos" ou "materialistas" ou "sociológicos" ou "eruditos" ,

ou que a Providência Divina, que até agora demonstrou um preconceito tão acentuado em favor dos ricos, confortáveis e de mente lerda, certamente (essa Providência) fará algo de bom por eles na décima primeira hora.

[26] Os verdadeiros inconvenientes, alarmes, perdas e a crescente desordem da vida ao seu redor podem, finalmente, trazer uma percepção de que a situação na Europa Ocidental está se aproximando de condições

revolucionárias. Será difícil dizer para muitas pessoas nas classes que detêm vantagens, e principalmente de meia-idade, que os mais velhos já se despedaçaram e nunca mais poderão voltar. Mas como elas podem duvidar disso? Uma revolução, isto é, um esforço mais ou menos convulsivo no reajuste social e político, deve ocorrer em todos esses países sobrecarregados, na Alemanha, na Grã-Bretanha e universalmente. É mais provável que não surja diretamente dos diminuendos e crescendos exasperantes da guerra atual, como uma fase culminante dela. Algum tipo de revolução nós teremos que ter.

[27] Não podemos impedir o seu aparecimento. Mas podemos afetar o curso de seu desenvolvimento. Pode terminar em desastre absoluto ou pode lançar um mundo novo, muito melhor que o antigo. Dentro desses limites largos, é possível decidirmos como isso chegará até nós.

E, desde que a única questão prática que temos diante de nós é a de como nos apropriaremos dessa revolução mundial que não podemos, provavelmente, evitar, deixe-me chamar de novo a sua atenção às razões pelas quais avançamos na segunda seção deste livro para a discussão pública mais importante de nossa situação até o presente momento. E também me permitam trazer de volta à mente o exame do marxismo na quarta seção. É demonstrado com que facilidade um movimento

coletivista, especialmente quando confrontado

com as resistências e supressões fracas por parte dos que, até agora desfrutavam de riqueza e poder, pode degenerar em uma guerra de classes antiquada, tornar-se conspiratório, dogmático, inadaptável, e atolar em direção à adoração de um líder e à autocracia. Aparentemente, foi o que aconteceu na Rússia em sua fase atual. Não sabemos quanto do espírito revolucionário original sobrevive lá, e uma verdadeira questão fundamental na situação mundial é se devemos seguir os

passos da Rússia ou se estamos indo dar as mãos, encarar a dura lógica da necessidade e produzir uma Revolução Ocidental que será beneficiada pela experiência russa, reagirá à Rússia e levará, finalmente, a um entendimento do mundo. O que é que o mundo atlântico considera mais desagradável no mundo soviético atual? É uma desaprovação do coletivismo como tal?

[28] Somente no caso de uma diminuta minoria de homens ricos e bem-sucedidos - e muito raramente dos filhos dessas pessoas. Hoje em dia, pouquíssimos homens capazes, com menos de cinquenta anos, permanecem individualistas em matérias políticas e sociais. Eles nem mesmo são fundamentalmente anticomunistas. Apenas acontece que, por várias razões, a vida política da comunidade ainda está nas mãos de pessoas antiquadas e incapazes de aprender. As que são chamadas de "democracias" sofrem muito com o governo de velhos que não acompanharam o ritmo dos tempos. A verdadeira e concreta desaprovação, desconfiança e descrença na solidez do sistema soviético não se encontra no individualismo ultrapassado desses tipos idosos, mas na convicção de que ele nunca poderá alcançar eficiência, ou mesmo manter seu ideal honesto de um por todos e todos por um, a menos que tenha liberdade de expressão e uma insistência em liberdades definidas legalmente para o indivíduo dentro da estrutura coletivista. Não lamentamos a Revolução Russa como uma

Revolução. Nós reclamamos que não é uma revolução boa o suficiente e queremos uma melhor.

, mais necessário é um sistema jurídico que incorpore os Direitos do Homem. Isso foi esquecido dentro dos Sovietes Quanto mais as coisas

são coletivizadas[29] [30] , e assim, os homens têm medo de ações policiais arbitrárias. Entretanto, quanto mais funções seu governo controlar, maior será a necessidade de leis de proteção. A objeção ao coletivismo de sovietes é que, sem o

anti-séptico da liberdade pessoal assegurada por lei, ele não se manterá. Ele professa ser, fundamentalmente, um sistema econômico comum baseado em ideias de luta de classes; o diretor industrial está sob o calcanhar do comissário do Partido; a polícia política ficou toda fora de controle; e os negócios gravitam, inevitavelmente, em direção a uma oligarquia ou a uma autocracia protegendo sua ineficiência com repressão a comentários desfavoráveis.

Mas essas críticas justas apenas indicam o tipo de coletivização que deve ser evitada. Não dispõe de coletivismo como tal. Se, por nosso turno, não queremos ser submersos pela onda de Bolchevisão que está, evidentemente, avançando do Oriente, devemos implementar todas essas objeções válidas e criar uma coletivização que seja mais eficiente, mais próspera, tolerante, livre e rapidamente progressiva do que o sistema que condenamos. Nós, que não gostamos do estado Stalinizado-marxista, temos, como costumavam dizer na política britânica, que "despachá-lo" melhorando-o. Temos que confrontar o coletivismo de espírito oriental com o coletivismo de espírito ocidental.

Quiçá isso possa ser melhor colocado. Podemos estar dando lugar a um conceito subconsciente aqui e presumindo que o Ocidente sempre permanecerá pensando com mais liberdade e clareza, e trabalhando mais eficientemente do que o Oriente. Agora é assim, todavia não pode ser sempre desta maneira. Todo país teve suas fases de iluminação e suas fases de

cegueira. Stalin e o Stalinismo não são nem o começo nem o fim da coletivização da Rússia.

Estamos lidando com algo ainda quase impossível de mensurar: a extensão para a qual o novo patriotismo russo e o novo culto a Stalin têm se arrefecido, e até onde eles meramente mascararam o comunismo internacional genuinamente criativo dos

anos revolucionários. A mente russa não é uma mente mansa, e a maioria da literatura disponível para um homem jovem ler na Rússia, devemos lembrar, ainda é revolucionária. Não houve queima de livros lá. A rádio de Moscou fala para consumo interno desde que o Pacto Hitler-Stalin [31] revela uma grandiosa[32] boa vontade por a parte do governo visando deixar claro que não houve sacrifício do princípio revolucionário. Isso constata a vitalidade da opinião pública na Rússia. O conflito entre os ensinamentos de 1920 e de 1940 pode ter um efeito libertador na mente de muitas pessoas. Os russos adoram conversar sobre ideias. Eles falavam sobre o Czar. É incrível que não falem sobre Stalin.

Essa questão se a coletivização é para ser "Ocidentalizada" ou "Orientalizada" , usando essas palavras sob o crivo do parágrafo anterior, é realmente a primeira questão diante do mundo atual. Precisamos de uma revolução totalmente arejada. Nossa revolução tem que continuar na luz e no ar. Talvez tenhamos que aceitar a sovietização totalmente , a menos que possamos produzir uma coletivização melhor. Entretanto, se produzirmos uma coletivização melhor, é mais provável, de tal modo, que o sistema russo incorpore nossos aperfeiçoamentos, esqueça seu nacionalismo ressuscitado novamente, desacredite Marx e Stalin, na medida em que possam ser desacreditados, e se mesclem no único governo global.

à la Russe[33] [34] Entre esses antagonistas primários, entre a Revolução com os olhos abertos e a Revolução com uma máscara e uma mordaça, certamente haverá as complicações da controvérsia devido ao patriotismo e ao fanatismo, e às cabeças-duras de cegueira intencional daqueles que não querem ver. A maioria das pessoas mente muito para si mesma antes de mentir para os outros, e não há esperança de que todos os cultos e tradições incompatíveis que, atualmente, confundem a mente da raça (humana) se unam sob uma

percepção da natureza imperativa da situação humana, como tenho determinado aqui.

[35] Multidões nunca perceberão isso. Poucos seres humanos são capazes de mudar suas ideias principais depois dos trinta e poucos anos. Eles se fixam nelas e dirigem diante delas com menos inteligência do que os

animais diante de seus impulsos naturais. Eles vão morrer em vez de mudar o seu segundo eu. Uma das mais emaranhadas dessas questões secundárias perturbadoras é a criada pelas intrigas estúpidas e persistentes da Igreja Católica Romana.

Deixe-me ser claro aqui. Estou falando do Vaticano e de suas tentativas contínuas de exercer um papel diretivo na vida secular. Enumero entre meus amigos muitos católicos romanos, que construíram as personalidades mais encantadoras e os sistemas de comportamento na estrutura proporcionada a eles por sua fé. Um dos personagens mais adoráveis que já conheci foi G. K. Chesterton. Mas acho que ele estava tão bem antes de se tornar católico quanto depois. Apesar disso, ele achou algo que precisava no catolicismo. Existem santos de todos os credos e de nenhum, daí boas (mesmo) são as melhores possibilidades da natureza humana. [36] As observâncias religiosas fornecem uma base que muitos consideram indispensável para a própria ordem de suas vidas.

E, fora das fileiras de observadores "rigorosos" , muitas pessoas boas, com pouco mais teologia do que um Unitarista [37] , adoram falar de bondade e bondade como Cristianismo. Fulano-de-tal é um "bom cristão" . Voltaire, diz Alfred Noyes, o escritor católico, foi um "bom cristão" . Não uso a palavra "cristianismo" nesse sentido porque não acredito que os Cristãos detenham algum monopólio da bondade. Quando escrevo sobre o Cristianismo, exprimo o Cristianismo com um credo definido e uma organização militante, e não essas pessoas boas e gentis, boas e gentis mas não muito exigentes quanto ao uso exato das palavras.

Tais "bons Cristãos" , podem ser quase tão cruelmente críticos quanto eu sou da pressão contínua sobre os fiéis por esse grupo interno de italianos em Roma, subsidiado pelo Governo fascista, que puxa as cordinhas da política da Igreja no mundo todo, para fazer isso ou aquilo, coisa sofisticada ou rude, mutilar a educação, perseguir modos de vida heterodoxos. É à influência da Igreja que devemos atribuir o apoio tolo do Ministério Britânico das Relações Exteriores a Franco[38] , aquele pequeno "cavalheiro cristão" assassino, em sua derrubada do vertiginoso renascimento liberal da Espanha. É a influência Católica Romana que os Britânicos e Franceses têm a agradecer pelas trapalhadas fantásticas que os envolveram na defesa do insustentável Estado polonês e suas

aquisições injustas; afetou profundamente a política britânica em relação à Áustria e à Tchecoslováquia, e agora está fazendo o possível para manter e desenvolver um distanciamento político entre a Rússia e o mundo ocidental, por sua ira preconcebida na ideia de que a Rússia é "antiDeus" , enquanto nós ocidentais somos um pouco filhos da luz, lutando galantemente ao lado da Cruz. Onipotência, Grande Polônia, soberania nacional, o pequeno agricultor produtivo nãocomerciante, o lojista e quaisquer coisas mais que você puder imaginar constitui "Cristandade" . O Vaticano luta perpetuamente para transformar a atual guerra numa guerra religiosa. Está tentando roubar a guerra. Por todas as circunstâncias de seu adestramento, é inacessível. Não conhece algo melhor. Ele continuará - até que alguma

revolução econômica roube seus fundos. Então, como uma influência política, ele pode evaporar muito rapidamente. A Igreja Anglicana e muitas outras seitas protestantes, os ricos batistas, por exemplo, seguem o modelo.

Não é apenas nos assuntos britânicos que essa propaganda continua. Com o início da guerra, a França se torna militante e católica. Ela suprimiu o Partido Comunista, como um gesto de ressentimento contra a Rússia e uma precaução contra uma coletivização do pós-guerra. O caricaturista belga Raemaekers agora está apresentando Hitler, dia após dia, como um débil deplorável já excluído e digno de nossa compaixão, enquanto Stalin é representado como um gigante assustador com chifres e cauda. Contudo, França e Grã-Bretanha estão em paz com a Rússia e têm todos os motivos para chegar a um acordo de trabalho com aquele país. A atitude da Rússia em relação à guerra, no geral, tem sido fria, desdenhosa e razoável. Não é como se esses esquemas desonestos pudessem nos levar a algum lugar; não é que essa restauração do Sacro Império Romano seja uma possibilidade. Você enfrenta esses políticos católicos, assim como enfrenta os políticos de Westminster, com esses dois fatos principais: a abolição da distância e a mudança de escala. Em vão. Você não pode ter uma compreensão do significado dessas coisas nesses crânios à prova de ideias. Eles são surdos para elas, cegos para isso. Eles não podem ver que isso faz alguma diferença em todos os seus hábitos mentais cauterizados há muito tempo. Se suas mentes vacilam por um momento, aí proferem pequenas orações mágicas para exorcizar o clarão [39].

Eles perguntam: o que tem o "mero tamanho" a ver com a alma do homem, "mera velocidade, mero poder"? O que os jovens podem fazer melhor do que subjugar sua urgente necessidade natural de viver e realizar? O que a mera vida tem a ver com a perspectiva religiosa? A guerra, insistem esses propagandistas do Vaticano, é uma "cruzada" contra o modernismo, contra socialismo e livre pensamento; a restauração da autoridade sacerdotal é o seu fim; nossos filhos estão lutando para permitir que o padre aplique

novamente sua devoção imunda entre leitor e livro, criança e conhecimento, marido e mulher, nossos filhos e suas namoradas. Enquanto homens honestos estão lutando agora para pôr um fim na agressão militar, para retomar, de fato, aquela "guerra pelo fim da guerra" que foi abortada para nos dar a Liga das Nações [40] , esses fanáticos estão deturpando minuciosamente o assunto, tentando apresentá-lo como uma guerra religiosa contra a Rússia em particular, e contra o espírito moderno em geral. O muçulmano bem-doutrinado, os fundamentalistas americanos, o judeu ortodoxo, todas as culturas imutáveis, produzem idênticas resistências irrelevantes e muito extravagantes, mas a Organização Católica abrange mais e é mais persistente. É, francamente, contrária ao esforço humano e à ideia de progresso. Não faz sequer nenhuma dissimulação sobre isso.

Tais ações-opostas como essas, complicam, atrasam e podem até sabotar, efetivamente, todos os esforços para resolver o problema de uma coletivização lúcida dos assuntos mundiais, mas não alteram o fato essencial de que é apenas através da racionalização, e união de movimentos revolucionários construtivos em todos os lugares, e um triunfo liberal sobre o dogmatismo da luta de classes, que podemos esperar emergir dos atuais destroços de nosso mundo.

FEDERAÇÃO

AGORA VAMOS ADMITIR certas propostas vagamente construtivas que, hodiernamente, parecem estar demais na mente das pessoas. Elas encontram sua principal expressão em um livro chamado , do Sr. Clarence K. Streit, que lançou a palavra mágica "Federação" sobre o

mundo. As "democracias" do mundo estão para se unir sobre uma espécie de expansão da Constituição Federal dos Estados Unidos (que produziu uma das mais sangrentas guerras civis de toda a história) e então, tudo ficará bem conosco.

União Agora [41] Deixem-nos refletir se essa palavra "Federação" é de algum valor na organização da Revolução Ocidental. Eu sugeriria que é. Eu acho que ela pode ser um meio de libertação mental para muitas pessoas que, senão, teriam permanecido estupidamente resistentes a qualquer tipo de mudança. Este projeto da Federação tem um ar de razoabilidade. É atraente para um número de pessoas influentes que desejam, com o mínimo de adaptação, permanecer influentes num mundo em transição, e, particularmente, é atraente para o que eu posso chamar

de elementos liberais-conservadores[42] das classes altas na América, na Grã-Bretanha e nas regiões de Oslo, porque ele coloca o aspecto mais difícil do problema (a necessidade de socialização coletiva), tão completamente em segundo plano, que pode ser ignorado. Isso lhes permite ter uma visão bastante radiante e esperançosa do futuro, sem nenhum obstáculo sério às suas preocupações atuais.

Eles acham que Federação, razoavelmente definida, pode suspender a possibilidade de guerra por um considerável período e, assim, aliviar a carga da tributação, para que as atuais demandas esmagadoras sobre si venham a relaxar e eles sejam capazes de retomar, talvez em uma escala um pouco mais econômica, seu antigo modo de vida. Tudo o que lhes dá esperança, respeitopróprio, e preserva seus lares das piores indignidades de pânico, lhes dá apaziguamento, caça-às- deslealdades e o resto disso, deve ser encorajado e, nesse interregno, seus filhos terão tempo para pensar e, então, pode ser possível procurar, esquadrinhar e aperfeiçoar o projeto Streit, [43] de modo a criar um esquema genuíno e viável para a socialização do mundo.[44] , examinei a palavra "democracia" com algum cuidado, pois já parecia provável que grandes quantidades de nossos homens

jovens iam ser convocados para mutilar e arriscar suas vidas por causa disso. Eu mostrei que era, ainda, uma aspiração realizada muito inacabadamente; que seu desenvolvimento completo envolvia socialismo

e um nível de educação e informação não alcançados, até agora, por nenhuma comunidade no mundo. O senhor Streit faz uma afirmação vaga, mais retórica - uma afirmação mais idealista, digamos? - de sua concepção de democracia, o tipo de afirmação que seria considerada descontroladamente exagerada, mesmo se fosse propaganda de guerra e, embora infelizmente seja distante de Em O Destino do Homo sapiens

qualquer realidade alcançada, ele prossegue sem mais investigações, como se fosse uma descrição das realidades existentes aqui no País, prossegue com o que ele chama de "democracias" do mundo. Nelas, ele imagina que encontra "governos do povo, pelo povo, para o povo" . No livro que já citei, discuto O que é democracia? E Onde está a democracia? Faço o meu melhor para trazer o Sr. Streit aos fatos desagradáveis e difíceis do caso. Vou agora detalhar um pouco mais o exame de seu projeto.

Suas "democracias fundadoras" são: "A União Americana, a Comunidade Britânica (especificamente o Reino Unido, o Domínio Federal do Canadá, a Comunidade da Austrália, Nova Zelândia, a União da África do Sul, Irlanda), a República Francesa, Bélgica, Países Baixos, Confederação Suíça, Dinamarca, Noruega, Suécia e Finlândia" .

Raramente um deles, como mostrei no livro anterior, é realmente uma democracia totalmente praticável. E a União da África do Sul é um caso particularmente ruim e perigoso de tirania racial. A Irlanda é uma guerra religiosa em gestação e não um país, mas dois. A Polônia, observo, não entra em toda a lista de democracias do Sr. Streit. Seu livro foi escrito em 1938, quando a Polônia era uma terra arrendada de um país totalitário, desafiando a Liga das Nações e Vilna [45] , que havia tomado da Lituânia, com grandes áreas do país não- polonês, que ela havia conquistado da Rússia e áreas obtidas

pelo desmembramento da Checoslováquia. Ela só virou uma democracia, mesmo tecnicamente e por um breve período, diante de seu colapso, em setembro de 1939, quando Sr. Chamberlain foi tão tolo que arrastou o Império Britânico para uma guerra dispendiosa e perigosa, em seu favor. Mas isso é de propósito. Nenhuma dessas quinze (ou dez) "democracias fundadoras" são realmente democracias de qualquer jeito. Logo,

começamos mal. Mas elas podem se tornar democracias socialistas e sua federação pode se tornar algo real de fato - por um preço. A URSS é um sistema socialista federado, que demonstrou uma solidariedade política bastante bem-sucedida nas últimas duas décadas, independente do que mais ela tenha feito ou deixado de fazer.

Agora vamos ajudar o Sr. Streit a converter sua "federação" de uma aspiração nobre, mas extremamente retórica, em uma viva realidade. Ele está ciente de que isso deve ser feito a um preço, mas quero sugerir que esse preço seja, de onde julgo que é o seu ponto de vista, (esse preço seja) muito maior, e a mudança bem mais simples, geral e, possivelmente, ainda mais próxima das mãos do que ele supõe. Ele está disposto a apelar para organizações administrativas existentes, e é questionável se elas são a pessoa certa para executar seus projetos. Uma das dificuldades que ele ignora é a possível relutância do Ministério da Índia em entregar seu controle (Ceilão e Birmânia, ele não menciona) ao novo Governo da Federação, que, também assumiria o controle, eu presumo, das muito bem governadas e felizes cinquenta e poucos milhões de pessoas das Índias Orientais Holandesas, do Império Colonial Francês, das Índias Ocidentais e assim por diante. Isto, a menos que ele proponha, pelo menos, renomear o Escritório da Índia, etc., está pedindo um imenso surto de honestidade e competência por parte do novo funcionário federal. Também trata a possível contribuição desses quinhentos ou seiscentos milhões de pessoas morenas

para a nova ordem, com uma leviandade inconsistente com os ideais democráticos.

Extremamente muitas dessas pessoas têm cérebros tão bons ou melhores que os cérebros europeus normais. Você poderia educar, em uma única geração, o mundo inteiro em um nível não tão elevado como de um graduado em Cambridge, se tivesse

escolas, faculdades, aparelhos e professores o suficiente. O rádio, o cinema, o gramofone, as melhorias tanto na produção quanto na distribuição, tornaram possível aumentar em mil vezes o alcance e a eficácia de um professor talentoso. Temos visto intensas preparações de guerra em grande quantidade, mas ninguém ainda tinha sonhado com um

intenso esforço educacional. Nenhum de nós, realmente, gosta de ver outras pessoas sendo educadas. Elas podem estar obtendo uma vantagem sobre nossos privilegiados. Suponha que superemos essa inveja primitiva. Suponha que aceleremos – assim como agora somos, fisicamente, capazes de fazer - a educação e a emancipação desses enormes reservatórios subdesenvolvidos de capacidade humana. Suponhamos que acrescentemos isso na ideia da eus . Suponha que estipulemos que a Federação, para onde se estenda, signifique uma Nova e Poderosa Educação. Em Bengala, em Java, no Estado Livre do Congo, tanto quanto no Tennessee, na Geórgia, na Escócia ou na Irlanda. Suponha que pensemos um pouco menos sobre a "emancipação gradual" por votos e experimentos em autonomia local e todas essas ideias antigas, e um pouco mais sobre a emancipação da mente. Suponhamos que deixemos de lado aquele velho jargão sobre povos politicamente imaturos.

União Agora

Há uma direção na qual as propostas do Sr. Streit estão abertas a melhorias. Vamos nos voltar para outra em que ele não parece ter percebido todas as implicações de sua proposta. Esta grande União é para ter um fundo e uma economia unida livre de alfândegas. O que se segue a isso? Mais, eu penso, do que ele imagina.

Há um aspecto do dinheiro para o qual a maioria dos que o discutem parece ser, incuravelmente, cega. Você não pode ter uma teoria do dinheiro ou qualquer plano sobre o dinheiro por si só no ar. Dinheiro não é uma coisa em si; é uma parte prática de um

sistema econômico. O dinheiro varia em sua natureza com as leis e ideias de propriedade em uma comunidade. À medida que uma comunidade se move em direção ao coletivismo e ao comunismo, por exemplo, o dinheiro se simplifica. O dinheiro é algo necessário em um comunismo, como é em qualquer outro sistema, mas sua função lá é mais simples. O pagamento em espécie ao trabalhador não lhe dá liberdade de escolha entre os bens que a comunidade produz. O dinheiro dá [46]. O dinheiro se torna o incentivo que "faz o trabalhador trabalhar" e nada mais.

Entretanto, diretamente, você permite indivíduos não apenas obter bens de consumo, mas também obter crédito para produzir material de moldes

para indústria fora das produções essenciais do Estado. A questão do crédito e débito surge, e o dinheiro se torna mais complicado. Com toda liberação deste ou daquele produto ou serviço do controle coletivo para a exploração comercial ou experimental, o jogo do sistema monetário expande e, aumentando as leis, regulando o que lhe é permitido, o confundem, as leis da empresa, as leis de falências e assim por diante. Em qualquer sistema coletivo altamente desenvolvido, o Governo certamente terá que dar créditos a empreendimentos experimentais promissores. Quando o sistema não é coletivismo, as operações monetárias para lucro estão prestes a surgir e se tornam cada vez mais complicadas. Onde a maior parte do lado substancial da vida é confiada a empresas privadas descoordenadas, a

complexidade do aparato financeiro aumenta enormemente. A manipulação monetária torna-se um fator cada vez maior na briga competitiva, não apenas entre indivíduos e empresas, mas entre Estados. Como o próprio Sr. Streit mostra, em uma excelente discussão do abandono do padrão-ouro [47] , inflação e deflação tornam-se dispositivos na competição internacional. O dinheiro se torna

estratégico, assim como as encanações e ferrovias podem se tornar estratégicas.

Sendo assim, é evidente que, para a União Federal, um meio de dinheiro comum significa uma vida econômica idêntica em toda a União. E isso também está implícito, ainda, na economia "sem-alfândega" do Sr. Streit. É impossível ter um dinheiro comum quando um dólar ou uma libra, ou o que quer que seja, pode comprar isto, aquilo ou outra vantagem em um Estado e é impedido de qualquer coisa em outro, exceto compras simples para consumo. Para que esta União Federal seja obrigada a ser um sistema econômico uniforme, só pode haver variações muito leves no controle da vida econômica. Nas seções anteriores, as implacáveis forças que se dirigem à coletivização ou desastre do mundo foram expostas. Segue-se que "Federação" significa, praticamente, socialismo uniforme dentro dos limites federais, conduzindo ao socialismo mundial, enquanto Estado após Estado é incorporado. Manifestamente, levamos o Sr. Streit mais longe do que ele tem consciência que vai - até agora. Pois é bastante evidente que ele está sob a impressão de que uma grande quantidade de

empresas privadas independentes deve continuar por toda parte da União. Duvido que ele imagine que é necessário ir além da socialização parcial já alcançada pelo New Deal [48]

. Mas temos juntado evidências para mostrar que a disputa de lucros, os dias selvagens de "negócios" não cooperados está acabada para sempre.

E de novo, não obstante ele perceba e determine muito claramente que os governos são feitos para o homem, e não o homem para os governos [49] , embora ele aplauda as grandes declarações da Convenção que criou a Constituição Americana, na qual "nós, o povo dos Estados Unidos" , superamos as picuinhas sobre os estados separados e fundamos a Constituição Federal

Americana, em contrapartida, ele é curiosamente econômico ao ignorar alguns governos legais existentes no mundo atual. Ele é cuidadoso em falar de "Nós, as pessoas do mundo" . Porém, muitos de nós estamos começando a perceber que todos os governos existentes têm que entrar em ebulição; acreditamos que é uma revolução mundial que está sobre nós e, que na grande disputa para decretar o Socialismo Mundial Ocidentalizado, os governos contemporâneos podem desaparecer como chapéus de palha nas Cataratas do Niágara. O Sr. Streit, contraditoriamente, torna-se extraordinariamente legalista neste momento. Eu não acho que ele compreenda as forças de destruição que estão se aglomerando e, portanto, acho que ele titubeia em planejar uma reconstrução sobre algo na escala que pode se tornar possível.

Ele evita mesmo a necessidade óbvia de que, sob um governo federal, as monarquias da Grã-Bretanha, Bélgica, Noruega, Suécia, Holanda, se sobreviverem, devem se tornar como os soberanos figurativos dos Estados componentes do antigo Império Alemão, meros vestígios cerimoniais. Talvez ele pense isso, mas ele não diz diretamente. Não sei se ele ponderou sobre a Feira Mundial de Nova York de 1939, nem o significado da Visita Real à América naquele ano, e pensou quanto há no sistema britânico que teria que ser abandonado caso sua Federação se tornasse uma realidade. Na maioria das implicações da palavra, ela deve deixar de ser "britânica" . Sua Constituição Ilustrativa é alcançada com um completo recesso

forense das mudanças fundamentais nas condições humanas às quais temos que nos adaptar ou perecer. Ele pensa somente na guerra em si mesma e não como uma erupção devido, para ser mais exato, às másadaptações [50] . Mas, se levarmos suas estipulações anteriores à conclusão necessária, não precisamos nos preocupar demais com a sua constituição de amostra, que está para ajustar o suficiente o

equilíbrio entre os Estados constituintes. A abolição da distância deve, inevitavelmente, substituir associações funcionais e lealdades por atribuições locais, se a sociedade humana não se romper por completo. As divisões locais se fundirão em uma coletividade mundial e os principais conflitos em uma Federação progressivamente unificadora; é muito mais provável isso entre as associações de trabalhadores e os diferentes tipos no mundo todo.

. Um dos méritos ilustres do Sr. Streit é que ele tem tido a coragem de fazer propostas precisas sobre as quais podemos refletir. Eu duvido que um europeu pudesse ter produzido qualquer livro semelhante. Seu legalismo político ingênuo, sua ideia de salvação pela constituição e sua evidente fé na beneficência mágica da empresa privada estão, manifestamente, na veia de um americano, um americano pouco anterior ao New Deal, que tem se tornado, se é que é possível, mais americano, através de suas experiências com o aprofundamento da desordem na Europa. Muitos americanos ainda defrontam os assuntos mundiais como espectadores de um futebol onde são capazes de participação histérica, mas ainda não têm uma compreensão verdadeira de participação; eles não reparam que o chão está se mexendo debaixo de seus tamboretes também, e que no que lhes concerne, a revolução social está emergindo para engoli-los. Para a maioria de nós - para a maioria de nós com mais de quarenta anos, em todo o caso - a ideia de uma mudança fundamental em nosso modo

de vida é tão intragável que resistimos a ela até o último momento.

Até agora com o União Agora O Sr. Streit, às vezes, trai uma sensação de avanço do colapso social tão viva quanto eu tenho, mas ainda deve-lhe ocorrer que esse colapso pode ser conclusivo. Talvez haja uma idade das trevas, uma recaída no barbarismo, porém de um jeito ou de outro,

ele acha que o homem deve se restabelecer. George Bernard Shaw recentemente tem dito a mesma coisa. Pode ser pior que isso. Raramente tenho concedido ao senhor Streit uma palavra de aplauso, porque isso seria chover no molhado. Ele escreveu seu livro sinceramente como uma contribuição genuína à conferência mundial assistemática que está se sucedendo agora, admitindo a possibilidade de erro, exigindo críticas, e eu lidei com esse espírito. Infelizmente, sua palavra tem ido muito além do seu livro. O livro diz coisas definidas e, mesmo quando alguém discorda com ele, é bom como ponto de partida. Mas um número de pessoas tem adotado a palavra "Federação" , e nossas mentes são distraídas por uma multidão de apelos para apoiar projetos federais com o mais variado conteúdo ou sem conteúdo algum.

Todas as contagens de centenas de milhares de pessoas distintas que estão assinando compromissos de paz e assim por diante, poucos anos atrás, sem a menor tentativa do mundo para entender o que eles queriam dizer com paz, agora ecoam essa nova palavra-mágica com tão pouca concepção de qualquer conteúdo para ela. Elas não repararam que a paz significa uma ordem e equilíbrio da sociedade humana, tão complicada e difícil, que nunca foi mantida desde que o homem tornou-se homem, e que temos guerras e intervalos preparatórios entre elas, porque isso é uma sequência muito simplificadora e facilitadora para nossa espécie teimosa, confusa, cabreira e agressiva. Esse povo ainda pensa que nós

podemos conquistar esse novo e maravilhoso estado de coisas apenas clamando por ele.

E, tendo fracassado em obter a paz através de pronunciar "Paz" repetidas vezes, de novo, agora estão com um imenso senso de descoberta pronunciando "Federação" . O que deve acontecer

com homens em posições públicas conspícuas eu não sei, mas mesmo um homem letrado irresponsável como eu, se vê inundado de inumeráveis cartas particulares compridas, cartões postais histéricos, panfletos de organizações emergentes, "declarações" para assinar, pedidos de assinatura , tudo em nome da nova panacéia, tudo tão em vão e improdutivo quanto o balido de ovelhas perdidas. E não consigo abrir um jornal sem encontrar algum eminente contemporâneo escrevendo-lhe uma

carta, dizendo gentilmente, firme e bravamente, a mesma palavra, às vezes, com trechos de grudados nela, e outras vezes com pequenas melhorias, porém, amiúde sem nada mais do que a simples ideia. União Agora Todos os tipos de movimentos idealistas pela paz mundial, que vêm debatendo internamente sem chamar atenção por anos e anos, foram estimulados a seguir a nova bandeira. Muito antes da Grande Guerra [51], havia um livro de Sir[52] Max Waechter, amigo do Rei Edward VII, defendendo os Estados Unidos da Europa, e esse paralelismo inexato, todavia bajulador com os Estados Unidos da América, tem acontecido frequentemente, como um período lançado por Monsieur Briand, por exemplo, e um projeto apresentado por um escritor austro-nipônico, o Conde Coudenhove-Kalergi, que até criou uma bandeira para a União. A principal objeção à ideia é que

dificilmente há quaisquer Estados integralmente na Europa, exceto a Suíça, San Marino, Andorra e algumas das criações de Versalhes. Quase todos os outros Estados europeus se estendem muito além dos limites europeus, tanto politicamente quanto em suas fraternidades e relações culturais. Eles constituem mais da metade da humanidade. Ao redor de um décimo do Império Britânico está na Europa e menos ainda do Império Holandês; Rússia, Turquia, França, são menos europeus do

que não[53]; Espanha e Portugal têm suas ligações mais próximas com a América do Sul.

Poucos europeus se consideram "europeus" . Eu, por exemplo, sou inglês e grande parte de meus interesses, intelectuais e materiais, é transatlântica. Não gosto de chamar a mim mesmo de "britânico" e gosto de pensar em mim como membro de uma grande comunidade de língua inglesa, que se espalha sobre todo o mundo independentemente de raça e cor. Eu fico com raiva quando um americano me chama de "estrangeiro" - uma guerra com a América me pareceria somente tão insana quanto a guerra com a Cornualha [54] - e acho a ideia de me afastar dos povos de língua inglesa da América e da Ásia para seguir A bandeira do meu amigo austro- nipônico [55] em um amontoado federal europeu, extremamente antipática.

Eu aconselho que devia ser muito mais fácil criar os Estados Unidos do Mundo, que é o objetivo final do Sr. Streit, do que conseguir juntar o, assim chamado, continente da Europa em qualquer tipo de unidade.

Eu acho que a maioria desses movimentos dos Estados Unidos da Europa agora está passando para o lado da Federação.

Meu velho amigo e antagonista, Lorde David Davies, por exemplo, recentemente sucumbiu à infecção. Ele estava preocupado com o problema de uma nos dias em que a Sociedade da Liga das Nações e outros órgãos associados foram fundidos na União da Liga das Nações. Ele foi atingido, então, por uma ideia, uma analogia, e a experiência foi única para ele. Ele perguntou por que os indivíduos estavam em comunidades modernas, com segurança quase perfeita contra assaltos e roubos, sem nenhuma necessidade de portar armas.

Pax Mundial[56] [57] Sua resposta foi o policial. E a partir daí ele passou à questão do que era necessário

para que Estados e nações seguissem seus caminhos com a mesma imunidade feliz contra a violência e roubo, e lhe pareceu uma resposta completa e razoável dizer: "um policial internacional" . E você estava lá! Ele não viu, e com quase certeza, é totalmente incapaz de ver que um Estado é algo muito diferente, em sua natureza e comportamento, de um ser + humano individual. Quando lhe pediram para explicar como aquele policial internacional iria ser criado e sustentado, ele só continuou dizendo "policial internacional" . Ele está dizendo isso há anos. Às vezes parece que é para ser a Liga das Nações, às vezes o Império Britânico, às vezes uma Força Aérea Internacional, que deve assumir essa grave responsabilidade. O tribunal sob cujo policial deve apresentar o criminoso e tal lugar da prisão não são indicados. Achando nossas críticas desagradáveis, Sua Senhoria disparou com sua brilhante ideia, como um pinguim que encontrou um ovo, para chocá-lo sozinho. Espero que ele seja poupado para dizer "policial internacional" por muitos anos adiante, mas não acredito que ele nunca tenha percebido ou jamais perceberá que, por mais brilhante que tenha sido sua inspiração, ela ainda escanteou vastas áreas do problema na escuridão. Sendo um homem de muitas posses, ele foi capaz de sustentar um movimento da "Nova Comunhão da

Riqueza" e publicar livros e um periódico no qual sua única grande ideia é mais elaborada do que desenvolvida.

Contudo, eu não vou mais tratar com a multidão exageradamente incoerente que, agora, ecoa esta palavra: "Federação" . Muitos deles findarão de celebrar mais e cairão no esquecimento, mas muitos continuarão pensando, e se eles continuarem pensando, vão entender cada vez mais claramente as realidades do caso. Eles sentirão que Federação não basta.

Tanta coisa para a atual frente "Federalista" . Como uma base fundamental da ação, como um objetivo declarado, parece

desesperadamente vago e confuso e, se é possível alguém cunhar uma frase, será desesperadamente otimista. Porém, desde que o conceito parece ser o caminho para libertar inúmeras mentes da crença na suficiência de uma Liga de Nações, associada ou não ao Imperialismo Britânico, ele tem sido válido embora considere como possa ser ampliado e transformado na direção daquela vasta coletivização [58] mundial completa e de olhos abertos, [coletivização mundial] a qual um estudo das condições existentes nos obriga a acreditar que é a única alternativa contra a degeneração total de nossa espécie.

O NOVO TIPO DE REVOLUÇÃO

VAMOS VOLTAR PARA nosso principal propósito, que é examinar a maneira pela qual devemos encarar essa iminente Revolução Mundial.

Para muitas opiniões, essa ideia de revolução é quase inseparável de visões de barricadas de rua feitas de pedras de pavimentação e veículos tombados, multidões esfarrapadas, armadas com armas improvisadas e inspiradas por cantos desafiadores, prisões quebradas e uma prisão principal liberta [59]

, palácios invadidos, uma grande caça de senhoras e senhores, cabeças decapitadas, mas ainda formosas, sobre lanças, regicidas [60]

da mais sinistra qualidade, a frenética guilhotina, um ápice de desordem que finda numa baforada de balas de canhão . . . Esse foi um tipo de

revolução. É o que se pode chamar de o tipo de Revolução Católica[61] , ou seja, é a fase final de um longo período de vida e ensino católicos. As pessoas não percebem isso e algumas se indignarão por sua existência mencionada tão pouco. No entanto, os fatos nos fitam na face, conhecimento público, para não ser desmentido. Aquela multidão furiosa, faminta, desesperada e brutal foi o resultado de gerações de leis católicas, moralidade católica e educação católica [62] . O Rei da França era o "Rei mais Cristão, o filho mais velho da Igreja" , ele era o mestre da vida econômica e financeira da comunidade, e a Igreja Católica controlava completamente a vida intelectual da comunidade e a educação do povo. Aquela multidão foi a consequência. É absurdo papaguear [63] que o cristianismo nunca foi tentado. O cristianismo[64] , em sua forma mais altamente desenvolvida, foi tentado e tentado de novo. Foi tentado por séculos, total e completamente, na Espanha, França, Itália. Ele foi responsável pela sujeira, pestilência crônica e fome da Inglaterra medieval. Inculcava pureza, mas nunca inculcava limpeza. O cristianismo católico praticamente não contestou o poder na França durante

gerações. Ela era livre para ensinar como quisesse e tanto quanto quisesse. Dominou totalmente a vida comum. O sistema católico na França não pode ter colhido nada que ele não plantou, pois nenhum outro semeador foi autorizado. Aquela multidão horrível de maltrapilhos assassinos com a qual estamos tão familiarizados nos quadros do período, foi a colheita final de seu regime.

Quanto mais os reacionários católicos insultam o povo comum insurgente da primeira Revolução Francesa, mais condenam a si mesmos. É a distorção mais descarada da realidade que eles choraminguem da guilhotina e da carroça que levava os

presos, como se não fossem produtos puramente católicos, como se tivessem vindo de repente do exterior para destruir um paraíso refinado. Eles foram o último estágio da injustiça sistemática e da ignorância de um regime estritamente católico. Uma fase sucedeu a outra com lógica inflexível. A Marselhesa [65] completou o ciclo de vida do catolicismo.

Também na Espanha e no México temos visto a indiscutível ascensão católica moral e educacional, a Igreja com uma mão livre, produzindo

uma onda semelhante de ressentimento cego. A multidão lá também era cruel e blasfema; mas o catolicismo não pode reclamar; porque o catolicismo os concebeu. Padres e freiras, que tinham sido os únicos professores do povo, foram insultados e ultrajados e igrejas depredadas. Com certeza, se a Igreja fosse aquilo que ela diz que é, as pessoas teriam gostado dela. Elas não teriam se comportado como se o sacrilégio fosse um extravasamento gratificante.

Mas essas revoluções católicas são apenas espécimes de um único tipo de revolução. Uma revolução não precisa ser uma trovoada espontânea de indignação contra desumanidades e privações intoleráveis. Pode assumir muitas outras formas. Como uma segunda variedade de Revolução, que está em contraste agudo com a revolta-indignação na qual tantos e tantos períodos de incontestável ascensão católica terminaram, vamos usar o que a gente pode chamar de

"conspiração revolução" , na qual uma quantidade de pessoas começa organizando as forças de desconforto e ressentimento [66] e afrouxando o controle das forças do governo, no intuito de acarretar uma mudança fundamental de sistema. O ideal deste tipo é a Revolução Bolchevique na Rússia, desde que ela é um pouco simplificada e incompreendida. Isto, reduzido a uma teoria que funciona [67] por seus defensores, é concebido como um cultivo sistemático de um estado de espírito

público favorável a uma Revolução, juntamente com um círculo reservado de preparação para uma "tomada de poder" . Um número considerável de escritores comunistas e outros esquerdistas, jovens homens brilhantes, sem muita experiência política, têm deixado suas imaginações perdidas sobre a "técnica" de uma tamanha aventura. Eles têm buscado as revoluções nazi-fascistas no material para seus estudos. A estrutura social moderna, com sua concentração de autoridade, informação e poder coercitivo sobre estações de rádio, telefonia, escritórios de jornais, delegacias de polícia, armamentos e afins, presta-se à exploração quase-mafiosa deste tipo. Há um grande tumulto e uma ocupação de centroschave, uma captura organizada, prisão ou assassinato de possíveis opositores, e o país é confrontado com um fato consumado. Segue o recrutamento da população mais ou menos relutante.

Entretanto, uma revolução não precisa ser nem uma explosão nem um golpe de Estado. E a Revolução que assenta-se diante de nós agora como a única alternativa de esperança contra o caos, diretamente ou após um interlúdio do comunismo mundial, deve ser alcançada, se é que será alcançada ao todo, mas por nenhum desses métodos. O primeiro é muito retórico e caótico e leva, simplesmente, a um campeão [68] e a tirania; o segundo é muito conspiratório e leva através de uma disputa obscura de personalidades autoritárias por um

objetivo semelhante. Muito menos é lúcido e deliberado o suficiente para conquistar uma mudança permanente na forma e textura das questões humanas.

Um tipo totalmente diferente de revolução pode ser e pode não ser possível. Ninguém pode dizer que é possível, a menos que seja tentado, mas pode-se dizer com alguma segurança que, a menos que ele possa ser alcançado, a perspectiva para a humanidade por muitas gerações, no mínimo, é o desespero. A

nova Revolução almeja essencialmente uma mudança nas ideias diretivas. Na sua totalidade, ela é um método não experimentado. Para seu sucesso, depende de um número suficiente de mentes poder ser convencido a perceber que a escolha diante de nós agora não é entre mais uma revolução ou um conservadorismo mais ou menos reacionário, porém tanto uma escolha entre continuar e, assim, organizar o processo de mudança em nossos negócios, quanto para produzir uma nova ordem mundial ou sofrer um colapso social total e talvez irreparável. Nosso argumento em todas as partes tem sido que as coisas foram longe demais para ser reconduzidas de novo a alguma semelhança do que elas tinham sido. Não podemos mais sonhar em permanecer onde estamos nem pensar em voltar no meio de um mergulho. Devemos avançar com essas mudanças atuais, nos adaptar a elas, nos ajustar ao mergulho ou ser destruído por elas. Devemos atravessar essas mudanças, assim como devemos passar por essa guerra mal- concebida, porque até agora não há um término possível para ela.

Não há de ser possível um jeito de findá-la até que a nova Revolução se defina. Se ela estiver solucionada agora sem um pacto inteligente e

inteligível, aceito por todas as partes do mundo, teremos apenas o simulacro de uma paz. Uma paz celebrada agora não irá nem mesmo nos salvar dos horrores da guerra; ela vai atrasá-los somente para agravá-los num período

de poucos anos. Você não consegue cessar esta guerra ainda, na melhor das hipóteses, pode adiá-la.

A reorganização do mundo deve, a princípio, ser, sobretudo, obra de um "movimento" , ou um partido, ou uma religião ou culto, como preferirmos chamá-lo [69] . Podemos chamálo de Neo-Liberalismo ou o Novo Radicalismo ou algo congênere.

[70] Não será uma organização unânime, seguindo a linha do Partido e assim por diante. Pode ser muito livremente divergente e bem

sofisticada, mas se um número suficiente de mentes em todo o mundo, independentemente de raça, origem ou condição econômica e social, puder ser levado ao reconhecimento livre e sincero dos fundamentos do problema humano, então sua colaboração efetiva num esforço consciente, explícito e aberto para reconstruir a sociedade humana, irá acontecer. E, para começar, farão tudo o que puderem para difundir e aperfeiçoar essa concepção de uma nova ordem mundial, que considerarão a única estrutura de trabalho para suas atividades; ao mesmo tempo em que, se empenharão em descobrir e se associar, todo mundo, em qualquer lugar, que for intelectualmente hábil para compreender as mesmas ideias gerais e, moralmente disposto a realizá-las. A distribuição dessa concepção essencial pode ser chamada de propaganda, mas, na realidade, é educação. A fase de abertura deste novo tipo de revolução deve envolver, portanto, uma campanha para uma educação revigorada e modernizada em todo o mundo, uma educação que terá a mesma proporção da educação de duzentos anos atrás, como a iluminação elétrica de uma cidade atual tem para os lustres e lâmpadas de óleo do mesmo período.

[71] Nos níveis mentais atuais, a humanidade não pode fazer melhor do que está fazendo agora.

Vitalizar a educação só é possível quando ela está sob a influência de pessoas que estão aprendendo. É inseparável da

ideia moderna de educação que ela esteja ligada a pesquisas incessantes. Dizemos pesquisa em vez de Ciência. É a melhor palavra, porque está livre de qualquer sugestão dessa finalidade, que significa dogmatismo e morte. Toda educação tende a se tornar estilística e estéril, a menos que seja mantida em estreito contato com a verificação

experimental e o trabalho prático[72] e, conseqüentemente, esse novo movimento de iniciativa revolucionária, deve ao mesmo tempo sustentar atividades sociais e políticas realistas e trabalhar firmemente para a coletivização de governos e da vida econômica. O movimento intelectual será apenas a parte inicial e correlacionada da nova direção revolucionária. Essas atividades práticas devem ser diversas. Todo mundo engajado nelas deve estar pensando por si mesmo e não esperando ordens. A única ditadura que ele reconhecerá é a ditadura do entendimento evidente e do, incontestável, fato.

E, para que essa Revolução em desfecho seja concluída, deve ser bem-vinda a participação de todo tipo imaginável de ser humano que tenha a capacidade mental de ver essas realidades óbvias da situação mundial e a qualidade moral de fazer alguma coisa para colaborar.

Levantes revolucionários anteriores foram estragados pela má-psicologia. Eles deram grande campo à satisfação dos complexos de inferioridade que surgem pelas desvantagens de classe. Sem dúvida, é muito injusto que alguém seja melhor educado, mais saudável e com menos medo do mundo do que qualquer outra pessoa, mas essa não é a razão pela qual a nova Revolução não deveria fazer pleno uso da saúde, educação, vigor e coragem do afortunado. A Revolução que estamos contemplando terá como intuito abolir a amargura da frustração. Mas certamente não fará nada para vingá-la.

Absolutamente nada. Deixa o passado mortal castigar seus mortos.

Uma das tendências mais perversas no ensino marxista é sugerir que todas as pessoas de posses e capacidade, vivendo numa comunidade onde uma empresa privada desorganizada desempenha um papel importante, são, necessariamente, desmoralizadas pelas vantagens de que desfrutam e que elas devem ser desapropriadas

pelo trabalhador e pelo camponês, que são apresentados como dotados de uma virtude coletiva capaz de operar todo o complexo maquinário de uma comunidade moderna. Todavia, a verdade extravagante da matéria é que, uma disputa descoordenada entre indivíduos e nações iguais, desmoraliza todos os envolvidos. Todo mundo está corrompido, o vagabundo furtando na beira da estrada, o agricultor servil que beija a mão da Europa Oriental, a vadia subornada, tanto quanto a mulher que se casa por dinheiro, o administrador do comércio, o organizador industrial, o exigente proprietário do aluguel e o agente diplomático. Quando a atmosfera social está contaminada, todo mundo está doente.

Riqueza, liberdade individual e educação podem produzir esbanjadores e pessoas opressivas, mas também podem desvencilhar para oportunidade mentes criativas e administrativas. A história da Ciência e da invenção antes do século XIX confirma isso. No geral, se nós quisermos assumir que há alguma coisa boa em toda a humanidade, é mais razoável esperá-la aparecer quando tiverem mais oportunidades.

dos motivos humanos, nós temos o número muito considerável de pessoas jovens, provenientes de lares de classe média e alta, que figuram no movimento da extrema esquerda em todos os lugares. É sua reação moral ao “sufocamento” e à ineficiência social de seus pais e seu próprio tipo de pessoa. Eles procuram um extravasamento para suas habilidades que

não é vantajoso, mas é útil. Muitos têm solicitado uma vida honrosa - e quase toda vez acham, e a morte vem junto - na briga contra os católicos e seus ajudantes mouros e fascistas na Espanha.

E, em refutação adicional da caricatura marxista[73] É uma desgraça de sua geração, que muitos deles tenham caído nas armadilhas mentais do marxismo. Tem sido minha experiência absurda encontrar reuniões barulhentas de homens

jovens, ricos, em Oxford;[74] nenhum deles atrofiado fisicamente como eu fui por vinte anos de desnutrição e educação debilitada, todos fingindo ser brutos que foram civilizados, proletários sem colarinho branco e numa aversão perplexa contra minha tirania burguesa e o conforto modesto dos meus anos decadentes; e recitando as frases ridículas da luta de classes,

pelas quais eles protegiam suas mentes de qualquer reconhecimento das realidades do caso. Mas, embora essa atitude demonstre a educação desestimulante de suas escolas públicas e preparatórias, que lhes têm jogado, de maneira acrítica e emocional, nos problemas da vida acadêmica [75] , ela *não desvaloriza o fato de terem achado extremamente atraente a ideia de se doar por uma reconstrução revolucionária da sociedade, que prometeu acabar com seu enorme desperdício de potencial de felicidade e de façanha, [*não desvaloriza o fato] apesar das próprias vantagens deles parecerem ser razoavelmente seguras.

Por causa da abordagem direta com desconforto, indignidade, anos sacrificados, mutilação - a morte termina ligeiro, mas a gente acorda de novo com a mutilação todo dia - por obra dessa guerra mal-inventada; confrontados também pela reversão da

Rússia à autocracia e a extinção fiscal da maioria dos benefícios sociais de suas famílias; é provável que esses jovens com um jeito esquerdista estejam, provavelmente, não apenas para fazer algum reexame muito proveitoso de suas próprias possibilidades, mas também para encontrar a si mesmos e tomar partido, nesse reexame, por um número muito considerável de outros que, até agora, tem sido repelidos pela óbvia burrice e hipocrisia dos símbolos da foice e do martelo (trabalhadores e camponeses de Oxford!) e do dogmatismo intransigente do marxista ortodoxo. E esse povo novo não consegue, em vez de esperar para ser surpreendido por uma revolução insurrecional da qual emergirão

sujos de graxa, meio barbudos, conscientes de classe e em perigo constante de assassinato, decidir que, antes que a Revolução se apodere deles, eles se apoderarão da Revolução para salvá-la da ineficiência, das distorções mentais, decepções e frustrações que a têm derrotado na Rússia. Esta nova e completa Revolução que contemplamos pode ser definida em poucas palavras. Ela é (a) socialismo-mundial completo, cientificamente planejado e dirigido, além de (b) uma insistência baseada na lei, lei inspirada num ressentimento sádico concebido no ciúme dos direitos individuais da Declaração dos Direitos do Homem, mais (c) a liberdade completa de discurso, crítica e publicação, além de expansão perseverante da organização educacional para as, sempre crescentes,

demandas da nova ordem. O que nós podemos chamar de O Coletivismo Bolchevique ou oriental, a Revolução da Internacional, [76] falhou em alcançar até o primeiro desses três itens e nem sequer nunca tentou os outros dois. Colocando em resumo, é o triângulo de Socialismo, Lei e Conhecimento, que molda a Revolução que ainda pode salvar o mundo.

Socialismo! Tornar-se coletivistas sinceros? Pouquíssimos homens das classes mais afortunadas na nossa antiga sociedade em colapso, com mais de cinquenta anos, serão capazes de reajustar suas mentes a isso. Parecerá uma sugestão inteiramente repulsiva para eles (a faixa etária nos

Ministérios Britânicos, atualmente, é bem superior a sessenta). Mas ela não precisa ser repulsiva ao todo para os seus filhos. Eles serão empobrecidos de qualquer maneira. Os astros em suas órbitas estão olhando para isso. E isso os ajudará grandemente a perceber que um controle administrativo para participação administrativa e, depois, para administração direta são

passos fáceis. Eles estão sendo dados agora, primeiro em um assunto e depois em outro. Em ambos os lados do Atlântico. Relutante e frequentemente, de maneira muito dissimulada e contra resistências enérgicas, mas decrescentes. A Grã- Bretanha, como a América, pode se tornar um sistema socialista com uma revolução definitiva, jurando o tempo todo que não está fazendo nada desse tipo de coisa. [77] Na Bretanha, agora, nós não temos classe educada distintamente, porém em toda a acidentada escala social há homens e mulheres cultos que têm refletido intensamente sobre esses grandes problemas que estamos discutindo. Essa concepção de Revolução para evocar um mundo coletivizado liberal [78] pode apelar para muitos deles e, talvez, o bastante para começar a avalanche de propósitos que, certamente, se desenvolverá a partir de um começo claro e determinado. E assim, para concluir, resumimos nossa pesquisa a um exame do que deve ser feito agora para salvar a Revolução, o que o movimento ou seu partido - na medida em que ela possa usar a aparência de um partido, ela deverá fazer isso, que será sua política. Até agora, temos demonstrado por que um homem razoável, de qualquer raça ou idioma, em qualquer lugar, deveria se tornar um Revolucionário "Ocidental" . Temos agora

que revisar as atividades imediatas às quais ele pode se dedicar.

POLÍTICAS PARA O HOMEM SENSATO

VAMOS REAFIRMAR AS conclusões gerais para as quais nosso argumento anterior nos trouxe. O estabelecimento de um socialismo mundial progressivo, no qual as liberdades, a saúde e a felicidade de cada indivíduo são protegidas por uma lei universal baseada na reafirmação da Declaração dos Direitos do Homem, e onde há a máxima liberdade de pensamento, crítica e sugestão, é o plano, objetivo e racional

diante de nós agora. Somente a realização efetiva desse objetivo pode estabelecer a paz na terra e impedir a atual marcha dos assuntos humanos para a miséria e a destruição. Nós não podemos reiterar esse objetivo tão clara e frequentemente. O triângulo de coletivização, lei e conhecimento deveria incluir o propósito comum de toda a humanidade.

Mas entre nós e esse objetivo intervém as desordens vastas e profundas de nosso tempo. A nova ordem não pode ser trazida à existência sem um esforço gigantesco e, mais ou menos coordenado, dos elementos mais sensatos e capacitados da população humana. A coisa não pode ser feita rápida e melodramaticamente. Esse esforço deve fornecer a estrutura para todas as atividades sociais e políticas sensatas e um critério prático para todas as associações religiosas e educacionais. Entretanto, como nosso mundo é, pluralisticamente, variado e confuso, então é impossível restringir esse novo movimento revolucionário a qualquer única classe, organização ou partido. É algo grande demais para isso. Em sua expansão, ele produzirá e, quiçá, descartará várias organizações e partidos, convergindo para seu objetivo final. Consequentemente, na ordem de recapitular as atividades sociais e políticas das pessoas sensatas e inteligentes hoje em dia, nós temos que negociar com elas aos poucos, sob vários pontos de vista. Temos que considerar um avanço em uma frente longa e variada.

Vamos começar então com o problema da sanidade em face dos métodos políticos do nosso tempo. O que devemos fazer na qualidade de eleitores? Acho que a história das chamadas democracias no último meio século é bastante conclusiva. Nossos métodos eleitorais atuais, que não dão

escolha senão uma eleição bilateral ao cidadão e, portanto, lhe impõem um sistema bipartidário, constituem uma mera caricatura de governo

representativo. Eles têm produzido, em ambos os lados do Atlântico, grandes, estúpidas e corruptas máquinas partidárias. [79] Isso era obrigado a acontecer e, até hoje, existe uma espécie de timidez na mente de homens jovens interessados em política quando se vem debater Representação Proporcional. Eles acham que é um “bocado esquisita” . Na melhor das hipóteses, é uma questão secundária. Os políticos do partido se esforçam para manter essa timidez, porque sabem muito claramente, que o que é chamado de Representação Proporcional, cujo único voto transferível em grandes currais eleitorais, trazendo uma dúzia de membros ou mais, é extinção para o mero partido picareta e é destruição para as organizações partidárias. [80] O sistema da máquina eleitoral nos Estados Unidos é mais elaborado, mais profundamente enraizado legalmente na Constituição e, ilegalmente, no sistema de despojos, e pode provar ser mais difícil para modernizar o sistema britânico, que é baseado sobre uma antiquada tradição de castas. Mas tanto o Parlamento, como o Congresso são, essencialmente, similares em sua qualidade fundamental. Eles negociam títulos de nobreza, concessões e o bem-estar social, e só são amáveis na adversidade e, finalmente, para os movimentos da opinião pública. É uma questão em aberto se eles são muito mais sensíveis ao sentimento popular do que os ditadores que denunciamos tão abertamente como sendo a antítese da

democracia. Eles revelam um grande desprezo pelas respostas das massas. Eles explicam menos. Eles ignoram mais. Os ditadores precisam continuar falando e falando, nem sempre com sinceridade, mas precisam conversar. Um ditador mudo é inconcebível.

Em tais tempos de estresse extenso e crise como o presente, a lentidão maçante, a ineficiência e o desperdício do sistema partidário tornam-se tão manifestos que algumas de suas

piores pretensões são deixadas de lado. O jogo partidário está suspenso. A oposição de Sua Majestade abandona a pose de defender os interesses dos cidadãos comuns contra aqueles cabras safados nas cadeiras do governo; Republicanos e Democratas começam a cruzar a linha partidária

para discutir a nova situação. Inclusive os homens que vivem profissionalmente pela safadeza parlamentar (Congressistas), abandonam a carreira se estiverem com muito medo da situação dos negócios. A aparência de um governo nacional de todos os partidos unificados na Grã-Bretanha, em pouco tempo, parece inevitável.

A Grã-Bretanha, com efeito, tem virado socialista em uns dois meses; ela também está suspendendo os partidos políticos. Do mesmo jeito que os Estados Unidos fizeram na grande crise. E em ambos os casos, isso aconteceu porque a podridão e a ineficiência da política partidária fediam até bater no céu diante do perigo. E, já que em ambos os casos, o Partido do Governo levantou as mãos e fugiu, existe alguma razão admissível pela qual nós deveríamos deixá-lo voltar a qualquer vestígio de vitória ou restabelecimento, e pela qual nós deveríamos não ir adiante de onde estamos rumo a um regime socialista menos improvisado sob uma administração não-partidária permanente, para a realidade, senão para a forma de um governo socialista permanente?

Agora, aqui eu não tenho nada para sugerir sobre a América. Eu nunca tentei, por exemplo, descobrir as consequências da

ausência de ministros executivos do Legislativo. Estou inclinado a pensar que esse é um dos pontos fracos na Constituição e que o costume inglês, [81] que expõe o ministro ao período de perguntas na Câmara e faz dele um dos principais impulsionadores da legislação que afeta seu departamento, é menos complicado e, portanto, um processo mais democrático que o americano. E os poderes e funções do Presidente e do Senado são tão diferentes dos poderes

consolidados do Gabinete e do Primeiro Ministro[82], que mesmo quando um cidadão inglês diligentemente "assaltou[83] " os pontos constitucionais, ele ainda está tão perdido para compreender a realidade viva, quase quanto seria se lhe mostrassem a partitura de uma ópera antes de ouvi-la tocar ou os diagramas técnicos de uma máquina que ele nunca tinha visto em funcionamento. Assaz poucos europeus compreendem a história de Woodrow Wilson, do Senado e de sua Liga das Nações. Eles pensam que "América" , que eles supõem ser uma enorme senhora solteira, plantou a última instituição na Europa e depois, deliberadamente,

desertou de sua responsabilidade por ela, e eles nunca irão pensar o contrário. E eles acham que "América" manteve-se fora da guerra até o limite máximo da decência, nos sobrecarregou por munições que contribuíram para a vitória comum, e fez uma queixa porque a consequente dívida não foi exonerada. Eles falam assim, enquanto os americanos falam como se nenhum inglês tivesse sido morto entre 1914 e 1918 (tínhamos 800.000 mortos) até que os nobres recrutas americanos se apresentaram para morrer por eles (na ordem de, aproximadamente, 50.000). Saboreiem, por exemplo, até mesmo o título de Inglaterra de Quincy Howe, [84] esperando que cada americano cumpra seu dever. É o pior dos títulos, mas muitos americanos parecem gostar.

Em cima da minha escrivaninha, enquanto escrevo, está um panfleto do Sr. Robert Randall, no estilo de um ofício circular e enfeitado; o qual incita um ataque comum aos Estados Unidos como solução do problema da Europa. Nenhum dos países jamais se sentirá unido a menos que possua um inimigo comum, e o inimigo comum natural da Europa, é declarado, são os Estados Unidos. Então, para produzir os Estados Unidos da Europa, devemos começar denunciando a Doutrina de Monroe. Eu acredito na honestidade e nas boas intenções do senhor Robert Randall; eu

tenho certeza, que ele não é mais bem pago da Alemanha, direta ou indiretamente, do que o senhor Quincy Howe ou o senhor Harry Elmer Barnes; mas, será que, mesmo o mais brilhante dos propagandistas de guerra nazista, poderia ter uma ideia alienante mais eficiente? . .

Contudo, eu me desvio do meu tópico. Não sei como os homens sensatos na América estão indo começar o relaxamento da asfixia da Constituição, obter o controle de seu próprio país para tirá-lo das mãos daqueles políticos caricatos e, solenemente astutos, com suas grandes e fortes mandíbulas desenvolvidas por chiclete e, esnobes falando, dos quais as fotografias adicionam um verdadeiro elemento de pavor às páginas da revista , e como aqueles homens sensatos estão indo abolir o sistema de despojos, descobrir e educar para expandir um serviço civil competente capaz de resgatar as promessas atrapalhadas do New Deal, e pôr a América em alinhamento com a reconstrução do resto do mundo. Entretanto, percebo que na política e, realmente, na maioria das coisas, o

humor e a sanidade subjacentes dos americanos estão aptos a encontrar uma maneira de contornar e fazer o impossível, e tenho tão poucas dúvidas de que eles irão administrar isso, da mesma maneira que eu tenho quando vejo um artista de rua na sua pequena cadeira e tapete, todo amarrado, erguido com correntes, esperando até que haja moedas de um centavo suficientes no chapéu para justificar o esforço.

Time Essas diferenças de método, ritmo e tradição são um grande problema para todo o mundo de língua inglesa. Nós ingleses não respeitamos os americanos o suficiente; estamos muito dispostos a achar que eles são todos Quincy Howes e Harry Elmer Barneses e Borahs e coisa do gênero, monomaníacos [85] antibritânicos convencidos e desconfiados, que devem ser bemhumorados a qualquer custo; é por isso que nós nunca somos tão

francos e rudes com eles como eles merecem. Mas quanto mais nós devemos nos conter, menos os amamos. [86] Irmãos de verdade podem se amaldiçoar e se manter amigos. Algum dia a Bretanha dará à Columbia um pedacinho de sua mente, e isso poderá clarear o ar. Disse-me um inglês exaltado faz um dia ou mais: "Eu peço a Deus que eles continuem fora do fim desta guerra de todo jeito. Nunca devemos ouvir o fim disso se eles não... " No entanto, em um ritmo diferente, nossas duas pessoas estão viajando em direção aos mesmos objetivos, e é lamentável que uma diferença de sotaque e linguagem faça mais estrago do que uma diferença de idioma.

Até aqui, como a Grã-Bretanha vai, as coisas estão cada vez mais perto de mim, e parece-me que há uma excelente oportunidade agora para pegar o país em um estado de socialização, suspender a política partidária e mantê-lo assim. É uma conclusão lógica, mas amiúde desconsiderada, da possível criação dos Governos Nacionais de Todos os Partidos [87] e da suspensão de eleições, que, como não há oposição, as críticas partidárias devem dar lugar a críticas individuais de ministros e, em vez de substituir governos, nós deveríamos nos estabelecer para eliminar falhas administrativas individuais. Já não precisamos mais restringir nossa escolha de servidores públicos a carreiristas políticos. Podemos insistir em homens

que fizeram e podem fazer coisas e, quando quer que uma eleição ocorra, nós podemos organizar um bloco de eleitores apartidários que votarão, possivelmente, num estranho com capacidade comprovada e, de qualquer jeito, insistirão numa declaração clara de serviço concreto que ele prestou ao País de todo candidato ao Parlamento, caso existam, de seus sigilos financeiros, passados e presentes, suas relações familiares e quaisquer títulos, de nobreza ou honoríficos, que possua. Podemos conseguir esses dados necessários publicados

e prestar atenção no que os jornais se recusam, mais ou menos, a fazer. E se ainda houver apenas políticos para votar, podemos pelo menos votar e inutilizar nossos títulos de eleitor como forma de protesto.

Atualmente, vemos um serviço público após o outro em uma bagunça através do manuseio incompetente de alguns picaretas partidários e das atividades ocultas das partes interessadas. As pessoas já estão perguntando por que Sir Arthur Salter não está no controle da Allied Shipping novamente, Sir John Orr dirigindo nosso suprimento de alimentos, talvez com Sir Fredrick Keeble para ajudá-lo e, Sir Robert Vansittart no Ministério das Relações Exteriores. Queremos conhecer os indivíduos responsáveis pela incapacidade dos nossos Ministérios da Inteligência e da Propaganda, para que possamos induzi-los a deixar a vida pública. Seria assaz fácil agora agitar um número de pessoas impacientes com um grito de "Competência sem Partido" . A maioria das pessoas nas Ilhas Britânicas está, sinceramente, cansada do Sr. Chamberlain e seu governo, mas não pode enfrentar uma divisão política em tempos de guerra, e o Sr. Chamberlain se agarra no cargo com toda a teimosia de um percevejo. Contudo, se nós não atacarmos o governo como um todo, mas ministros individuais, e se os substituirmos um por um, passado pouco tempo, deveremos ter um governo tão rejuvenescido que até o Sr. Chamberlain perceberá e aceitará sua aposentadoria. Um grupo bem pequeno de pessoas com

espírito público, poderia organizar uma Sociedade de Vigilância, ativa para manter essas ideias diante da massa de eleitores e começar a eliminação de elementos inferiores de nossa vida pública. Este seria um trabalho prático de importância primordial em nossa regeneração política. Ele levaria diretamente a uma estrutura política nova e mais

eficiente para prosseguir depois que a presente guerra tiver entrado em colapso ou, caso contrário, findado. Seguindo em direção a essa campanha pelo sepultamento decisivo do desgastado sistema partidário, lá vem a necessidade por uma busca, muito mais extenuante, por habilidades administrativas e técnicas em todo o país. Não queremos sentir falta de um único jovem que possa ser útil no grande negócio de reformar a GrãBretanha, a qual, tem sido tão grosseira, desperdiçada e atrapalhadamente socializada por nossas perturbações da guerra, para que ela possa vir a ser um sistema permanentemente eficiente. E, desde a base da pirâmide educacional até o ápice do ensino superior de professores, chefes de departamentos e pesquisas, há necessidade de uma tal aceleração das mentes e dos métodos, que apenas um movimento mais ou menos organizado de homens, prudentemente críticos, possa promover. Agora, queremos ministros de qualidade elevada em todos os departamentos, mas em nenhum departamento da vida pública há um homem de entendimento criativo, iniciativa ousada e poder administrativo, tão necessários quanto no Ministério da Educação.

Tão tranquilo e discreto tem sido o fluxo de negócios educacionais no Império Britânico que parece quase escandaloso e é, certamente, "vulgar" sugerir que precisamos de um Ginger Group [88]

educacional para descobrir e apoiar assim um ministro. Queremos um Ministro da Educação que possa chocar os professores induzindo-os a um auto-exame, eletrificar e rejuvenescer velhos senhorios ou guardá-los lá longe, em torres de marfim, e estimular os mais jovens. Sob o sistema partidário, o Ministério da Educação sempre foi um local tranquilo para algum político digno de partido, com um respeito abjeto por sua Alma Mater[89] e pelos funcionários permanentes. Durante o período de guerra, quando outros departamentos acordam, o Departamento de

Educação afunda dentro da mais profunda letargia. Não se pode *lembrar de só um ministro britânico da educação, desde que há, na história da nossa ilha, tais coisas como ministros da educação, [*lembrar de só um] que significou, de maneira nenhuma, alguma coisa educacionalmente, ou que fez algo por seu próprio impulso que fosse do mínimo valor durante seu tempo.

Suponha que encontremos algum vivo - logo - e o deixemos se abrir!

Novamente, há algo a ser feito muito mais revolucionário que descarregar bombas sobre policiais inocentes ou assassinar monarcas ou ex-monarcas inofensivos. E, no entanto, está apenas pedindo que um departamento existente seja o que ele finge que é.

Uma terceira direção, para a qual o acúmulo armazenado de alguma sanidade mental deveria direcionar sua atenção, é a injustiça, tosca e indireta, dos nossos métodos atuais de expropriação das antigas classes bem-sucedidas. [90] O único princípio observável parece ser ‘viúvas e crianças primeiro’ . A socialização está sendo efetuada na Grã-Bretanha e na América de modos idênticos, não por desapropriação visível (com ou sem indenização), mas aumentando o controle do governo e elevando os impostos.

[91] Igualmente, nossas grandes comunidades estão entrando no socialismo de trás para frente e sem nunca olhar ao seu redor. Isso é bom, na medida em que essa experiência técnica e essa capacidade diretiva é alterada passo a passo, a partir de trabalho totalmente privado para serviço público, e nesse sentido, cidadãos sensatos e prestativos têm pouco a fazer além de tornar o processo consciente de si mesmo e o público informado da natureza real da mudança, mas é ruim em sua destruição

indiscriminada das poupanças, que são o lado mais exposto e vulnerável do sistema obsoleto. Eles são expropriados do mesmo jeito pelo controle de lucros e a tributação e, ao mesmo tempo, sofrem no poder aquisitivo pela aceleração daquele processo de inflação monetária que é o reajuste inevitável, a petição de falência, de uma comunidade que gastou demais. A classe empresarial diminui e morre; viúvas e órfãos, os idosos que já passaram pelo trabalho e os enfermos que são incapazes de trabalhar, são expostos, em seus anos declinantes, a uma diminuição dolorosa do seu modo de vida; há, sem dúvida, uma redução do desperdício social, mas também há um empobrecimento indireto da opinião livre e da livre iniciativa científica e artística, como as infinitas sociedades, instituições e serviços que têm enriquecido nossas vidas e que foram muito amplamente apoiadas por assinaturas voluntárias, definham. No presente,

grande parte dos nossos assistentes sociais, profissionais científicos, artísticos e literários são educados fora do fundo de poupança privada. Numa revolução de guerra de classes, essas pessoas economicamente muito indefesas, mas socialmente muito convenientes, são submetidas a humilhações vingativas - vista como um grande triunfo por seus vizinhos mais sórdidos – mas, uma revolução conduzida com bom senso provavelmente criará um sistema de anuidades e compensações por um tempo, e de assistência para associações outrora voluntárias, que aliviarão as deslocações sociais devido ao desaparecimento de um estrato de pessoas,

relativamente livres e independentes, antes de seus sucessores, ou seja, a crescente classe de funcionários aposentados, administradores públicos e assim por diante, que saem dos empregos, desenvolvem seus próprios métodos de afirmação e empreendimento.

10 DECLRAÇÃO DE DIREITOS DO HOMEM VAMOS NOS VOLTAR

AGORA para outro sistema de problemas na coletivização do mundo, que é a preservação da liberdade no Estado socialista e a restauração daquela confiança sem a qual o bom comportamento é geralmente impossível.

Essa destruição da confiança é um dos males menos claramente reconhecidos da presente fase de desintegração mundial. No passado, houve períodos em que comunidades inteiras ou, pelo menos, grandes classes dentro de comunidades desenvolveram seus negócios com honestidade geral, franqueza e senso de honra pessoal. [92] Essa destruição da confiança é um dos males menos claramente reconhecidos da atual fase de desintegração do mundo. No passado, houve períodos em que comunidades inteiras ou, pelo menos, grandes classes dentro de comunidades desenvolveram seus negócios com honestidade geral, franqueza e senso de honra pessoal. Eles tinham um orgulho entusiasmado na qualidade de suas ações. Eles viveram a vida completamente em termos toleráveis e tolerantes com seus vizinhos. As leis que eles observaram têm variado em países e períodos diferentes,

mas sua natureza geral era tornar possível e natural uma vida ordeira e obediente à lei. Eles foram instruídos, acreditaram e tiveram todos os motivos para acreditar: "Isto (aquilo ou aquilo outro) é certo. Faça o certo e nada, a não ser por algum acidente excepcional e estranho, pode bulir com você. A Lei garante você disso. Faça o certo e nada irá tirar o que é seu nem dar errado. " Em nenhum lugar do mundo agora existe muito mais daquele sentimento abandonado e, à medida que ele desaparece, o comportamento das pessoas degenera em direção a um

tumulto de pânico, em direção à desonestidade, ao excesso, à formação de quadrilhas, ao acúmulo de desconfiança, dissimulação e toda a baixeza e sentimento anti-social que é resultado natural da insegurança.

Diante do que agora equivale a alguma coisa como uma debandada moral, cada vez mais homens sensatos perceberão a urgência de uma restauração da confiança. Quanto mais a

socialização prossegue e quanto mais autoridade diretiva é concentrada, mais necessária é uma proteção eficiente de indivíduos contra a impaciência de funcionários bemintencionados, de mente estreita ou cruéis e, de fato, de todos os abusos de autoridade possíveis que são inevitáveis à nossa raça perversa, ainda infantil, sob tais circunstâncias. No passado, o mundo atlântico foi particularmente bemsucedido em expedientes para encontrar esse aspecto da natureza humana. Nosso método característico e tradicional pode ser chamado de o método da declaração fundamental. Nossos povos ocidentais, por um feliz instinto, produziram declarações de Direito, a partir da Magna Carta em diante, para fornecer uma defesa estrutural entre o cidadão e o, necessário, crescimento da autoridade central.

E, claramente, a organização bem-sucedida do coletivismo mais universal e penetrante que agora está sendo imposta a todos nós, será frustrada em seu aspecto mais vital, a menos que sua organização seja acompanhada pela preservação de uma nova Declaração dos Direitos do Homem, que, por causa da crescente complexidade da estrutura social, deve ser mais generosa, detalhada e explícita do que qualquer uma de suas antecessoras.

[93] Tal declaração deve se tornar a lei-comum fundamental de todas as comunidades e coletividades reunidas sob a

Mundial. Ela deveria estar entrelaçada com os objetivos de guerra declarados das potências combatentes agora; deveria se tornar o fato principal em qualquer acordo; deveria ser apresentada aos Estados agora combatentes, para sua aprovação, seu silêncio envergonhado ou sua rejeição. Pax Pela ordem, para ser o mais claro possível sobre isto, deixem- me submeter a vocês um esboço para sua consideração desta proposta de Declaração dos Direitos do Homem - usando

"homem" , é claro, para abranger todos os indivíduos, machos ou fêmeas, da espécie. Esforcei-me por trazer tudo o que é essencial e omitir quaisquer questões secundárias que possam ser facilmente deduzidas de suas declarações gerais. É um esboço para sua consideração. Pontos podem ter sido esquecidos e podem conter repetições e declarações supérfluas.

[94] "Desde que um homem vem a este mundo completamente sem culpa própria, uma vez que ele é manifestamente um herdeiro conjunto das acumulações do passado, e como essas acumulações são mais que suficientes para justificar as reivindicações que são feitas aqui por ele, seguem-se: "(1) Que todo homem sem distinção de raça, cor, crença ou opinião professada tem direito ao alimento, abrigo, assistência médica e atenção necessárias para realizar todas as suas possibilidades de desenvolvimento físico e mental e se manter em bom estado de saúde desde o nascimento até a morte. "(2) Que ele tem direito a educação suficiente para tornálo um cidadão útil e interessado; que a educação especial deve ser tornada tão disponível quanto proporcionada a ele em igualdade de oportunidades para o desenvolvimento de seus dons pessoais a serviço da humanidade; que ele deve ter fácil acesso a informações sobre todos os assuntos de conhecimento comum ao longo de sua vida e desfrutar da máxima liberdade de discussão, associação e adoração.

"(3) Que ele possa se engajar livremente em qualquer ocupação lícita, ganhando tal salário qual a necessidade de seu trabalho, e o desenvolvimento que este proporciona ao bem-comum e possa justificá-lo. Que ele tem direito a emprego remunerado e a uma livre escolha sempre que houver qualquer variedade de empregos disponíveis para si. Ele pode sugerir o emprego para si e

ter sua reivindicação considerada publicamente, aceita ou dispensada.

"(4) Que ele terá o direito de comprar ou vender, sem restrições discriminatórias, qualquer coisa que possa ser comprada ou vendida legalmente, em tais quantidades e com tais reservas que estejam compatíveis com o bem-comum. " (Aqui interpolarei um comentário. Temos que ter em mente que, em um Estado coletivista, comprar e vender para assegurar renda e lucro não será simplesmente desnecessário, mas impossível. A Bolsa de Valores, após sua carreira de quatrocentos e tantos anos, necessariamente, se dissipará com o desaparecimento de qualquer motivo racional, seja para grandes acumulações ou para o armazenamento contra ruína e indigência. Muito antes de chegar a era da coletivização completa, as economias de indivíduos para consumo posterior, provavelmente, serão protegidas por algum desenvolvimento de Sistema Único de Confiança dentro de um serviço público. Eles, provavelmente, terão direito a juros a uma taxa tal que compense a inflação secular que deveria continuar num crescente enriquecimento da comunidade mundial. Herança e doação em uma comunidade cujos meios de produção e de toda a monopolização possível são coletivizados, podem dizer respeito a poucos objetos, mais do que relativamente pequenos, bonitos e íntimos, que proporcionarão prazer, mas nenhuma vantagem social injusta ao recebedor.)

"(5) Que ele e seus bens pessoais adquiridos legalmente têm direito à proteção policial e legal contra violência privada, ruína, extorsão e intimidação.

"(6) Que ele possa circular livremente pelo mundo às suas próprias custas. Que sua casa ou apartamento particulares ou uma cerca de jardim, razoavelmente limitada é seu castelo, que pode ser

acessado apenas com seu consentimento, porém que ele deve ter o direito de ir e vir para qualquer tipo de país, matas de charneca, montanha, fazenda, grande jardim ou que não seja isso, ou sobre os mares, lagos e rios do mundo, onde sua presença não será destrutiva de alguma utilidade especial, perigosa para si mesmo nem seriamente inconveniente para seus concidadãos.

"(7) Que um homem, a menos que seja declarado por uma autoridade competente como um perigo para si mesmo e para os outros, por anomalia mental, com uma declaração que deve ser confirmada anualmente, não deve ficar preso por um período maior que seis dias sem ser acusado de um delito definido em lei, nem por mais de três meses sem julgamento público. No final deste último caso, se ele não tiver sido julgado e sentenciado pelo devido processo legal, deve ser solto. Nem ele deve ser recrutado para serviço militar, policial ou qualquer outro serviço para o qual tenha objeção de consciência. "(8) Que, embora um homem esteja sujeito à livre crítica de seus conterrâneos, ele deve ter proteção adequada contra qualquer mentira ou deturpação que possa detratá-lo ou injuriá-lo. Todo registro administrativo e dados de um homem devem estar abertos à sua inspeção pessoal e privada. Não deverá haver dossiês secretos em nenhum departamento administrativo. Todos os dossiês deverão ser acessíveis ao homem a quem concernem e sujeitos à verificação e correção por sua objeção. Um dossiê é apenas um memorando; não

pode ser usado como prova sem a devida confirmação em tribunal público.

"(9) Que nenhum homem deve ser submetido a qualquer tipo de mutilação ou esterilização, exceto com o seu próprio consentimento deliberado, dado livremente, nem deve ser submetido à agressão física, exceto na repressão de sua própria violência, nem ser submetido à tortura, espancamento ou qualquer

outra punição corporal; ele não deve ser submetido à prisão com tal excesso de silêncio, zoada, luz ou escuridão que cause sofrimento mental, ou a encarceramento em locais infectados, cheios de vermes ou senão em alojamentos insalubres, nem ser colocado em focos de vermes ou na companhia de pessoas infestadas. Ele não deve ser alimentado à força nem empatado de negar-se a comer se ele assim quiser. Ele não deve ser forçado a tomar remédios, nem estes lhes devem ser ministrados sem o seu conhecimento e consentimento. Que as punições extremas às quais ele pode ser submetido são reclusão de segurança máxima por um período até quinze anos ou sua morte" .

(Aqui, eu gostaria de pontuar que não há nada nisso para proibir qualquer país de abolir a pena de morte. Qualquer país de abolir a pena de morte! Nem também afirmo o direito geral de cometer suicídio, porque ninguém pode punir um homem por ter feito isso, se ele escapar. Mas ameaças e tentativas incompetentes de cometer suicídio pertencem a uma categoria completamente diferente. São atos indecentes e angustiantes que podem, facilmente, se tornar um sério transtorno social, contra o qual o cidadão normal tem direito a proteção.) "(10) Que as disposições e princípios incorporados nesta Declaração devem ser mais completamente detalhados em um código dos direitos humanos fundamentais, que deve ser, facilmente, tornado acessível a todos. Esta Declaração não deve ser limitada nem arquivada sob qualquer que seja o

pretexto. Ela incorpora todas as declarações de direitos humanos anteriores. Doravante, para uma nova aurora, ela é a lei fundamental para a humanidade em todo o mundo. [95] "Nenhum tratado e nenhuma lei afetando esses direitos fundamentais devem ser impostos a nenhum homem, província ou divisão administrativa da comunidade, que não tenham sido feitos

abertamente, por e com a aquiescência, ativa ou tácita, de todo cidadão adulto por elas afetado, ou dado por um voto direto da maioria de seus representantes eleitos publicamente. Em questões de comportamento coletivo, é com a decisão da maioria que os homens devem se conformar. Nenhuma administração, sob um pretexto de urgência, conveniência ou similar, deve ser delegada com poderes para criar ou definir mais delitos ou estabelecer estatutos, que de alguma forma infringirão os direitos e liberdades aqui declarados. Toda legislação deve ser pública e exata. Nenhum trato secreto deve ser obrigatório para indivíduos, organizações ou comunidades. Nenhuma ordem em conselho ou algo correlato, que estenda a aplicação de uma lei, deve ser permitida. Não há fonte de lei senão o povo, e como a vida flui constantemente para novos cidadãos, nenhuma geração do povo pode, no todo ou em parte, renunciar ou delegar o poder legislativo inerente à humanidade" .

[96] Eu acho que existe alguma coisa que, mentes mais perspicazes do que a minha, podem lapidar em uma Declaração de trabalho que, da maneira mais eficiente, começaria a restauração da confiança que a

plataforma mundial precisa. Muito disso pode ser mais bem formulado, mas acho que incorpora a boa vontade geral da humanidade, de polo a polo. É, certamente, o que todos nós queremos para nós mesmos. Poderia ser um instrumento muito potente, de fato, na atual fase dos assuntos

humanos. É necessário e aceitável. Incorpore isso em seus tratados de paz e artigos da federação, eu diria, e você terá uma base firme, que ficará cada vez mais sólida, para a destemida vida cosmopolita de uma nova ordem mundial. Você nunca obterá esta ordem sem um tal documento. É a chave perdida para infinitas dificuldades contemporâneas. [97] E se nós, as democracias sérias, não estamos lutando por esses direitos humanos comuns, então pelo que, em nome da aristocracia e da pequena nobreza, da Coroa e da Igreja

Estabelecida, da cidade, do jornal The Times[98], do Exército e do Clube Naval, nós, britânicos comuns, estamos lutando?

POLÍTICAS INTERNACIONAIS

E AGORA, TENDO COMPLETADO nossa imagem de pelo que os elementos sensatos na sociedade humana podem, razoavelmente, trabalhar e esperar, tendo superado os pesadelos horríveis da guerra de classes e do Estado- escravagista totalitário de nossas imaginações, então agora somos capazes de atacar os enigmas imediatos do conflito internacional e do relacionamento com alguma esperança de uma solução geral. Se nós percebermos, de todo o coração, que um acordo mundial baseado nas três ideias

de socialismo, lei e conhecimento, não é apenas possível e atraente, mas a única maneira de escapar do aprofundamento do desastre, então manifestamente, nossa atitude em relação aos ressentimentos da Alemanha, os prejuízos da América ou da Rússia, a pobreza e a subnutrição da Índia ou as ambições do Japão, devem ser francamente convenientes. Nenhuma dessas é questão primária. Nós, homens sensatos, nunca devemos perder de vista nosso objetivo final, mas nossos métodos para chegar lá terão que variar de acordo com as alterações flutuantes do sentimento nacional e da política nacional.

Existe essa ideia de federalismo, sobre a qual eu já teci uma crítica no capítulo sete. Como mostrei lá, as propostas de Streit levarão você mais longe, ou pousarão você em lugar nenhum. Vamos supor que possamos fortalecer suas propostas a ponto de criar um consórcio econômico socialista e a adesão a essa Declaração de Direitos, condições primárias para qualquer união federal; então, torna-se uma questão de humor e ocasião com quais comunidades a associação federal pode ser iniciada. Podemos, ainda, encorajar experimentos federais debilitados que não se aventuram ir tão longe quanto ao longo do caminho do bom senso, na certeza de que ou eles se dissiparão de novo ou se tornarão realidades liberais, do tipo com o qual o mundo inteiro deve, finalmente, se conformar. Por trás dessas tais tentativas indecisas, uma propaganda educacional pode ser ativa e eficiente.

Mas quando se trata da taxa e da quantidade de participação na construção de uma ordem mundial racional, que podemos desejar de qualquer país ou grupo de países, nós estamos em um campo onde existe pouco mais do que adivinhações e generalizações aleatórias sobre "caráter nacional" , para se trabalhar em cima delas. Estamos lidando com massas de pessoas que podem ser influenciadas enormemente por um jornal brilhante ou por uma

personalidade extraordinariamente persuasiva ou convincente, ou por mudanças quase acidentais no fluxo dos eventos. Eu, por exemplo, não consigo dizer até que ponto a maior parte das pessoas educadas e capazes no Império Britânico pode agora concordar com nossa ideia de aceitar e divulgar um coletivismo, ou quão forte possa ser sua resistência conservadora. É o meu próprio país e eu devo conhecê-lo melhor, e não conheço bastante desapaixonadamente ou bastante profundamente para decidir isso. Eu não vejo como alguém possa predizer esses turbilhões e turbilhões de resposta.

A defesa de tais movimentos da mente e da vontade como estou falando aqui, está, em si mesma, entre as causas operacionais do ajuste político, e aqueles que estão envolvidos na luta são menos capazes de estimar como ela está indo. Cada fator nos assuntos políticos e internacionais é um fator flutuante. O homem sábio, portanto, não colocará seu coração sobre nenhuma incerteza ou combinação particular. Ele favorecerá tudo que se

direcionar ao fim que almeja. O presente escritor alimenta a ideia de que a realização de um propósito comum e de uma herança cultural comum podem se espalhar por todas as comunidades de língua inglesa, e não pode haver danos nos esforços para dar essa expressão concreta. Ele acredita que a dissolução do Império Britânico pode inaugurar essa grande síntese. Ao mesmo tempo, existem fatores contribuindo para uma associação mais estreita dos

EUA com o que chamamos de as potências de Oslo. Não há razão para que uma dessas associações deva ficar no caminho da outra. Alguns países como o Canadá já repousam sob o que é, praticamente, uma garantia dupla; ela tem a segurança da Doutrina Monroe e a proteção da Esquadra Britânica.

Uma Alemanha de oitenta milhões de pessoas que foram persuadidas a concordar com a Declaração dos Direitos do Homem, e que já é altamente coletivizada, pode chegar muito mais cedo a um regime socialista completamente liberal [99] do que a GrãBretanha ou a França. Se ela participar de um consórcio para o desenvolvimento das chamadas regiões politicamente atrasadas do mundo, pode já não estar disposta a promover aventuras militares, além de estresse e miséria. Ela pode entrar em uma fase de recuperação social e econômica tão rápida que estimule e responda a todos os outros países do mundo. Não cabe a outros países ditar sua política interna e, se o povo alemão quiser permanecer unido como um povo, em Estados federados ou em um Estado centralizado, não há nenhuma justiça nem sabedoria os impedindo. Os alemães, como o resto do mundo, têm que ter sucesso com a coletivização, têm que produzir seu padrão, e não podem se entregar a isso [100] se eles são, artificialmente, divididos e desorganizados por algum esquema antiquado do cais de Quai d ■Orsay [101] . Eles devem fazer a coisa certa ao seu próprio modo. Que a tradição beligerante possa persistir na Alemanha, por mais ou menos uma geração, é um risco que as potências atlânticas têm de correr. O mundo teria o direito de insistir que, não

apenas algum governo alemão, mas o povo em geral, reconhecesse inequivoca e repetidamente, os direitos do homem afirmados na Declaração, e que a Alemanha seja desarmada e que qualquer atitude agressiva, qualquer avião de guerra, navio de guerra, arma ou o arsenal

descoberto no país seja destruído imediatamente, de forma brutal e completa. Porém isso é uma coisa que não deveria ser limitada à Alemanha. A Alemanha não deveria ser apontada por isso. O armamento deveria ser uma ilegalidade em todos os lugares, e algum tipo de força internacional patrulharia um mundo vinculado por tratados. Armamento parcial é um desses absurdos

queridos por homens "razoáveis" de mente moderada. O próprio armamento está fazendo guerra. Fazendo uma arma, apontando uma arma e disparando-a, são todos atos da mesma ordem. Deveria ser ilegal construir, em qualquer canto do mundo, todo mecanismo com o propósito específico de matar homens. Quando você vê uma arma, é razoável perguntar: "Quem é que planeja matar?"

O rearmamento da Alemanha depois de 1918 foi amplamente tolerado, porque ela jogou com a russofobia britânica contra o medo russo de um ataque "capitalista" , contudo, aquela desculpa já não pode servir a nenhum traficante de guerra dissimulado no meio de seu povo, depois do seu pacto com Moscou.

Liberada dos encargos econômicos e das restrições que aleijaram sua recuperação após 1918, a Alemanha pode encontrar uma saída completa e satisfatória para a energia de seus homens jovens, na sua coletivização sistemática, elevando o padrão de sua vida comum, deliberada e constantemente, dando à Rússia uma vantagem em eficiência, e forçando a "política" indiferente e a desatenção evasiva do mundo atlântico, a permanecer concentradas nas realidades da vida. A ideia de dividir novamente a Alemanha em fragmentos discordantes, de modo a adiar indefinidamente sua recuperação definitiva, é um sonho do preguiçoso pseudodemocrático. É diametralmente oposta à reconstrução mundial. Nós temos necessidade das qualidades peculiares de

seu povo, e quanto mais cedo ela se recuperar, melhor para o mundo inteiro. É absurdo retomar a política de conter a Alemanha, simplesmente, para que a velha ordem possa desfrutar de mais poucos anos de autoindulgência na Inglaterra, França e América.

Um medo demorado da agressão militar alemã pode não ser tão ruim para os Estados menores do Sudeste da Europa e da Ásia Menor, demolindo

seu nacionalismo excessivo e os induzindo

a trabalhar juntos. A política do homem sensato deveria ser muito mais bem acolhida por todos os experimentos possíveis em entendimentos internacionais duplicados, e sobrepostos um sobre o outro. Ele tem que assistir as atividades de seu próprio ministério das relações exteriores com inveja incessante, em busca de sinais daquele espírito maquiavélico que fomenta a divisão entre governos e povos estrangeiros e planeja, perpetuamente, frustrar o movimento progressivo nos assuntos humanos, convertendo-o num vai-e-vem indeciso da balança do poder.

Este livro é uma discussão de princípios orientadores, e não dos intermináveis problemas específicos de ajuste, que surgem no caminho para a concretização mundial da unidade coletiva. Eu vou só passar a vista naquela velha ideia de Napoleão III, a União Latina, por meio da possibilidade de uma situação na América do Sul espanhola e portuguesa, paralela àquela amontoação da Doutrina Monroe e das pátrias europeias, coisa que já existe, na prática, no caso do Canadá; e também não discorrerei sobre as múltiplas possibilidades de aplicação sincera da Declaração dos Direitos do Homem na Índia e na África – e, particularmente, para essas partes do mundo nas quais mais ou menos povos negros estão despertando para as realidades da discriminação racial e da opressão. [102] Eu vou contar uma passagem advertindo contra qualquer tratamento maquiavélico do problema do Norte e do Leste da

Ásia, no qual os britânicos podem ser conduzidos por sua russofobia congênita. O coletivismo soviético, especialmente se atualmente ele se tornar liberalizado e mais eficiente por meio de uma cura da sua corrente obsessão por Stalin, pode se espalhar muito efetivamente pela Ásia Central e China. Para alguém alimentado mentalmente em cima das ideias de uma infindável competição de potências visando uma hegemonia para todo o sempre, uma aliança

com o Japão, um Japão tão truculento e militarizado quanto possível, parecerá a resposta mais natural do mundo. Contudo, para qualquer um que tenha compreendido a realidade da presente situação da humanidade e a conveniência urgente da coletivização mundial, essa unificação imensa será algo para acolher, criticar e ajudar.

O velho pesadelo dos "projetos para a Índia" , por parte da Rússia, também pode fazer sua parte para distorcer a situação asiática para muitas pessoas. No entanto, uma centena de anos de negligência misturada à exploração e surtos ocasionais de genuína solicitude, deveriam ter ensinado aos britânicos que o destino final das centenas de milhões da Índia não repousa agora sobre nenhum governante conquistador, mas total e exclusivamente na habilidade dos povos indianos para cooperar na coletivização mundial. Eles podem aprender muito por meio do preceito e exemplo da Rússia e do mundo de língua inglesa, porém os dias para mera revolta ou para assistência por uma mudança de mestres passaram. A Índia tem que resolver por si mesma, com sua própria maneira de participação na luta por uma ordem mundial, a partir do Raj britânico como uma linha de referência. Nenhum poder externo pode resolver isso para os povos indianos, nem forçá-los a resolver se eles não tiverem vontade.

Mas eu não vou vaguear mais além no meio desses problemas e possibilidades em constante transformação. Elas são, por

assim dizer, eventualidades e oportunidades marginais. Imensas, embora algumas delas permaneçam secundárias. Todo ano, ou então agora, as mudanças de canais da política precisam ser recarregadas. As atividades e respostas do homem sensato, em qualquer país específico e em qualquer tempo específico, serão determinadas sempre pela concepção dominante de um movimento

secular para uma só ordem mundial. Esse será o objetivo permanente implícito de toda a sua vida política. Há, todavia, outra linha de consolidação mundial para a qual deve ser chamada a atenção antes de concluirmos esta seção, e é o que podemos chamar de internacionalismo ad hoc[103] que é admiravelmente demonstrado no de Leonard Woolf, um clássico publicado em 1916 e que ainda constitui uma leitura proveitosa. A típica organização Governo Internacional é a União Postal, que David Lubin, aquele brilhante pensador negligenciado, teria desenvolvido até controlar o transporte e equalizar fretes por todo o mundo. Ele baseou suas ideias na sua experiência prática nos negócios de encomendas por correspondência, do qual derivou sua fortuna muito considerável. A partir daquele problema de ajuste de frete, ele passou à

ideia de uma pesquisa controlada do mundo, para que uma escassez aqui ou um excesso ali, pudesse ser previsto e remediado a tempo. Ele teve a visão na forma do Instituto Internacional de Agricultura em Roma, que em seu apogeu fez tratados como um poder soberano independente, para o suprimento de devoluções a partir de quase todos os governos da Terra. A guerra de 1914 e a morte de Lubin em 1919, assinalaram o desenvolvimento desse experimento, admirável e mais inspirador, do internacionalismo

ad hoc . Sua história é, certamente, algo que deveria fazer parte da educação obrigatória de todos os estadistas e jornalistas. No entanto, nunca na minha vida conheci um político profissional que sabia alguma coisa qualquer que fosse, ou que queria saber alguma coisa sobre ela. Ele não recebeu votos; pareceu difícil rotulá-lo; qual foi o bom disso? Outra organização ad hoc ad hoc que pode ser capaz de uma extensão considerável de suas funções é a Elder Brethren of Trinity House, que controla os faróis e os mapas dos mares em todo o

mundo. Mas seria necessária uma revisão e uma extensão assaz considerável do livro do Sr. Woolf e, apesar das tensões da guerra que têm atrasado e, em alguns casos, revertido seu desenvolvimento, estaria muito além do nosso presente alcance, atualizar o percurso histórico de redes de trabalho internacionais ad hoc , classificando desde convênios comerciais internacionais, organizações científicas e técnicas, repressão ao tráfico de escravos brancos e cooperação policial internacional, até serviços de saúde e missões religiosas. Do mesmo jeito que sugeri que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha podem se tornar socialismos completos sem saber, também não é um sonho totalmente impossível que o mundo descubra, para sua grande surpresa, que já é praticamente uma cosmópole, através da extensão e do entrelaçamento dessas cooperações . Em todo caso, temos esse processo colateral muito poderoso, seguindo lado a lado com os esquemas políticos mais definidos que nós discutimos.

ad hoc Examinando as possibilidades desses vários ataques sobre os obstáculos, complicados e intrincados, que se levantam entre nós e uma nova e mais esperançosa ordem mundial, percebem-se tanto as razões para a esperança naquela grande

possibilidade, quanto o absurdo demasiado do excesso de confiança. Somos todos como soldados num vasto campo de batalha; não podemos ter certeza da tendência das coisas; podemos ficar exaltados quando a desilusão estiver laçando-se impetuosamente sobre nós; podemos estar à beira do desespero, sem saber que nossos antagonistas já estão em colapso. Minhas próprias reações variam entre uma fé quase mística no triunfo final da razão humana e da boa vontade, e a propensão de determinação estóica para continuar até o fim, diante do que parece algo como um desastre inevitável. Há fatores quantitativos nas perspectivas, para os quais não têm dados; existem elementos de tempo e oportunidade além de qualquer

estimativa. Cada uma dessas atividades que estivemos investigando, tende a atrasar a aproximação da destruição e fornece um ponto de apoio para uma nova contra-ofensiva ao adversário.

No companheiro predecessor deste livro, O Destino do Homo sapiens , tentei persuadir do fato de que nossa espécie não tem mais motivos para acreditar que possa escapar da derrota e da extinção, do que qualquer outro organismo que desempenhe ou tenha desempenhado seu papel no drama da vida. Eu tentei deixar claro como é precária a nossa situação atual e quão urgente é que façamos um esforço extenuante para nos ajustar agora. Somente um tempinho atrás, parecia que isso era um apelo a um mundo surdo e cego, invencivelmente plantado em seus modos habituais na questão sobre se essa inclinação ao pessimismo refletia um humor ou uma fase em mim mesmo, e eu apresentei uma sugestão qualificada ou algo assim; mas, da minha parte, não achei nenhum motivo sério para acreditar que o esforço mental que era claramente necessário para que o homem escapasse daquele destino que marchava sobre si, jamais seria feito. Suas resistências conservadoras, sua apatia, pareciam incuráveis.

Agora, de repente, em todo lugar, a gente se encontra com mentes alarmadas, abertas e perguntadoras. Até agora, as tremendas deslocações da presente guerra foram imensamente benéficas em despir o que pareciam ser ilusões

de segurança, bastante invencíveis, apenas um ano atrás. Eu nunca esperava viver para ver o mundo com seus olhos tão, amplamente, abertos quanto eles estão hoje. O mundo nunca esteve tão alerta. Pouco pode vir disso, muito pode vir disso. Nós não sabemos. A vida não significaria absolutamente nada se soubéssemos.

ORDEM MUNDIAL EM ESSÊNCIA

NÃO HAVERÁ, então, dia certo quando uma nova ordem mundial surgir. Passo a passo, aqui e ali, ela chegará e, mesmo assim ela surgirá, desenvolverá novas perspectivas, descobrirá problemas insuspeitos e seguirá para novas aventuras. Nenhum homem, nem grupo de homens, jamais será evidenciado como seu pai ou fundador. Pois seu criador não será este homem, nem aquele homem, nem qualquer homem, mas O Homem, aquele ser que, em alguma medida, está em cada um de nós. A ordem mundial será, como a ciência e como a maioria das invenções, um produto social,

onde um número incontável de personalidades terá vivido excelentes existências, derramando o seu melhor na conquista coletiva.

Podemos encontrar em pequena escala, um paralelo ao provável desenvolvimento de uma nova ordem mundial, na história da aviação. Menos de um terço de século atrás, noventa e nove pessoas em cada cem, teriam lhe dito que voar era impossível; pipas e balões e, possivelmente, até um dirigível elas poderiam imaginar; elas sabiam dessas coisas há uns cem anos; mas uma máquina mais pesada que o ar, voando e desafiando o vento e a gravidade! Aquilo elas entendiam que fosse absurdo. O suposto aviador era o típico inventor cômico. Qualquer cabra besta poderia mangar dele. Agora considere como o ar está, completamente, conquistado. E quem fez isso? Ninguém e todo mundo. Mais ou menos vinte mil cérebros, cada qual contribuindo com uma ideia, um dispositivo, uma amplificação. Eles estimularam um ao outro; eles saíram um do outro. Eles eram como gânglios excitados em um cérebro maior, transmitindo seus impulsos para lá e para cá. Eram pessoas das mais diversas raças e cores. Você pode registrar, quiçá, uma centena de pessoas aproximadamente, que figuraram conspicuamente no ar e,

quando você examina o papel que lhes tocou, descobrirá, em sua maior parte, que são meras celebridades do tipo Lindbergh, que se colocaram modestamente, mas firmemente no centro das atenções e não podem reivindicar, de maneira válida, qualquer contribuição

efetiva seja ela qual for. Você encontrará muitas disputas sobre registros e prioridade na criação deste ou daquele passo em particular, mas as linhas de sugestão, o crescimento e elaboração da ideia foram um processo completamente impossível de rastrear. Isso vem acontecendo há não mais do que um terço de século sob os nossos próprios olhos, e

ninguém pode dizer, exatamente, como isso se sucedeu. Um homem disse: "Por que não isto?" e tentei, e outro disse: "Por que não aquilo?" Uma vasta miscelânea de pessoas teve uma ideia em comum, uma ideia tão antiga quanto , a ideia de que "o homem pode voar" . De repente, rapidamente, ela se expandiu aquela é a única frase que você pode usar - que voar era possível. E o homem, homem como um ser social, voltou sua mente para isto seriamente e voou. Dædalus[104] Desse jeito, com certeza, será com a nova ordem mundial se ela alguma vez for alcançada. Uma crescente miscelânea de pessoas está dizendo - está acontecendo - aquela " Pax Mundial é possível" , uma Pax Mundial na qual os homens serão, não apenas unidos, mas livres e criativos. É, absolutamente, sem importância nenhuma que quase todo homem de cinquenta anos ou mais receba a ideia com um sorriso de pena. Seus principais perigos são o sujeito dogmático e o aspirante a "líder" que tentará suprimir todas as linhas colaterais de trabalho que não sirvam à sua supremacia. Esse movimento deve ser e permanecer em muitas cabeças. Suponha que o mundo tivesse decidido que Santos Dumont [105]

ou Hiram Maxim fosse o Mestre do Ar enviado do céu, tivesse lhe dado o direito de apontar um sucessor e sujeitado todos os experimentos a seu controle iluminado. A gente, provavelmente, teria o Mestre do Ar agora, com um cordão dos puxa-sacos aplaudindo, seguindo os pulos de algum aparato atrapalhado, inútil e extremamente perigoso através do país, com a mais elevada dignidade e auto-satisfação. . . . No entanto, é exatamente assim que nós ainda definimos nossos problemas políticos e sociais.

Estando com este fato essencial em mente, que a Paz do Homem só pode ser alcançada, se for alcançada de qualquer modo, por um avanço sobre uma longa e variada frente, em velocidade

alternável e com diversos equipamentos, mantendo a direção somente por uma fé comum na tripla necessidade de coletivismo, lei e pesquisa, nós percebemos a impossibilidade de desenhar qualquer quadro da nova ordem como se ela fosse tão segura e estável quanto a velha ordem se imaginava ser. A nova ordem será incessante; as coisas nunca irão parar de acontecer e, assim, ela desafia qualquer descrição utópica. Mas podemos, no entanto, reunir um número de possibilidades que serão cada vez mais praticáveis, conforme a maré de desagregação baixa e a nova ordem é revelada. Para começar com alguma coisa, nós precisamos compreender certas peculiaridades do comportamento humano que são, total e completamente, ignoradas na especulação política geral. Nós devemos considerar o papel muito importante que pode ser desempenhado em nossas dificuldades contemporâneas por uma declaração clara dos Direitos do Homem, e fizemos um esboço dessa Declaração. Não tem um item naquela Declaração, eu acredito, que um homem não considere ser uma demanda razoável – até onde ele é mencionado. Ele vai aderir a ela, naquele espírito, muito facilmente. Mas quando lhe pedem não apenas para ceder, pelo mesmo gesto, a todas as outras pessoas no mundo, porém como algo pelo que ele devia fazer todos os sacrifícios necessários para sua realização prática, ele descobrirá uma relutância em "ir tão longe assim" . Ele

encontrará uma séria resistência brotando de seu subconsciente e tentando justificar-se em seus pensamentos. As coisas que ele vai lhe contar serão muito variáveis; contudo, a palavra "prematuro" desempenhará um papel enorme nela. Ele demonstrará uma tremenda ternura e consideração com as quais você nunca lhe creditou antes, para com serviçais, trabalhadores, estrangeiros e, em particular, estrangeiros de uma cor diferente da sua. Eles se machucarão com toda essa liberdade

perigosa. Ele lhe perguntará: Eles estão prontos para toda essa liberdade? "Candidamente, eles estão prontos para isso?" Ele ficará um tanto ofendido se você responder: "Tanto quanto você" . Ele vai dizer, em um tom um tiquinho divertido: "Mas como você pode dizer isso?" e então,

saindo um pouco pela tangente: "Eu me assusto que você idealize suas criaturas- semelhantes. " Conforme pressioná-lo, você encontrará essa gentileza evaporando completamente da sua resistência. Ele agora está preocupado com a beleza geral e a boniteza do mundo. Vai reclamar que esta nova reduzirá o mundo todo a "um nível morto de uniformidade" . Você vai perguntar a ele: por que um mundo de homens-livres tem que ser uniforme e de um nível morto? Você não receberá resposta adequada. É uma suposição de vital importância para ele e ele deve se apegar a ela. Foi acostumado a associar "livre" e "igual" , e nunca teve a mente brilhante o suficiente para separar essas duas palavras e dar uma boa olhada nelas separadamente. Está, provavelmente, para retroceder a esse estágio sobre aquela bíblia do gentil impotente, o Admirável Mundo Novo de Huxley Carta Magna [106] , e implora para que você o leia. Você deixa de lado aquela fantasia desagradável e continua a pressioná-lo. Ele diz que a natureza fez os homens desiguais, e você responde que isso

não é motivo para exagerar o fato. Quanto mais desiguais e variados forem seus dons, maior é a necessidade de uma para protegê-los um do outro. Então ele vai conversar sobre estar tirando a vida do pitoresco e do romântico e você terá alguma dificuldade em conseguir definir essas palavras. Mais cedo ou mais tarde, ficará claro que ele acha a expectativa de um mundo no qual "Zé é tão bom quanto seu patrão" , desagradável em último grau.

Carta Magna Se você ainda sondá-lo com perguntas e sugestões importantes, começará a perceber quão grande é o papel que a

carência por glória acima de seus semelhantes desempenha em sua composição (e, por acaso, note, por favor, que você possui uma satisfação secreta vencendo o argumento contra ele). Ficará claro para você, se comparar o espécime sob exame com o comportamento das crianças, você mesmo e as pessoas a seu redor, sob qual necessidade urgente elas estão em relação ao senso de triunfo, de estar sendo melhor e fazendo melhor que seus semelhantes, e tendo esse senso sentido e reconhecido por alguém. É um impulso firme e mais profundo do que a luxúria sexual; é uma fome. É a dica para o desamor de tanta vida sexual, para impulsos sádicos, para avareza, acumulação e, contínuas e intermináveis,

desonestidade e traição, que dão aos homens a sensação de tirar o máximo proveito de outrem, mesmo que não consigam o apanágio. Em última instância, isto é o porque nós devemos ter leis e porque a Carta Magna e todos os seus documentos análogos estabelecem derrotar a natureza humana em defesa da felicidade geral. A lei é, essencialmente, um ajustamento daquele desejo de glória sobre outros seres vivos, em favor das necessidades da vida social, e é mais necessária em uma sociedade coletivista do que em qualquer outra. É uma barganha, é um contrato anti-social, para fazer o que nós deveríamos ter feito por e para reprimir nossos egoísmos extravagantes em troca de concessões recíprocas. E, em face dessas considerações, avançamos quanto à verdadeira natureza da fera com a qual temos que lidar, e é evidente que a

política do homem sensato, como as argumentamos, deve antecipar uma forte oposição a esse implemento vital primário para acarretar a nova ordem mundial.

Eu tenho sugerido que a discussão atual de "Metas da Guerra" pode, muito efetivamente, ser transformada na propaganda desta nova Declaração dos Direitos do Homem. A oposição a ela e

as tentativas que serão feitas para adiar, mitigar, abafar e esvaziá-la precisam ser vigiadas, denunciadas e combatidas persistentemente em todo o mundo. Não sei até que ponto esta Declaração que eu esbocei pode ser aceita por um bom católico, mas o Totalitário pseudo-filósofo insiste na desigualdade de tratamento para "nãoarianos" como um glorioso dever. Como os comunistas responderiam às suas cláusulas eu suponho que fosse depender das suas ordens de Moscou. Mas o que são chamados de "democracias" presumem-se ser diferentes, e seria possível agora fazer daquela Declaração um teste minucioso da honestidade e do espírito dos líderes e governantes em quem confiam. Esses governantes podem ser levados ao ponto, com uma precisão inatingível por qualquer outra maneira.

Entretanto, os tipos e personagens, autoridades e funcionários, indivíduos arrogantes e agressivos que irão se assustar com esta Declaração, contestá-la e desafiá-la, não esgotam as resistências de nossa natureza degenerada a esse implemento para o estabelecimento de justiça

elementar no mundo. Visto que uma proporção muito maior de pessoas dentre as "democracias" será encontrada, que prestará atenção e então, começa descobrindo como, em seu desejo inato por aquele senso de superioridade e vantagem que repousa tão perto do núcleo das nossas vontades individuais, descobrindo como elas podem sabotá-la discretamente e burlá-la. Mesmo que elas apenas fraudem-na só um pouquinho. Eu estou inclinado a

achar que essa perfídia é uma fraqueza universal. Eu tenho uma verdadeira paixão por servir o mundo, mas tenho uma disposição assaz aguçada para receber mais remuneração pelo meu serviço, mais reconhecimento, e assim por diante, do que mereço. Eu não confio em mim. Eu quero estar sob leis justas. Nós queremos lei porque somos todos potenciais infratores da lei [107].

Isto é uma considerável digressão dentro da psicologia, e eu não farei mais do que olhar de relance para quão amplo papel, este desejo por superioridade e maestria, tem tocado nas práticas sexuais da humanidade. Lá, temos os meios prontos para um alívio considerável dessa tensão egoísta na fanfarronice e segurança mútuas. Contudo, o motivo de sua digressão aqui é enfatizar o fato de que a generalização de nossas "Metas da Guerra" para dentro de uma Declaração de Direitos, embora simplifique enormemente a questão da guerra, não vai eliminar a oposição aberta e sincera, nem as infinitas possibilidades de traição e sabotagem.

Tampouco altera o fato de que, mesmo quando a luta parece estar caminhando definitivamente para uma socialdemocracia mundial, ainda pode haver atrasos e desapontamentos muito grandes antes que ela se torne um sistema mundial eficiente e benéfico. Inúmeras pessoas, de marajás a milionários e de verdadeiros cavalheiros a senhoras lindas, odiarão a nova ordem mundial, ficaram infelizes pela frustração de suas paixões e ambições através do advento dela e morrerão protestando contra ela. Quando tentamos estimar sua promessa, devemos ter em mente a angústia de uma geração ou mais de descontentes, muitos deles pessoas bastante galantes e de boa-aparência.

E não será matéria fácil minimizar a perda de eficiência no processo de mudança do espírito e do orgulho do trabalho de administração daquele investidor bem-remunerado, com uma

bela ostentação de gastos e uma esposa socialmente ambiciosa, para um homem relativamente menos bem-pago e com um elevado nível de autocrítica, ciente de que será mais estimado em razão do que ele coloca no seu trabalho que pelo que obtém dele. Haverá muita efusão social, tragicomédia e perda da eficiência durante o período da mudança, e é melhor estar preparado para isso.

Contudo, depois de fazer concessões a essas tensões de transição, nós ainda podemos esperar com alguma confiança por certas fases no início da Ordem Mundial. A guerra, ou o medo da dela, levarão todos os lugares à concentração de um vasto número de trabalhadores, à fabricação de munições e à construção de estruturas ofensivas e defensivas de todos os tipos, para a frota naval, as comunicações internas, estruturas de reposição e fortificação. Haverá tanto um grande acúmulo e controle de material e maquinário industrial, quanto também de mãos já bem acostumadas a manuseá-lo. Conforme a possibilidade de vitória conclusiva se esvai e essa bagunça de guerra passa de sua fase distintamente militar em direção à revolução, e conforme algum tipo de Congresso da Paz se reúne, será não apenas desejável, mas necessário aos governos, devolver esses recursos e atividades para a reconstrução social. Será, obviamente, muito perigoso e um desperdício colocá-los para fora do emprego. Eles certamente devem ter aprendido agora o que desemprego significa em termos de desorganização social. Os governos terão que restabelecer o mundo, planejar e edificar a paz, quer queiram, quer não queiram. Mas será perguntado: "Onde você encontrará o crédito para fazer isso?" e para responder a essa pergunta, devemos reiterar o fato de que o dinheiro é um instrumento e não um fim. O mundo terá o material e as mãos necessárias para um recondicionamento de sua vida em todo lugar. Eles estão todos ao seu redor agora clamando para ser usados. É, ou de qualquer jeito tem sido, a função do sistema de crédito

monetário contemporâneo reunir trabalhadores e materiais e estimular sua união. Esse sistema sempre justificou suas atividades nesse terreno, ou seja, seu direito de existir e, se ele não existe para esse propósito, então

para qual propósito existe e que outra necessidade tem para ele? Se agora o

mecanismo financeiro não quer funcionar, se ele nos confronta com um non possumus[108], então, claramente, renuncia a sua função. Então ele tinha que sair do caminho. Vai declarar que o mundo tinha parado quando a verdade será que a cidade tinha parado. É o escritório de contabilidade que faliu. Faz muito tempo que agora, um número crescente de pessoas faz perguntas sobre o escritório contábil mundial, indo até o fim para tais questões fundamentais como "O que é dinheiro?" e "Por que os bancos existem?" É desconcertante, mas estimulante, descobrir que não há resposta lúcida se aproximando.

Alguém pode ter imaginado que, bem antes disto, um dos numerosos grandes banqueiros e especialistas financeiros em nosso mundo, se apresentaria com uma justificativa clara e simples para as práticas monetárias de hoje. Ele teria mostrado o quão completamente razoável e confiável esse sistema de crédito monetário era. Ele teria mostrado o que havia, temporariamente, errado com ele e como colocá-lo para funcionar novamente, como o eletricista faz quando as luzes se apagam. Ele teria nos libertado de nossa angústia que se aprofunda por causa do dinheiro no Banco, nossa pequena reserva de títulos entocada, [109] o esvaziamento do colete salva-vidas da propriedade que garantiria nossa independência até o fim. Ninguém daquela

qualidade se apresenta. Não tem alguém tão grande quanto um Bagehot [110] nestes últimos dias. Fica cada vez mais claro para nós que não é totalmente um sistema e nunca foi um sistema, mas sim um acúmulo de convenções, usos, desenvolvimentos colaterais e expedientes compensatórios, que agora rangem e oscilam cada vez mais, e dando a todos o sinal de um colapso social completo e horripilante.

A maioria de nós acreditou até o último momento que, em algum lugar distribuído entre os bancos e prefeituras em um tipo de

escritório de contabilidade mundial, havia livros contábeis, quiçá numerosos e intrincados, todavia, no fim das contas, só contas convenientes. Somente agora está ficando claro, para as pessoas decentes e confortáveis, que a casa de contagem está em uma bagunça

desesperada, que códigos parecem ter sido perdidos, entradas erradas, adições desviadas para baixo da coluna, registros mantidos em tinta que se apagou. . . . Por anos, tem havido uma grande e crescente literatura sobre dinheiro. Ela é muito variada, mas tem uma característica geral. Primeiro, há uma rápida exposição do sistema existente como incorreto. Depois, há uma demonstração eloquente de um novo sistema como correto. Deixe isso ou aquilo ser feito, "deixe a nação possuir seu próprio dinheiro" , diz um profeta do rádio com sinceridade, insistência, simplicidade; e tudo ficará bem. Esses vários sistemas de doutrina rodam periódicos, organizam movimentos (com a camisa colorida completa), encontram-se, demonstram. Eles se desconsideram um ao outro explicitamente. E, sem exceção, todos esses reformadores monetários revelam sinais de extrema tensão mental. O problema secreto em suas mentes é a dúvida corroendo sobre se seu próprio "plano" eficiente, a panacéia, é de alguma maneira, obscuro e traiçoeiro e provavelmente os desapontará se posto à prova. A luta interna contra essa sombra intolerável trai a si mesma em seu comportamento exteriorizado. Suas cartas e panfletos, com apenas uma exceção, têm muito em comum com as cartas que se recebe dos lunáticos, de que

existe uma energia inesgotável a letras maiúsculas e termos abusivos. Eles gritam à menor provocação ou até sem provocação. Eles não estão gritando tanto para o leitor irritante, que permanece tão obstinado quando eles têm sido tão claros, tão claros, quanto para o sussurro cético dentro de si.

Porque não existe um sistema monetário perfeito por si só e nunca poderá existir. É um sonho como o elixir vitæ[111] ou movimento perpétuo. Está na mesma ordem de pensamento. Já temos chamado atenção, em nosso exame das propostas do Sr. Streit, sobre a União Agora, para o fato de que o dinheiro varia em sua natureza e operações, com a teoria da propriedade e distribuição, na qual a sociedade se baseia, que em um coletivismo completo, por exemplo, ele se torna pouco mais do que o cheque entregue ao trabalhador para permitir a ele comprar tudo o que quiser dos recursos da comunidade. Toda desvinculação da produção ou da empresa do controle coletivo (nacional ou cosmopolita) aumenta as funções possíveis do dinheiro e, portanto, faz dele algo diferente. Por conseguinte, pode haver infinitas espécies de dinheiro - tantos tipos de

dinheiro quanto existem tipos e variedades de ordem social. O dinheiro na Rússia soviética é um instrumento diferente do dinheiro francês ou americano. A diferença pode ser tão grande quanto aquela entre pulmões, bexigas natatórias [112] e guelras. Não é simplesmente uma diferença quantitativa, assim como muitas pessoas parecem imaginar, que pode ser ajustada variando a taxa de câmbio ou qualquer tipo de artifício, é mais profundo, é uma diferença de qualidade e de espécie. O pensamento disso, sem máscaras, faz com que nossas pessoas de negócios e de finanças se sintam desconfortáveis, confusas e ameaçadas, e continuem mudando suas barras de

ouro desta caixa-forte para aquela, esperando quase além da esperança que ninguém vá dizer mais nada sobre isso. Funcionou muito bem por um tempo, continuar como se o dinheiro fosse a mesma coisa em todo o mundo. Eles não admitirão como essa suposição está deixando de funcionar agora.

Pessoas inteligentes colheram uma certa vantagem de uma, mais ou menos definida, compreensão da natureza variável do

dinheiro, mas, desde que não se poderia ser um financista ou diretor de negócios sem uma fé subentendida no direito de alguém lucrar com sua inteligência superior, não parecia haver qualquer motivo para eles fazerem um escarcéu público sobre isso. Eles conseguiram seus lucros e os apartamentos foram deixados de lado. Nós compreendemos diretamente essa verdade não muito obscura de que pode haver, e há, diferentes tipos de dinheiro dependentes dos costumes econômicos ou sistema em operação, que não são realmente intercambiáveis, então fica claro que uma ordem mundial coletivista, cuja lei fundamental seja uma Declaração de Direitos como a que nós temos delineado, terá que continuar suas principais, suas operações primárias, pelo menos com um novo dinheiro mundial, um dinheiro especialmente planejado, diferindo em sua natureza de qualquer tipo de convenções monetárias que até agora tenham servido às necessidades humanas. Ele será emitido contra toda a produção à venda da comunidade, em troca dos serviços dos trabalhadores para a comunidade. Não haverá mais razão para ir à cidade por causa de um empréstimo do que para ir ao Oráculo de Delfos por causa de conselho sobre ele.

Na fase de estresse social e socialização de emergência pela qual nós estamos, certamente passando, esse novo dinheiro pode começar a aparecer muito em breve. Os governos, achando impossível recorrer aos emaranhados expedientes da casa de contas financeiras, podem tomar um atalho para

recuperação, requisitar os recursos nacionais ao seu alcance e colocar sua mão-de-obra desempregada para trabalhar por meio desses novos cheques. Eles podem executar acordos de permuta internacional em uma escala crescente. O fato de que a casa de contas está em uma bagunça sem solução por causa de suas tentativas desesperadas de ignorar a

natureza proteana[113] do dinheiro, se tornará mais manifesto à medida que ele ficar menos importante.

O crédito bancário e a reserva cambial além de todas as artes da agiotagem, usura e antecipação, certamente diminuirão juntas à medida que a Ordem Mundial se estabelecer. Se e quando a Ordem Mundial se estabelecer. Eles serão substituídos, como cascas de ovos e membranas fetais. Não há razão para taxar aqueles que idealizaram e trabalharam esses métodos e instituições como malandros e vilões. Eles fizeram isso honestamente de acordo com suas luzes. Eles eram uma parte necessária do processo de saída do Homo sapiens de sua caverna e descida de sua árvore. E o ouro, aquele adorável material pesado, será libertado de seus cofres e esconderijos para o uso do artista e do técnico - provavelmente a um preço consideravelmente inferior às cotações atuais. Nossa tentativa de prever a vinda da Ordem Mundial é enquadrada, então, em um imenso e crescente espetáculo de atividade construtiva. Nós podemos antecipar uma rápida transfiguração da face da Terra, conforme sua população é distribuída e redistribuída de acordo com os requisitos variáveis da produção econômica.

Não é somente que exista o que é chamado de falta de moradia em quase todas as regiões da Terra, mas a imensa maioria das acomodações existentes, segundo os padrões modernos, é

imprópria para a ocupação humana. Dificilmente existe uma cidade no mundo, o novo mundo [114] bem como o velho, que não precisem ter metade de suas moradias destruídas. Talvez Estocolmo, recondicionada

sob um regime socialista, possa alegar ser uma exceção; Viena estava esperançosa até que seu espírito foi quebrado por Dollfuss [115] e pela reação católica. De resto, por trás de umas poucas centenas de avenidas principais e paisagens, frentes para mares e rios, capitólios, castelos e coisas assim, favelas

e colônias imundas mutilam a infância e degradam e desvitalizam seus idosos entorpecidos. Você dificilmente pode dizer que as pessoas são nascidas em tais marginalidades; eles são apenas quase paridas.

Com a cooperação da imprensa e do cinema, seria fácil engendrar um interesse público e um entusiasmo mundialmente amplos pelos novos tipos de casas e móveis que agora estão ao alcance de todo mundo. Aqui estaria uma saída para o patriotismo urbano e regional, para vergonha, orgulho e esforço locais. Aqui estaria material sobre o qual discutir. Em todo lugar que homens e mulheres tenham ficado assaz ricos, poderosos o suficiente, e livres o bastante, seus pensamentos se voltaram para arquitetura e jardinagem. Aqui estaria um novo incentivo para viajar, para ver o que outras cidades e as zonas rurais estavam fazendo. O homem comum nas suas férias faria o que o milorde inglês do século XVII fazia; ele fazia seu e voltava de suas jornadas com desenhos arquitetônicos e conceitos para aplicação em casa. E essa construção e reconstrução seria um processo contínuo, um emprego continuado, indo de bom para melhor, na medida em que as forças econômicas se deslocassem e mudassem com novas descobertas e as ideias dos homens desenvolvidos. Grand Tour É duvidoso, em um mundo de necessidades e padrões avançando, se muitas pessoas gostariam de viver em casas manifestamente antigas, assim como não gostariam de viver

com roupas velhas. Exceto em alguns lugares do País onde edifícios antigos se casaram alegremente com alguma beleza local e se tornaram coisas quase naturais, ou onde alguma cidade grande tenha exibido uma fachada ousada para o mundo, duvido que haja muito a preservar. Em países tão grandes e abertos como os Estados Unidos, tem ocorrido um desenvolvimento considerável da casa portátil nos últimos anos. As pessoas rebocam um trailer atrás

de seus carros e se tornam nômades sazonais. . . . Mesmo assim, não tem precisão de se dissertar mais do que isso sobre uma riqueza sem fim de tantas possibilidades. Milhares desses que têm ajudado nas evacuações e mudanças, monstruosas e indelicadas, da população, que têm acontecido recentemente, devem ter tido suas imaginações agitadas pela percepção opaca do quanto melhor tudo isso poderia ser feito, se fosse feito em um novo espírito e com uma intenção diferente. Deve haver uma multidão de pessoas jovens e um tanto novas, maduras bastante para a infecção por essa ideia de botar em ordem e restabelecer o mundo. Os homens jovens que agora estão debruçados sobre mapas de guerra e planejando anexações e delimitações estratégicas, novas linhas Maginot, novos Gibraltares e Dardanelos, podem, atualmente, idealizar a feliz e saudável distribuição de rotas e distritos residenciais em relação a esta ou aquela região importante de fornecimento mundial para petróleo, trigo ou energia hidrelétrica. É, essencialmente, o mesmo tipo de celebração só que melhor empregado.

Considerações desse tipo são suficientes para fornecer um pano de fundo de atividades esperançosas à nossa futura ordem mundial. Entretanto, nem todos nós somos arquitetos e jardineiros, há muitos tipos de mentes e vários daqueles que estão treinando ou sendo treinados para as cooperações especializadas de estado de guerra e o desenvolvimento de um moral combatente, podem estar mais dispostos a continuar

com um trabalho, definitivamente, educacional. Dessa forma, eles podem demasiado facilmente, satisfazer a sede de poder e serviço honrado. Eles enfrentarão um mundo em extrema necessidade de mais professores e por professores propensos à inovação nos quais se inspirar. Em todos os níveis de trabalho educacional, do jardim da infância ao laboratório de pesquisa, e em todas as partes do mundo, desde Capricórnia ao Alasca e da Costa do Ouro ao Japão, vai ter

carência de trabalhadores ativos para colocar as mentes em harmonia com a nova ordem e resolver, com toda a racionalização de mão-de-obra, e multiplicando o aparato disponível, cinema, rádio, livros e fotos acessíveis e todo o resto disso, os intermináveis novos problemas de ligação humana que vão surgir. Lá, temos uma segunda linha de trabalho, ao longo da qual, milhões de jovens pessoas podem escapar da

estagnação e da frustração que se fecharam sobre seus antecessores, conforme a antiga ordem chegou ao seu fim. Uma variedade robusta e categórica dos novos jovens será necessária para o trabalho policial do mundo. Eles estarão mais dispostos a ter autoridade e a menos atividades de ensino ou criativas do que seus companheiros. O velho provérbio ainda se manterá para a nova ordem de que se precisa de todos os tipos para se fazer um mundo, e a alternativa para conduzir esse tipo de temperamento para dentro da conspiração, e combatê-lo e, se você puder, suprimi-lo, é empregá-lo, conquistá-lo, confiar nele e dar-lhe a lei por respaldo para respeitar e fazer cumprir. Eles querem uma lealdade e essa lealdade encontrará seu melhor uso e satisfação a serviço da ordem mundial. Eu observei, no curso das viagens aéreas que fiz, que os aviadores de todas as nações têm uma semelhança comum entre si, e que o vírus patriótico nos seus sangues é amplamente corrigido por um profissionalismo maior. Atualmente, a perspectiva perante um jovem aviador é morrer em uma espetacular rinha de cães antes dos vinte e cinco anos. Eu me pergunto quantos

deles realmente se alegram com essa perspectiva. Não é irracional antecipar o desenvolvimento de uma polícia de desarmamento ad hoc , que venha a ter sua maior força no ar. Quão facilmente o espírito de uma polícia aérea pode ser desnacionalizado é demonstrado pelo exemplo das patrulhas aéreas na fronteira Estados Unidos-Canadá, para as quais o Presidente

Roosevelt chamou a minha atenção. Há muito contrabando ao longo daquela fronteira e os aviões agora desempenham um papel importante na sua supressão. No começo, os Estados Unidos e o Canadá tinham, cada qual, seus próprios aviões. Então, em uma onda de consenso, os dois serviços foram agrupados. Agora, cada avião leva um funcionário da alfândega dos Estados Unidos e um do Canadá. Quando o contrabando é visualizado, o avião pousa sobre ele e qual oficial atua é determinado pela destinação das mercadorias contrabandeadas. Lá, nós temos um paradigma para um mundo lutando através da federação para a unidade coletiva. Uma polícia de desarmamento com sua força principal no ar, necessariamente, entraria em estreita cooperação com as várias outras atividades policiais no mundo. Em um mundo onde criminosos podem voar para qualquer lugar, a polícia deve ser capaz de voar para qualquer

lugar também. Já temos uma rede de trabalho mundialmente extensa, de homens competentes combatendo o tráfico de escravos brancos, o tráfico de drogas e assim por diante. A coisa já começa.

ad hoc Tudo isso que eu escrevo é para prover material imaginativo para esses que enxergam a ordem vindoura como um mero interrogatório em branco. O povo diz muita besteira sobre o desaparecimento de incentivo no socialismo. A verdade é exatamente o contrário. É a apropriação, criadora de

dificuldades dos recursos naturais pela propriedade privada, que rouba os ricos de incentivo e os pobres de esperança. Nossa Declaração de Direitos Humanos assegura ao homem a satisfação adequada de todas as suas necessidades elementares em espécie e nada mais. Se ele quiser mais do que isso, terá que trabalhar para tal, e quanto mais saudável, bem alimentado e melhor alojado ele for, mais entediado ficará por inatividade e mais ele desejará alguma coisa para fazer. Estou sugerindo o que ele provavelmente fará em

termos gerais, e isso é o máximo que se pode dizer agora. Podemos falar dos princípios gerais sobre os quais essas questões serão tratadas por um socialismo mundial em consolidação, porém, dificilmente, podemos nos aventurar a antecipar as formas detalhadas, a imensa riqueza e variedade de expressão que um número cada vez maior de pessoas inteligentes imporá sobre aquelas ideias primárias. Mas há mais uma sugestão estrutural que pode ser necessária para trazer à nossa ilustração. Até onde eu sei, foi abordada primeiramente por aquele pensador muito corajoso e sutil, Professor William James, em um pequeno livro intitulado

O

Equivalente Moral da Guerra.

Ele apontou a necessidade de uma concepção de dever coexistir, lado a lado, com a ideia de direitos, d’onde haveria alguma coisa na vida de cada cidadão, homem ou mulher, que lhe desse imediatamente um senso de obrigação pessoal para com o Estado Mundial. Ele alegou isso em relação ao fato de que continuará existindo, em qualquer ordem social

que possamos conceber, uma multidão de serviços necessários que, por nenhum tipo de estratégia, podem ser tornados atraentes como ocupações normais ao longo da vida. Ele não estava pensando tanto no problema, de solução rápida, das tarefas mecânicas pesadas, mas sim nas tarefas incômodas como as do carcereiro, do atendente de asilo; o cuidador de idosos e de doentes, enfermagem em geral, serviços de saúde e

sanitários, um certo resíduo da rotina religiosa, explorações e experimentos perigosos. Sem dúvida, a bondade humana é suficiente para fornecer voluntários a muitas dessas coisas, mas será que o resto de nós tem direito a lucrar com sua devoção? A solução é o recrutamento universal por um certo período da vida adulta. Os jovens terão de prestar tantos serviços e correr tanto risco para o bem-estar geral, quanto a comunidade mundial precisa. Eles estarão aptos a prestar esses serviços com a

renovação e o vigor daqueles que sabem que serão prontamente liberados e que encontram sua honra através do desempenho; eles não serão submetidos àquela tentação mortal da pusilanimidade auto-protetiva e à insensibilidade mecânica, que ataca todos os que são empurrados por necessidade econômica para essas convocações gerais para o bem.

É bem possível que uma certa porcentagem desses recrutas seja conquistada pelo interesse no que eles estiverem fazendo; o assistente do asilo pode decidir se especializar em trabalho psicoterapêutico; a enfermeira do hospital sucumbe àquela curiosidade que está por trás do grande fisiologista; o trabalhador do Ártico pode se apaixonar por seu deserto de neve. . . .

Uma outra probabilidade sedutora de uma ordem mundial coletivista, tinha que ser notada aqui, e é um enorme aumento no ritmo e na quantidade de pesquisas e descobertas. Eu escrevo pesquisas, porém, com isso eu quero me referir à investida de cano duplo contra a ignorância, o ataque biológico e o ataque físico, que é, geralmente, conhecido como "Ciência" . A "Ciência" chega até nós a partir da acadêmica Idade das Trevas, quando os homens tinham que se consolar por sua ignorância, fingindo que havia uma quantidade limitada de conhecimento no mundo, e pequenas aberturas em capuzes e batinas altivas sobre solteirões que

sabiam tudo o que havia para ser conhecido. Agora é evidente que nenhum de nós sabe

demais, e quanto mais nós examinamos o que pensamos saber, mais coisas até então não detectadas encontraremos escondidas em nossas pressuposições.

Até agora, esse negócio de pesquisa, que chamamos de "mundo científico" , tem ficado nas mãos de bem poucos trabalhadores, de fato. Rejeito a sugestão de que, em nosso mundo atual, de todos os cérebros capazes de contribuições grandes e magistrais para o pensamento e as conquistas "científicas" ,

cérebros da qualidade dos de Lord Rutherford, ou de Darwin, Mendel, Freud, Leonardo ou Galileu, nem um em mil, nem uma dentre vinte mil pessoas, jamais consegue nascer em condições que lhe permitam perceber suas oportunidades. O resto nunca aprende uma língua civilizada, nunca chega nem perto de uma biblioteca, nunca tem a menor chance de auto-realização, nunca ouve o chamado. Eles são subnutridos, morrem jovens, são mal aproveitados. E dos milhões que dariam bons, úteis e entusiasmados ajudantes de pesquisadores e de exploradores, nem um em um milhão é utilizado.

Contudo, agora considere como serão as coisas se tivermos uma educação ativa arejando o mundo inteiro, e se tivermos uma busca sistemática e continuamente mais competente por uma qualidade mental excepcional, e uma rede de oportunidades permanentemente mais extensa para isto. Suponha que uma mente coletiva despertando implique numa atmosfera de crescente respeito pelas conquistas intelectuais e numa crítica mais viva aos impostores. O que hoje nós chamamos de progresso científico pareceria um avanço pobre, indeciso e incerto em comparação com o que estaria acontecendo nessas condições mais afortunadas. O progresso da pesquisa e da descoberta produziu resultados tão brilhantes e surpreendentes no último século e meio que poucos de nós estamos cientes do pequeno número de homens ilustres que se preocuparam com elas e, de como as

figuras menores por trás desses líderes ficaram bem para trás numa comitiva de especialistas tímidos e mal-providos, que quase não ousam

enfrentar um funcionário público em seu próprio território. Esse pequeno exército, esse "mundo científico" de hoje, contando, eu suponho, da cabeça até o rabo, até a última lavadora de garrafas, não uma parelha de centenas de milhares de homens, certamente,

será representado na nova ordem mundial, por uma força de milhões, mais bem equipados, amplamente coordenados, livres para questionar e capazes de exigir oportunidades. Seu melhor não será melhor que o nosso, o qual não poderia ir além, mas eles serão muito mais numerosos e suas listas e fileiras, exploradores, mineradores, funcionários de equipes experimentais e um grupo enciclopédico de orientadores compostos de classificadores, coordenadores e intérpretes, terá um vigor, um orgulho e uma confiança que farão os laboratórios de hoje parecerem a meio caminho do retrocesso da alcova do alquimista.

Pode-se duvidar que o "mundo científico" irá rebentar desse jeito quando a revolução for alcançada e que o desenvolvimento do poder do homem sobre a natureza, sobre sua própria natureza e sobre este planeta, ainda inexplorado, sofrerá uma aceleração contínua com o passar dos anos? Nenhum homem pode adivinhar de antemão quais portas se abrirão nem sobre que país das maravilhas. Essas são algumas sugestões incompletas da qualidade dessa grande vida que uma nova ordem mundial pode abrir para a humanidade. Eu não vou especular mais sobre elas, porque eu não gostaria que dissessem que este livro é utópico ou "imaginativo" ou qualquer coisa desse tipo. Não escrevi nada que não seja estritamente razoável e praticável. É o mais sóbrio e o menos original dos livros. Acho que escrevi o suficiente para mostrar que é impossível aos assuntos mundiais permanecer

no seu nível atual. Ou nossa espécie luta pelos caminhos difíceis, embora bastante óbvios, que colecionei neste livro, para alcançar um novo nível de organização social, ou a humanidade entra em colapso. Pode haver uma pequena dúvida da abundância, animação e vigor de vida que aguardam nossas crianças naquele planalto. Se for alcançado. Não há dúvida de sua degradação e miséria, se não for.

LiteraMundo

No Litera Mundo, tornamos a literatura acessível a todos, oferecendo uma coleção de obras de domínio público. Nosso objetivo é preservar e compartilhar clássicos atemporais, incentivando a leitura gratuita e sem barreiras.

www.literamundo.com.br